

O PROBLEMA NAVAL

Condições actuaes da marinha de guerra e seu papel
nos destinos do paiz

POR

ARTHUR DIAS

Com um prefacio do Dr. Ruy Barbosa

« Dans ce livre où les critiques sont souvent vives... où les hommes et les choses sont d'autant plus sévèrement jugés que le juge se montre sans passion, presque à chaque page on voit apparaître ce nouveau Brésil, ce Brésil de l'avenir que s'ignore encore lui-même, quoiqu'il soit désiré, attendu, par les hommes avancés de tous les partis. »

L. COUTY.

Rio de Janeiro

OFFICINA DA ESTATISTICA

1899



O PROBLEMA NAVAL

THE NAVAL PROBLEM OF PORTUGAL AND BRAZIL
by António de Oliveira

LESTER B. DAVIS

Director of the Institute of International Studies

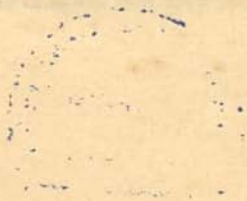
359(81)

DIA
EX. 2



PREFACIO

PREFACIO



PREFACIO

As circumstancias, que, ha mais de um mez, me affastam da imprensa, não me deixam prefaci- ar O PROBLEMA NAVAL do Sr Arthur Dias, com o estudo, que merece, e que as minhas sympathias por este formoso trabalho me estavam reclamando. O autor pertence ao escol desses moços destinados, pela modestia, pelo amor das lettras, pelos habitos meditativos, pelo criterio no talento, a manterem no seio da nossa juventude a presença viva dos bons modelos, cujo numero nos vai rareando sempre. Dessas qualidades é espelho o livro, cujas honras de apresentação ao publico eu quizera poder fazer condignamente, perlustrando, ao menos nalguns pontos capitaes, o grave assumpto que elle desenrolou.

Pelas suas relações decisivas com o futuro do paiz, a materia é das que devem romper o circulo dos profissionaes, e adquirir, pela vulgarisação, entre o commum das intelligencias a voga, a que tem direito. Esse caminho vem abrir a publicação

PREFACIO

deste escripto, obra insinuativa e captivante de um leigo para leigos, mas tecida conscienciosamente das idéas mais seguras e dos dados mais exactos que o juizo dos expertos e o saber dos technicos facilitam á intuição dos profanos.

Da grande necessidade por elle discutida cada vez se cura menos entre nós. Nas camadas officiaes a mais consummada incapacidade, nas populares a indifferença mais profunda condemnam á morte pelo resfriamento glacial essas questões, de que depende o nosso porvir. Todos os dias, nos factos mais comeseinhos e pelos casos mais repetidos, se evidencia, a esse respeito, nos homens, a quem o acaso e a intriga confiam a sorte de nossa patria, a ausencia, não só das faculdades superiores a que está ligada a providencia do futuro, como dos dotes vulgares, em que assenta a simples intelligencia do presente nos seus interesses mais elementares. Disso, quanto á marinha, acabamos de ter caracteristica amostra na commissão recentemente en-

viada á Europa, afim de acompanhar em seu derradeiro periodo a construcção dos vasos de guerra contractados pelo governo brasileiro. Nesses navios ha engenhos electricos, de extrema difficuldade e subtileza, a cujo movimento está subordinada a sua utilidade militar, mas de cujo uso não se tem ainda entre nós a menor pratica, e cuja sciencia nunca se poderá obter senão pela acquisição directa dos seus segredos nos estabelecimentos de onde saem essas delicadas machinas de precisão. Pois bem: tendo, no Arsenal de Marinha, uma repartição de electricidade e habeis engenheiros navaes, dedicados a esse ramo da sua profissão, a nossa administração actual não quiz mandar nenhum, para se industrialiar e adestrar depois os nossos marinheiros no uso daquelles apparelhos, affigurando-se-lhe que a lacuna se suppriria cabalmente com a assistencia de um machinista. É a ignorancia desacreditando a economia, e profanando-lhe desastradamente o nome. Mercê dessa

lamentavel confusão entre uma virtude e uma cegueira, esses vasos estão condemnados a não ter jamais, no Brasil, homens capazes de manejar-os, e a enferrujar, inúteis, no desuso dos instrumentos mais essenciaes ao seu destino.

Quem vê destas e doutras, não tem grandes motivos para esperar, nesta terra, a solução do problema naval. Ao menos não é desta geração que tal se poderia com probabilidade antever. Oxalá que a immediata se inflamme ao calor penetrante de corações como o do Sr. Arthur Dias, e a eloquencia de pennas como a sua nos prepare melhor gente, antes que seja tarde, e de todo nos anoiteça no horisonte.

Rio, 14 de Outubro.

Ruy Barbosa.

PRELIMINAR DO AUTOR

PRELIMINAR DO AUTOR

Este livro contém os estudos realizados pelo autor durante o curso de doutoramento na Universidade de Coimbra, sob a orientação do Sr. Dr. António de Almeida, e sob a supervisão do Sr. Dr. António de Almeida, e sob a supervisão do Sr. Dr. António de Almeida.

Esta obra contém os estudos realizados pelo autor durante o curso de doutoramento na Universidade de Coimbra, sob a orientação do Sr. Dr. António de Almeida, e sob a supervisão do Sr. Dr. António de Almeida, e sob a supervisão do Sr. Dr. António de Almeida.

Esta obra contém os estudos realizados pelo autor durante o curso de doutoramento na Universidade de Coimbra, sob a orientação do Sr. Dr. António de Almeida, e sob a supervisão do Sr. Dr. António de Almeida, e sob a supervisão do Sr. Dr. António de Almeida.

PRELIMINAR DO AUTOR

SI é patriotismo desviar os olhos das questões de defesa nacional, para não encarar com o perigo que ellas desvendariam, nós não somos patriotas.

Para nós outros, ser patriota não é abandonar taes questões, é suscital-as; não é negar o perigo, é descobri-lo; não é fazer sombra á verdade, e sim dizel-a, desassombradamente. Ao patriotismo, concebido e exercido d'este modo, nenhum dos assumptos que têm relação com o problema da defesa nacional póde ser extranho.

A falta de competencia, n'este caso, póde ser uma debilidade para elucidal-os, mas não deve ser, jamais, um obstaculo a que se os discuta; pensamos, até, que si os competentes, os autorisados, não os perlustram, quanto fôra preciso, a qualquer pessoa

que empunhe uma penna, corre a obrigação de fazel-o, manifestando-se com sinceridade sobre esses problemas que, afinal, interessam a toda a communhão.

N'este momento, o que se impõe ás indagações de todo brasileiro, o problema afflictivo cuja solução deveria ser o eixo da politica nacional — é o perigo marítimo, isto é, o desaparecimento da nossa supremacia naval no continente, a decadencia da marinha de guerra, ao tempo em que nações que a não possuíam, senão em estado de esboço, passam a exhibil-a forte, numerosa, imponente.

Escrevia ha pouco n'um livro que se leu muito, em Paris, o almirante Revéillère que « *a litteratura militar de um paiz é a caracteristica de sua armada e de seu exercito* ». Da exactidão d'este conceito podemos avaliar pelo pouco, quasi nada, que a gravidade do perigo marítimo tem conseguido inspirar á bibliographia militar da nossa patria.

Dir-se-ia, diante do espectaculo da nossa immensa linha de costas abertas a todas as aggressões, desprotegidas, inermes, que quanto mais se desarvora a marinha de guerra, quanto mais a nullificam para a missão de as defender, tanto menos nos inquietamos com o perigo, tanto mais fechamos os olhos á previsão dos acontecimentos provaveis. A não ser na China, ou na Hespanha, difficilmente

encontraríeis um caso semelhante, de apathia geral, em relação a negocio tão grave.

Reservamo-nos o direito de duvidar de que essa indiferença tenha attingido as classes armadas da nação. Si a questão não as agita, aparentemente, é forçoso procurar, n'uma explicativa qualquer (o desanimo talvez, talvez a falta de fé nos programmas governamentais de levantamento do nosso poder marítimo) a certeza de que aquellas classes acompanham com sollicitude, palpitando de interesse, o pouco que se intenta, o pouco que se escreve, o pouco que se lavra no terreno da propaganda, tendo como objecto a defesa nacional.

Todavia, não é precisamente a ellas que este livro se endereça; escrevemol-o para o grande leitor — todo mundo, — e mettemo-nos n'isso como quem se desobriga de um dever patriótico.

Pensamos que n'um momento, como o actual, em que se escreve pouco, e se trabalha menos (em relação ao objecto do presente livro) qualquer tentativa representa um esforço; qualquer esforço, por mais debil e obscuro, constituirá uma acção recommendavel.

Certamente dá uma prova de autonomia espirital, o homem que se propuzer a tratar, entre nós, de questões como as de que tratamos n'estas paginas da mais entranhavel cordialidade; quando os moços

se occupam em escrever versos e ler versos, e os velhos em fazer partidos e desmanchar partidos.

Não negamos que no momento do perigo uns e outros saberão :— *morrer bem* ; mas, o que seria conveniente é que estivessemos preparados para :— *sahirmo-nos bem* .

A questão capital, na actualidade, é a decadencia de nossa organização maritima.

O problema financeiro resolve-se por um pouco de ordem orçamentaria ; o problema economico se resolverá por uma partilha equitativa de obrigações e proveitos entre a União e os Estados ; os problemas políticos, da intervenção federal e latitude da soberania dos Estados, se reduzem a meras questões de hermeneutica constitucional ; o grande problema, porém, aquelle que affecta a propria existencia nacional, é o problema do poder maritimo do paiz, cujo deslinde não será obra de uma geração, mas que não póde ser adiado pela actual, nem por nenhuma.

Os perigos externos e os perigos internos crescem, paralellamente, á proporção que adiamos a reorganização da nossa marinha militar : a desenvoltura do egoismo europeu ; a subitanea loucura imperia- lista dos yankees ; a politicagem dos partidos dominando nos Estados e estragando, de ponta a

ponta, o regimen da federação,—eis neste momento o que se accumula, por todos os lados, entenebrecendo os horisontes da nação.

Em regra, precisamos levantar o espirito militar do paiz: quer o exercito, quer a marinha, quer as reservas de ambos estão reclamando algum carinho dos nossos compatriotas que legislam; cremos, contudo, que nada eguala o perigo maritimo na sua ameaça e na sua imminencia, como nada eguala a difficuldade de conjural-o, si a marinha continúa neste declinio em que descamba.

E' nossa opinião que, para o Brazil, o unico perigo é o perigo maritimo, mas com ser este o perigo unico, é tambem o perigo maximo, o mais ameaçador e o menos evitavel de todos os perigos.

Si cerramos os olhos para não n'o ver a historia que registrou, recentemente, as catastrophes da China e da Hespanha não deixará de lhes ajuntar, questão de tempo, tambem as nossas catastrophes.

Escrevemos, acima, que dava provas de autonomia espirital, deviamos dizer de verdadeira coragem, o homem que se propuzesse a tratar d'esta questão nos tempos que correm; insistimos, sabiamos disso, e, todavia, ali está o nosso livro.

Calculamos o que lhe vae succeder.

Uns, os doutrinarios, os philantropos, a numerosa familia dos *paisibles* de toda classe, nos

censurarão esta tentativa de resurgimento do que elles chamam o militarismo, attribuindo ás paginas d'este livro intuitos e virtudes que ellas estão longe de possuir; similhante gente não admittre que se falle em armas, nem em despezas militares, e, verosimilmente, nos exprobará, de coração, que desejemos ver o paiz enveredar pelo caminho da paz armada.

Outros, mais culpaveis, os optimistas, que julgam as coisas segundo as imaginam, não terão bastantes palavras de escarneo para este livro, pobre facho, bruxoleante, com que lhes queremos aclarar a visinhança do precipicio.

Nem uns, nem outros, nos farão justiça; não pregamos o dilettantismo da guerra, nem insinuaremos que os governos devem se arrojar desaperadamente n'uma politica de armamentos e de militarisação do paiz. Tambem não poupamos incriminações á desidia pasmosa da que se tem seguido até agora; adoptamos uma posição média, distante igualmente d'um como d'outro extremos. Aconselhamos a politica da previsão, da vigilancia, dos aprestos racionaes, dos apercebimentos indispensaveis, para que no dia da provação o paiz não seja tomado de surpresa.

Com a historia de todos os povos maritimos deante dos olhos, persuadimo-nos de que é insus-

tentavel a existencia dos que, banhados pelo mar, não souberem ser fortes sobre o mar.

Isso foi o que gerou os cuidados palpitantes em cada uma das paginas aqui enfeixadas; e isso é o que, patriota, não sabemos escurecer, nem occultar.

RIO DE JANEIRO, ABRIL, DE 1899.

ARTHUR DIAS.

« — Está caracterizado como uma mania o se querer fallar de marinha, o se querer salvar a marinha, etc....

— Póde-se responder a isso : é que o problema marítimo é muitissimo serio, pois é sabido, é mais do que sabido, que no mar, juntamente com os maiores perigos estão as menores defesas, e emtanto, nelle reside a fonte precípua da existênciá. »

E. MESTURINI.

(*Marina Nuova*. Pag. 17.)

Nações vivas e nações mortas ⁽¹⁾

Os povos debeis perante o egoismo das potencias. — O perigo americano. — O discurso de Lord Salisbury. — Elações. — Nações vivaces e nações moribundas. — A hypocrisia britannica. — Utopias e realidades tangíveis. — A guerra marítima hispano-americana. — Só os povos apercebidos conseguem ser respeitados.

SALVO um ou outro caso exceptivo, que não serve senão para confirmar a regra, a politica internacional é uma alta escola do egoismo mais desapoderado. O culto da justiça é a suprema impostura das nações poderosas contra os povos debeis. Os esta-

(1) Do presente capitulo, e com este mesmo titulo, já publicamos alguns fragmentos, n' *O Debate*, de cuja redacção faziamos parte, e sahiram a 11, 14 e 17 de setembro de 1898.

distas fallam disso com a sinceridade de quem conhece pela experiencia de Machiavel, que — *quem não sabe dissimular não sabe reinar*. O Direito Internacional não passa d'uma abstracção, uma chimera, e é maxima que — só os fortes serão respeitados. Os tratados e a diplomacia ficam cada vez mais inefficazes para assegurar qualquer vantagem duradoura aos povos que ainda acreditam no dominio das idéas juridicas nas relações de povo a povo.

O curioso, porém, si é que ha alguma curiosidade nisso, é que quanto mais exposta e inerme é uma nação, tanto maior é a sua reserva de ingenuidade, tanto mais credulamente se deixa enleiar nessas ficções irrisorias de Direito Internacional é semelhantes.

Taes nações confiam demasiado na moral politica das grandes potencias, e se abandonam a illusões perigosissimas, negligenciando por completo toda idéa providente, toda medida de precaução ; de modo que,

não é raro vê-las sossobrem em catastrophes inopinadas que sobre ellas abatem.

Quando se verifica um desses lugares da historia, é inutil perder tempo em investigações sobre a natureza e a origem do successo: os manejos do egoismo europeu explicam tudo.

Do egoismo europeu, dissemos? Ha um novo factor em scena, desgraçadamente para nós, muito mais ameaçador que qualquer outro: — o egoismo yankee.

Nós brazileiros, que estamos no numero das nações fracas, temos tudo a prever, tudo a temer, da nova grande potencia.

As suas recentes victorias, tão faceis quão estrondosas, fizeram-lhe subir o sangue á cabeça; inebriados pela gloria das armas, a mais empolgante talvez das paixões energicas, deixaram-se possuir, subito, do velho appetite de conquista anglo-saxão, latente até ha pouco, e aquillo que noutro tempo, entre elles, seria apenas um thema *pleasantly*, tomou corpo e é assumpto de discussão e proje-

ctos : a absorpção das republicas neo-hespanholas.

Está claro que vamos de cambulhada ; quando se falla das republicas neo-hespanholas, nessa designação, que em labios anglo-saxões contém virtualmente um vituperio, o Brazil vae, tambem, comprehendido. E não ha de que nos agastarmos ; que não temos nos aparelhado melhor do que qualquer dellas para as eventualidades, desse e similhantes calculos annexionistas.

Antes, quando só havia a ameaça das potencias europeas, descansavamos na intervenção norte-americana que ellas temiam, sempre actuando a força centrifuga dos interesses individualmente antagonicos, a qual lhes impossibilita uma acção em commum ; agora, porém, associada ás mesmas tendencias, convertida á mesma moral do egoismo, desapareceu a protectora, e augmentou-se de mais uma o numero das ameaças. Então, sem ponderador que o equilibrio, o egoismo

actuará, pela propria inercia do peso, levando de vencida todas as conveniencias, todas as exterioridades impertinentes do Direito, contra os povos desarmados que não deixarão de se submeter.

Eis ao que nós chamamos o perigo americano.

A America do Norte renunciou ostensivamente (já o tinha feito de facto desde a annexação do Texas, etc.) a politica puritana dos fundadores da nacionalidade, e passou-se, sem embaraços de consciencia, para o grupo das potencias annexionistas.

A absorpção das ilhas Haway, de Porto Rico, Cuba, Filippinas, de Samôa, em via de execução, não promete que os Estados Unidos se saciarão cedo; tudo induz a contar com a sua presença nas ilhas da America Central, depois em Nicaragua, Honduras, e em seguida ás republicas que estão sob o Equador, sob o tropico de Cancer, e por fim todo o continente meridional.

Isso, verosimilmente, não será tarefa cujo termo nenhum povo possa contar para cinco ou dez annos. Já o *Spectator*, de Londres, calcula que só na conquista e povoamento do Brazil os americanos consumirão pelo menos uns vinte annos.

Bem ; ha tempo para a reflexão, isto é : para os que governam reflectirem.

Mas, afinal dada a hypothese do nosso enfraquecimento, das nossas discordias domesticas, que haverá de difficil, na execução de um tal plano, que não possa ser removido pela invencivel tenacidade e pelos gigantescos recursos materiaes daquelle povo ?

O que vemos é que, desde que o contagio expansionista se apoderou da grande republica, o velho sonho da absorpção dos continentes, que até então se manifestava por meras expressões economico-commercialles, por um pan-americanismo aduaneiro, federação platónica de interesses continentaes, sob a fórma de convenios e actos de diplo-

macia; repentinamente assume o aspecto e os caracteres de uma paranoia colectiva, de uma doença obsedante, de que toda a população foi attingida.

O delirio já passou o seu periodo de incubação, anda agora pela phase que um psychiatrista chamaria de systematisação inicial.

Um addido militar, o Sr. Shypton, foi enviado ao Brazil (nem durante a guerra do Paraguay tivemos disso). Cuidaes que elle vem ver, colher informações sobre o estado de cultura e capacidade militar do nosso exercito ; mas, a prova de que elle não tem se conduzido improficuamente na sua missão, é que, num requinte de gentileza para com o nosso paiz, propoz uma permuta de... mappas topographicos do Brazil, por outros do seu paiz. O governo, gentileza por gentileza, mandou-lh'os fornecer ; e estamos certos, que figurarão nos archivos do Estado-Maior e do Conselho de Estrategia em Washington.

Ao mesmo tempo uma canhoneira, a *Wilmington*, em trabalhos de hydrographia e oceanographia, pela America Central e do Sul, sobe o rio Amazonas, sem licença, que calculava não lhe fosse dada pelo nosso governo, para navegar as aguas interiores do paiz. Quando o poder publico concedeu a licença, pedida pelo ministro daquella nação, já a *Wilmington* ia adeantada em seus trabalhos de levantamento de plantas, sondagens, etc., das fronteiras amazonenses.

Completando este trabalho regular, de avançadas, está a chegar uma commissão *scientista* incumbida de visitar as cidades do littoral, toda a linha de costas, no Atlantico e nos rios.

Por outro lado o exercito da republica, não obstante terminada a guerra com a Hespanha, é elevado a um effectivo de 200.000 homens, e os arsenaes do governo e particulares mettem mãos á obra da construcção de uma esquadra de grandes couraçados e

torpedeiras, junto á qual a que acaba de vencer a Hespanha não passará dum brinco ; estas forças collossaes, depois de vencidas as Filippinas, e pacificado todo o novo imperio colonial yankee, necessitam ter uma occupação adequada que não será por certo as guarnições de occupação territorial. As republicas da America Central sabel-o-ão dentro d'alguns annos.

Todavia, só incidentemente estamos alludindo a este episodio caracteristico da actualidade, sem lhe darmos mais vulto do que elle póde ter : incognita de um problema, que, pelo que nos toca, está em nossas mãos resolvel-o. O que objectivamos é estabelecer, como ponto de partida, para os raciocinios de que temos de nos servir, no presente livro, estas proposições :

1) O egoismo e a arrogancia das grandes potencias não se annullaram pela diffusão

das idéas moraes do nosso tempo, antes têm se fortalecido, com a apparição de novas potencias annexionistas ;

2) O Direito Internacional e o culto da justiça têm uma efficacia nulla nas relações das potencias com os povos debeis ;

3) Toda nação que se abandona á fé nessa efficacia faz subentender a renuncia tacita de sua soberania.

Acreditamos que estas proposições não encontrarão nenhuma difficuldade para serem admittidas pelo leitor ; comtudo, vamos pedir a um documento da maior importancia, ao depoimento expontaneo de um homem de Estado, a demonstração do nosso enunciado.

E' a um discurso recentemente proferido, na *Primerose League* pelo maior politico da Inglaterra, neste momento, e o mais solemne, pelas responsabilidades do governo que representa.

Eis o topico, deste discurso, que nos interessa:

Lord Salisbury, disse perorando:

«Ha nações vivas, nações mortas e nações de enorme poder, cujos caminhos de ferro lhes dão facilidade para encontrarem rapidamente toda sua população militar, reunindo exercitos cuja magnitude e poder nunca sonharam as gerações passadas.

A ambição dessas nações provocará sangüinolentos conflictos com o andar dos tempos.

Tambem ha nações moribundas, desprovidas de homens eminentes, e de estadistas em que o povo possa depositar a sua confiança, e que cada vez se approximam mais do termo fatal dos seus tristes destinos, embora se agarrem com extranha tenacidade á vida. Restam-lhes máos governos, que se succedem sem razão nem accordo e a sua administração cada vez é mais corrompida.

A maioria d'essas nações é pagã ; mas, tambem ha alguma christã. E' impossivel predizer quanto durará este estado de cousas.

O que é fóra de duvida é que as nações debeis se vão debilitando cada vez mais, e as nações fortes se vão robustecendo.

As nações vivas hão de se ir apoderando dos territorios das nações moribundas, e este é um viveiro de conflictos que, mais ou menos brevemente, poderão brotar. »

Como vê o leitor, as doutrinas da supremacia da força, e da absorpção das nações debeis pelas nações fortes, são os termos que dominam a peroração do primeiro ministro inglez, e ellas fortalecem, dum modo absoluto, as nossas proposições linhas acima.

Por mais repugnantes que sejam á moral individual, e aos principios liberaes do nosso seculo, estas doutrinas da força, como razão de ser do equilibrio social; não ha negar que ellas dominam de facto, e para o estadista todo bem que elle póde fazer á sua patria consiste em não desarmal-a na concorrência,

o que se consegue sómente por uma ductilidade pratica e por um desapego deliberado de certos ideaes compromettedores.

A chronologia e a historia, porém, ahi estão nos mostrando, nas desgraças de tantos povos, que formidavel logica, que verdade brutal se contém nas doutrinas do estadista britannico. Aquella peroração, de algumas poucas linhas, nos revela o segredo millenar da grandeza dessa raça. Insulada duas vezes, nas solidades do oceano e no desprezo de todas as idéas de generosidade, a Inglaterra tem se nutrido da medulla desses principios brutaes e nelles haurio a força mysteriosa da sua pujança inegualavel.

O que nos admira, pois, não é que um primeiro ministro inglez reconheça isso, mas que o proclame; porquanto, a franqueza não é precisamente uma das virtudes inglezas.

Logicamente, a dissimulação é muitissimo preferivel.

**

Não temos nenhum constrangimento em divulgar nossa pouca sympathia pelos politicos inglezes, d'um modo geral, e, especificadamente, pelos politicos da actualidade, que se inculcam campeões das melhores idéas liberaes, mas ainda não tiveram animo de accudir aos infortunios da Irlanda, ao seu clamor secular, ás suas dores profundas.

Professando uma execração instinctiva contra toda a sorte de impostura, sentimos que a nossa admiração pela grandeza desse paiz se rarefaz, se dissolve á contemplação dos processos tortuosos, das fallacias e dos enliços que emprega habitualmente, e formam o urdume da sua politica com os povos fracos; processos, aliás, que não destoam num povo do qual já houve quem escrevesse: *le premier fruit de la société anglaise est l'hypocrisie*. (1)

(1) — H. Taine — *Essais de Critique et d'Histoire*. Paris, 1858. Pag. 111.

E' verdade que, para responder a este insulto, já estava escripta a defesa, e em excellentes versos de Boileau, muitos annos antes:

Qu'importe qu'en tous lieux on me traite d'infâme?
Dans mon coffre, tout plain de rares qualités,
J'ai cent mille vertus en lous bien comptés.

Mas, entrando no assumpto, essa particular disposição, do nosso espirito, não impede que rendamos preito á verdadeira sabedoria, proclamando com expontaneidade a razão e a justiça, quando ellas scintillam num feito inglez.

O leitor quer saber quando as nossas prevenções se convertem em admiração e applauso, tratando-se dos politicos de Inglaterra?

E' quando elles, alguma vez, se descartam de sua hypocrisia para nos fallar, de coração aberto, sem euphemismos delu-

sorios, dizendo o — « sim, sim » o « não, não » — com aquella inteireza d'alma que o Christo recommendou na allocução da montanha.

Ora, está neste caso o discurso de Lord Salisbury, a que nos reportamos anteriormente.

Nesse discurso, que suscitou um interminavel reboar de commentarios, o presidente do conselho de ministros da Gran-Bretanha se alheando daquelles refolhos e hypocrisias de palavras — não ficariam nada mal numa pagina da *School of Scandall*, de Richard Sheridan, ou melhor nas d'*O Principe*, do velho Machiavel — proclamou, com firmeza, a theoria da força onde reside a origem matriz da prosperidade e da grandeza das nações.

Nações fracas e nações fortes — são conceitos inexpressivos; o que existe para o raciocínio de Lord Salisbury são : — nações vivas e nações mortas.

O que se contém, de abalador e erodente dos platonismos neo-latinos, nesta fórmula laminar, é uma applicação das leis darwinicas aos dominios do direito publico e da philosophia politica ; é a generalisação do *survival of the fittest*, da lei de sobrevivencia dos mais aptos, aos organismos sociaes ; e, pois, o ministro inglez não proferiu nenhuma heterodoxia, nenhum dispafterio perante a sciencia, nem perante o senso commum, quando formulou a sua theoria da força como a gemula productriz da grandeza das nações.

Antes, elle teve um acto de franqueza exprimindo seu pensamento sem circumloquios inuteis.

Já, ha bem uns trinta annos, na Allemanha, o fallecido Bismarck perorando no parlamento prussiano, externava-se com a mesma sincera rudeza, nestas palavras que assignalam a orientação politica de uma

época: « As grandes questões do nosso tempo não se resolvem com discursos nem com vo- tações, mas a sangue e fogo », e os commen- tários que hoje sublinham a theoria de M. de Salisbury não fazem mais do que repro- duzir, observantissimamente, a mesma com- plexão de sentimentos daquela quadra; censura-se agora a arrogancia da doutrina ingleza, do mesmo modo que na Allemanha « se vociferava hypocritamente contra a inauguração da politica de força, como si em politica se tivesse feito, jamais, alguma cousa de grande e de justo sem o uso da força ». (1)

Não padecemos desta amaurose que ennoi- tece a retina ás radiações edificativas da historia, e á sua luz resplandescente é que podemos formar nossa convicção a respeito da excellencia dessas verdades; não pôde haver nenhuma duvida de que é na força

(1) Johannes Scherr — *Dois mil annos de historia allemã* (versão hespanhola). Barcellona. Pag. 427.

que residem, primordialmente, as garantias da grandeza de um povo.

Si a nós brasileiros, como aos povos em formação no continente, esses principios enojam ainda, é porque, como pensava Littré « faz-se preciso tempo para que uma nação inferior se compenetre das idéas de uma nação superior, e tempo tanto mais longo quanto for grande a distancia que as separa ».

A seu tempo os nossos politicos se convencerão de que convém andar mais *terre a terre* dessas doutrinas.

Entretanto, não se deve entender que taes doutrinas são uma descoberta recente.

Taine respondendo, no prologo de um dos seus livros, a certa critica de Saint-Beuve, de Prevost-Paradol, e outros, escreveu que « não ha um pensamento, uma idéa de que não se possa mostrar o trajecto e a origem », e effectivamente assim o é. Este principio da predominancia dos mais fortes, da victoria do melhor aparelhado, applicado á po-

litica internacional, e que se concretisa na formula de Salisbury—*nações vivas e nações mortas*,—nada tem de novo, podendo ser assignalado atravez das vicissitudes da historia, desde um passado longinquo, a explicar as causas do apogeo, ou do desaparecimento dos Estados.

O que é do nosso tempo é a diffusão das noções de ordem geral, a cultura scientifica das massas elevada a um nivel que as habilita a poderem ouvir, sem as explosões antanagógicas do sentimentalismo antigo, a declaração de principios como os que expendeu, no seu discurso, o marquêz de Salisbury.

Por mais numerosa que seja a multidão dos idealistas, dos que se embalam ainda hoje aos devaneios e ás evagações da Paz Perpetua, é fóra de duvida que ainda está muito longe, mesmo além do que se pôde

calcular, a idade em que as guerras desaparecerão dentre as varias nações.

Mesmo não querendo encaral-a sob o ponto de vista da ethographia e da sociologia, o que nos revelará a guerra como tendo uma acção civilisadora, tudo nos induz a pensar que é uma utopia, talvez a maior das utopias, o seu desaparecimento da serie dos factos sociaes ; « *ella*, escreve um autor, *é tão natural como todos os demais actos resultantes das relações internacionaes, o commercio, a industria, etc.* » (1)

Devemos, sem duvida, empregar toda energia da vontade, todo o poder das suggestões moraes para que ella se produza o menos possivel ; mas pretender supprimil-a da ordem dos phenomenos sociologicos, é uma preocupação que só espiritos alheios á historia das nações poderiam abraçar.

(1) Clausewitz—*Le Droit des Gens à la guerre*. Paris, Librairie Berger-Levrault & Co.

Todas estas aspirações de concordia universal, de tribunaes de arbitragem, e até a recente idéa do desarmamento geral, bafejada pelo czar Nicolau II, neste momento discutida no congresso de Haya, foram assumpto das divagações dos philosophos, mórmente de 1700 ao começo do nosso seculo; entre cem outros poder-se-ha citar Bentan, na Inglaterra; E. Kant, na Allemanha, com o seu *Programma da Paz Perpetua*; Saint-Simon; Fourier, que cogitaram amplamente dessas idéas generosas; mas, isso não quer dizer que ellas tenham ultrapassado jamais os dominios especulativos.

De modo que, nenhum governo até hoje teve animo de aventurar os interesses da defesa de seu paiz num ensaio dessas miragens philosophicas; mas, a causal é obvia, o senso commum dos verdadeiros estadistas tem qualquer coisa daquelle scepticismo que Molière poz na bocca de seus dois personagens:

« D. JUAN — ...*le qui je crois ?* »

SGNARELLO — *Oui.*

D. JUAN — ...*crois que deux et deux sont quatre, Sgnarello, e quatre e quatre sont huit. »*

Ainda ha pouco tempo, um verdadeiro pensador e tratadista militar escrevia estas palavras, que endereçamos aos nossos homens :

« Si nossa patria repousar sobre seus louros, e abandonar-se á doce illusão de que sua existencia, seu decóro e sua segurança estão garantidos ; que seus visinhos não são tão mal intencionados como se diz ; ella virá fatalmente a ser preza do primeiro aggressor.

Devemos detestar a guerra; mas, detestando-a, é preciso não esquecer que ella não pretere o interesse supremo da nação. Em nossa epoca de sciencia e de descobertas, o superior na arte da guerra é tambem o mais

forte no commercio e o mais rico em industria ». (1)

Estes conceitos do apreciado autor d'*A nação em armas*, de *Rossbach* e de *Jena*, etc., citamos como um esteio á nossa propria opinião.

Convém encarar estas cousas como ellas são e nunca como desejaríamos que o fossem.

* * *

Numa palavra, não vae mal render preito aos philantropos, comtanto que não se perca de vista o mundo real das cousas.

Actualmente se reconhece que as guerras são superveniencias fataes na vida das nações, e todo o progresso consiste, não em querer extirpal-as, o que seria tão pueril como pretender impedir ou graduar as sen-

(1) Barão Kolmar von der Goltz — *La nation armée* (Das Volk in Waffen). Traducção de Ernest Jaeglé, 1ª edição, pags. 2 e 3.

sações nos individuos vivos, extinguir os sentimentos e as paixões no funcionamento organico ; mas em soffreal-as nos limites da moral, subordinal-as ao interesse da civilização, amortecendo-lhe os effeitos destruidores, as manifestações de deshumanidade e barbaria ; tirar-lhes, emfim, todo caracter de guerras de religião, de conquista, de vingança ou de oppressão.

E, pois, si é forçoso contar com ellas, não se deve reputar acto de sabedoria o apego ás illusões philantropicas, que leva certos paizes a descuidarem as suas condições de nação fraca, e a despresarem a noção racional da força como base das combinações do Direito Internacional.

Quando se trata da segurança do paiz, toda illusão é perigosa; toda impostura, um crime enorme; todã imprevidencia, uma proxima catastrophe.

Já passou o tempo em que, a respeito da defesa da nação, bastava psalmodiar como o

rei David : « *Nisi Dominus custodierit civitatem, frustra vigilat qui custodit eam.* » (1)
Si o senhor não guardasse o paiz seria inutil qualquer defesa, e pelo tanto, nada de providencia, nada de providencias ; e isso tranquillisava, nas seguridades e na espessidão da sua fé, a alma ingenua de outr'ora, quando o canhão raiado, o tiro rapido, o obuz de pyroxila, a chapa *harweysada*, o torpedo electrico e outras fagulhas da carisma scientifica, não haviam apparecido ainda, para abalar, nas suas commissuras, a confiança impenetravel dos homens de hontem no grande Deus que defende as cidades.

Para os homens de hoje, e dado o avanço cada dia mais firme das descobertas e applicações scientificas, juxtapostas ás virtudes e ás heroicidades, antigas, já não é permitido repousar só na intervenção da Providencia ; as garantias da independencia nacional estão

(1) — Psalmo CXVII — I.

menos na intervenção divina do que no calibre que méde o diâmetro das almas e calibres dos canhões ; tão pouco se deve descansar sobre os prodígios do patriotismo, do valor individual, das virtudes activas do nosso povo, assim como nos milagres do imprevisto e do acaso, que têm sido algumas vezes a unica protecção das nações fracas.

Posto que, já Laplace dizia no seu tempo que «com o auxilio das mathematicas sujeitava ao calculo a probabilidade de todos os acontecimentos, banindo esta palavra—Acaso.»

Actualmente todos os dados estão ponderados e medidos, ácerca das condições de resistencia e fortaleza de cada Estado ; e a formula do primeiro ministro inglez—*nações vivas e nações mortas*—corresponde absolutamente á essencia de uma verdade de philosophia politica, tal como póde ser verificada a cada instante.

O erro maximo entre os povos representantes actuaes do grupo grego-latino é impregnarem suas normas politicas de grandes laivos de phantasia e idealismo, a que subalternizam o lado pratico das coisas; abandonam-se ás preoccupações romanticas, descurando os duros problemas da existencia real; têm a concepção poetica da vida, mas porfiam bem pouco por attingir á satisfação das necessidades fataes de nossa condição humana.

Os povos das raças septentrionaes se conduzem, inversamente, por processo todo pratico: naquelles prepondera o sentimento, nestes a razão fria.

Elles se desvanecem disso razoavelmente.

Macaulay estudando um philosopho seu compatriota, o grande Bacon, não lobrigou nada mais glorioso, em sua obra, do que o espirito pratico de que toda ella é perpassada.

O *util*, eis o que predomina, o que emerge da philosophia desses povos, emquanto que na dos povos meridionaes a disquisição mais penetrante não descobriria senão phrases, sonhos, miragens, palavras.

Macaulay faz, a proposito, uma pagina comparativa (!) entre o grego Epicteto e seu compatriota Rogerio Bacon, da qual resalta a superioridade *util* das descobertas, experiencias, applicações, etc., provenientes das theorias deste, contra a improductividade da obra do philosopho hellenico.

E' na politica, sobretudo, que a divergencia destes innatismos de raça se manifesta mais vivamente.

A historia está cheia de mil depoimentos incontrastaveis, e agora mesmo o duello sanguinolento, que poz termo ao papel colonizador da Hespanha na America, vem adduzir mais um documento, mais uma lição ater-

(!) Macaulay — *Critical and historial essays*.

radora, comprobativos da intuição de Lord Salisbury ácerca das nações vivaces e das nações moribundas.

Quando os jornaes e os jornalistas dos povos grecco-latinos apreciam os resultados desta guerra sob o ponto de vista do direito das gentes, da politica internacional, etc.; o povo yankee, seus jornalistas e politicos fazem o inventario do custo e do producto da guerra; e regosijam-se, não pelas glorias militares alcançadas, mas por verificarem que, feitas as addições e subtracções necessarias, o conflicto foi... um bom negocio.

♦♦

Mas, encaminhem-nos para o objecto dessa referencia, a guerra hispano-americana, que será tambem um dos themas de nossa argumentação no presente livro.

As faculdades de intelligencia e de imitação instinctiva, tão largamente distribuidas pela natureza á nossa raça, poderão deixar

correr, desse facto recentissimo, o ensinamento, o aviso salutar que elle contém?

Fazemos votos — iamos jurar que o leitor nos acompanha nisso — para que a lição da presente guerra nos sirva de alguma cousa ; ella que veiu justificar, na mais ampla latitude, a theoria do Marquez de Salisbury.

Não é inutil determo-nos algumas linhas sobre esse caso, e examinar em que condições, ainda uma vez, o mais apto, absolutamente de accôrdo com as leis geraes da evolução e selecção, acaba de supplantar o menos apto na luta, cujo desfecho sabemos, entre os Estados-Unidos e a Hespanha.

Não temos de nos occupar com a natureza do conflicto, nem com as razões de ordem moral ou de Direito Publico, em nome das quaes os dois povos se enfrentaram ; esse exame é completamente dispensavel á demonstração que objectivamos e diffluiria muito o assumpto principal; — limitar-nos-

emos a apreciar as condições, os elementos de exito, com que elles poderiam contar neste duello empolgante.

**

Ao que sabemos, pelo testemunho de escriptores o mais circumspectos, as condições moraes entre os Estados-Unidos e a Hespanha não explicam, de modo algum, as consequencias da guerra recente.

Num como noutro paiz, as correntes do sentimento nacional eram analogas na capacidade de resistencia, ou talvez mais fortes na Hespanha ; os vinculos de cohesão politica, que têm por base a lingua fallada, as tradições, a moeda, a medida, a administração, etc., eram, senão mais homogeneos na Hespanha, pelo menos iguaes em efficiencia aos do outro paiz ; a solidariedade religiosa, que enlaça os individuos com a possança incoercivel das affinidades atomicas, era supe-

rior ainda, em Hespanha, á que preside, na fragmentação de mil seitas amorphas, aos elementos agglutinados da população yankee ; a organização politica daquella, sem as amplitudes do liberalismo americano, servia ao paiz com alguma disciplina e relativa pureza de costumes, cousa preferivel sem duvida á corrupção desapoderada em que germinam e effloram, na America, escandalos como os dessa monstruosa Tommany-Holl.

E' certo que partidos vivazes laboravam sem descanso uma obra surda, impalpavel, de evulsão da dymnastia reinante ; mas, o que era isso em confronto com os edaces elementos de degenerescencia social ⁽¹⁾, com a dissolução dos costumes privados, com os perigos da omnipotencia do dollar, com a faina dos *politiciens* no suscitar situações ⁽²⁾,

(1) M. de Toqueville — *De la Democratie en Amérique*. T. 2, pags. 9 a 11.

(2) Claude Jannet — *Les Etats Unis contemporains ou les mœurs, les institutions et les idées depuis la guerre de la sécession*. Paris, 1889. T. 1, pags. 180 a 279.

partidos artificiaes, com a venalidade da imprensa, dos juizes, com todos estes carcinomas moraes que combalem e dissolvem a contextura social da grande republica ?

Ah ! mas, o que distingue as nações vivas das nações moribundas, o que lhes reserva a victoria, não são só as suas condições moraes, senão, antes de tudo, o numero de homens, de canhões, de arsenaes, de navios que ellas podem utilizar no dia da acção ; não sómente o patriotismo, o enthusiasmo popular, a vontade excitada pela affronta, a confiança na thaumaturgia dos ministerios aguilhoados pelo dever do momento, a effi-ciencia fallaz dos salvaterios alvitados pelos oradores no orgasmo patriotico que o perigo provoca ; mas sim, a previdencia com que a nação organisou a sua força armada, e, si se tratar de um paiz de fronteiras maritimas como o nosso, a solicitude providente com que elle apparelhou a sua frota de guerra, as suas reservas, os seus officiaes de mar,

não se detendo a repousar puerilmente nas garantias cada vez mais equivocadas do Direito Internacional, nem sobre a observancia e submissão dos fortes ás maximas de moral politica que esse direito sanciona.

Assim, ao passo que a Hespanha, em relação ás vantagens de ordem moral, se achava nessa posição para com seu adversario, quanto ás circumstancias materiaes era uma « nação morta », em flagrante desproporcionalidade para poder enfrentar, com esperanças de exito, qualquer « nação viva ».

A Hespanha foi talvez o trecho de terra civilisada, onde o discurso de Lord Salisbury sobre *nações vivas e nações mortas* provocou mais exaggerados commentarios, ou porque se entrevisse naquelles conceitos qualquer allusão á patria hespanhola, ou porque, no momento, o animo publico numa phase de

hyperesthesia, que a expectativa da guerra imminente originava, se resentisse, mais que noutro povo, das verdades externadas no discurso.

Comtudo, a guerra que a Hespanha, sempre credula nas miragens do Direito Internacional, não presumia lhe sobreviesse tão breve, ia justificar, na sua plenitude, as doutrinas daquelle discurso ; e ao mesmo tempo abrir-lhe-ia os olhos para esta verdade secular, que : *só os povos apercebidos podem se julgar respeitados*. Verdade que os factos e a observação têm desdobrado nesta outra : *e para os povos maritimos — aperceber-se é instituir uma marinha militar conveniente*.

Ora, foi precisamente neste ponto que a Hespanha errou, deixando declinar o seu antigo poder naval.

Apezar dos exemplos recentes da Inglaterra, nas guerras do começo do seculo até 1815, dos Estados Federados, na guerra de secessão, do Brazil, na guerra com o Para-

guay, do Chile, na sua recente insurreição contra Balmaceda, do Japão, na lucta contra a China; a antiga senhora do mundo menosprezou a causa de sua marinha, tal qual um paiz que conhecemos de perto — de modo a achar-se quasi impossibilitada de fazer a guerra que lhe era levada humilhadoramente.

Algumas reminiscencias historicas nos apresentam agora, na densidão dos factos que elaboraram a decadencia dessa nacionalidade, a fonte genetriz das desgraças que a feriram.

No dia em que trouxeram a Felipe II a noticia de que a sua *Invincible Armada* fôra aniquilada, elle com indifferença ou estupidéz moveu os hombros, retrucando: *faça-se a vontade de Deus.*

Deve ser este, a nosso ver, o logar historico, donde irromperam as origens da decadencia da marinha hespanhola e, portanto, a da propria Hespanha.

A nação marítima, cujo governo encolhe os hombros quanto á sorte do seu poder naval, é nação destinada ao deperecimento e á consumpção mais deploranda.

Por outro lado, sempre que uma nação afirma o seu valor no mar, dominando-o com a sua frota, esta nação tem-se assegurado a victoria na guerra, a grandeza na paz.

Themistocles sabia disso quando, embarcando a sorte de sua patria nas galeras da sua esquadra, marcou, em Salamina, o despertar de uma epoca resplandescente para a Grecia.

Os romanos sabiam-n'o tambem quando, para vencer Carthago invencivel nas tropas de Annibal, apparelharam a esquadra que lhes alcançou a gloria naval de Duilius.

Veneza, herdeira do espirito de Roma, foi poderosa e temida pelos seus navios, enquanto teve o imperio das aguas ; floresceu, mas, descahiu desde que os navegadores de Portugal lh'o arrebataram com as suas naus intimeratas.

A Hespanha teve então a sua época, descobriu um mundo novo, traçou as raias de um imperio colonial cujas fronteiras estavam em todos os continentes ; mas no dia em que, pela revolta dos Paizes-Baixos, perdeu a preponderancia no mar, declinou irremediavelmente. Seguiu-se-lhe a heroica e forte Hollanda. Tromp, o velho almirante, o Attila dos mares, levou o dominio dos Estados de Hollanda a todas as partes do mundo ; tambem, como a da Hespanha, esta grandeza transitoria declinou desde que a marinha, desse paiz, viu-se abandonada pelos seus estadistas ; e a França, tomando-lhe o imperio das aguas, propelliu-a á decadencia.

A Inglaterra, porém, não lhes seguiu as pegadas, nunca negligenciou os altos interesses de seu poder naval ; « *la nation anglaise*, já dizia no seu tempo Rainal, *regarde la marine comme le rempart de sa sûreté, comme la source de ses richesses.* »

É assim, enquanto a França deixava periclitar a marinha, descurando a obra de Luiz XIV e de Richilieu, a avisada Albion punha em contribuição todas as energias nacionaes para o aperfeiçoamento da sua armada ; e o que se viu ? Quando os exercitos da Revolução levavam as suas bandeiras de victoria em victoria, Nelson esmagava em Aboukir a marinha franceza, e, senhor dos mares, assegurava a grandeza futura da Inglaterra.

Mais tarde, o genio guerreiro de Napoleão fazia emmudecer a Europa, e tudo parecia depender, e dependia de facto, da sorte da Inglaterra ameaçada de um bloqueio assombroso e mortal ; mas, ella poude vencer o maior dos guerreiros modernos e enjaulal-o num ilheu perdido entre as vagas ; porque o fez, a que extranha força deveu este prodigio ? Ainda á sua marinha militar : Trafalgar foi a salvação da Inglaterra e a ruina do imperio francez.

*
**

Ora, a Hespanha não se compenetrou nunca desta verdade primordial, *alpha* e *omega* de toda a sciencia estrategica, para os Estados estendidos sobre o mar. Ha uns trinta annos, cem peripecias da sua politica interna lhe estavam a suggerir o pensamento salvador ; em vão os homens e os factos se succediam com uma frequencia cheia de suggestões propheticas ; é assim que vio-se o colapso da Republica, a candidatura do príncipe Leopoldo de Hohenzollern, o assassinato do general Prim, a exaltação e coroação de Amadeu de Aosta, as agitações tenebrosas dos partidos reaccionarios, a abdicación do duque de Aosta, a proclamação da Republica, o governo de Pi y Margal e os excessos do cantonalismo, a guerra civil e o carlismo, a subida de Salmeron e a sublevação de Carthagena, Valencia e Castilla, o bombardeamento de Alicante e Almeria, os

tumultos de operarios em Bejar e Salamanca, o levante autonomista de Granada, Cadiz e Jaen, a revolta de navios que são declarados piratas e perseguidos pelos vasos estrangeiros, a subida de Castellar, o golpe de estado do general Pavia e a dictadura, as intrigas dynasticas, Martinez Campos proclamando a restauração, o governo de D. Affonso XII, a pacificação de Cuba, os pronunciamentos militares, as agitações zorillistas, os fuzilamentos do reinado de Izabel II; mas todos esses successos que valem por outros tantos appellos á previsão e á sagacidade de qualquer povo, e aos quaes se deve ainda ajuntar as solicitações das colonias distantes, não tiveram a virtude de fixar as vistas da Hespanha sobre a solução unica do seu problema nacional. Nada poude fazer com que ella imitasse o que fez a Hollanda no meiado do seculo XVII, após a quêda do stathouderato, o que fez a Inglaterra desde o meiado do seculo passado, o que

tem feito a França desde o tempo de Jean B. Colbert, e a Italia, a Russia, o Japão nos nossos dias, isto é, instituir-se potencia naval.

Alli, como em o nosso paiz, o abandono e a inercia campeavam na marinha; os aptos desacoroçoavam; os patriotas se entristeciam; o material fluctuante mal recomposto e mal escolhido, sem homogeneidade, nem plano nenhum logico; a instrucção pratica totalmente negligenciada; os serviços administrativos anarchisados, e, o que é peor, o favoritismo «a peçonha mais destruidora das classes militares» (1) penetrando por toda a hierarchia da armada, decompondo-a.

Entre nós, foi tambem a praga do favoritismo, praticado largamente pelos governos da monarchia, uma das causas do abaixamento do nivel cultural dos nossos officiaes,

(1) Expressão dos autores Z. & Montéchant, no seu apreciado livro *Guerres navales de demain*, á pag. 269.

e, por conseguinte, do estado de decadencia em que o veio achar a Republica. Decadencia, verdade, verdade, que ella não tem feito senão continuar.

Mas, vejamos o que adviria á Hespanha do abandono do seu poder naval.

Decadencia de nossa marinha militar

O dominio do mar assegura a victoria, nas guerras modernas. — Porque ? — « Quem diz Brazil diz marinha. » — Pacificos e economicos. — Necessidade de um plano systematico de defeza nacional. — A marinha de outro tempo, e a marinha da actualidade. — Parallelismos da historia naval, Aboukir e Trafalgar. — Alvorada fugace. — Só os povos vivos caminham.

EMQUANTO a Hespanha desfiava os dias, nessa apathia inexplicavel, confiante, como o faria um povo de ideologos, na « justiça de sua causa » e crente de que « seus vizinhos não são tão mal intencionados como se diz » ; os yankees, praticos, e calculados, adquiriam cruzadores, activavam a ultimação

de grandes couraçados de esquadra, açacalava o ferro para o proximo duello.

Emquanto os estadistas em Madrid enstravam de primorosos, subtis argumentos as suas logomachias patrioticas, definindo a incontrastabilidade dos direitos hespanhoes ; o Senado e a Camara em Washington accordavam grossos creditos ás medidas vigorosas, decisivas, tendentes a lles assegurar o dominio do Oceano, logo ao começo das operações.

Aquelles esqueciam-se do theorema attribuido a Bismarck : o *direito é a força* ; estes obravam como si tivessem por insignia a seguinte verdade « em todas as grandes guerras a victoria e o proveito ficam sempre com a potencia senhora do Oceano. » (1)

A 19 de Abril de 1898 sobreveiu a guerra.

(1) Contra-almirante Réveillère. Prefacio do livro *Guerres Navales de demain*, pag. VI.

Ainda uma vez ia se verificar o apophtegma de Stezel: *todos os Estados orlados pelo mar necessitam ser fortes pelo mar.* (1)

A victoria seria do mais forte, é sabido; mas, tratando-se de paizes maritimos, o mais forte é sempre o que despuzer de melhor e mais solida armada.

Ha analogias de situação e de ensinamento entre o que se detu nessa guerra e o texto d'aquella parabola—«As virgens prudentes e as virgens loucas»; o *nescio vos* foi, para os vencidos, o resultado da luta.

A Hespanha era do numero das nações descuidadas, das que como as virgens loucas são sorprendidas e fulminadas; *non sum- pserunt oleum secum*, isto é, não se muniram em tempo dos recursos e apercebimentos necessarios.

Não é opportuno entrar aqui nos detalhes da campanha, mas, para elucidação do nosso

(1) Ruy Barbosa. *Cartas da Inglaterra*, pag. 153.

thema, sempre queremos reproduzir alguns dados, d'uma revista technica, sobre a primeira das batalhas travadas entre os contendores ; dados que lançam uma projecção intensissima sobre a tela, caracterizando por completo os dois typos das nações vivas e nações mortas. (1)

Na batalha de Cavite os hespanhóes tinham 7 navios, quasi todos antigos ; e os americanos outros 7, quasi todos novos.

A tonelagem de deslocamento dos navios hespanhóes era 11.835 ; a dos americanos era 20.771.

Eram navios de ferro : hespanhóes 3, americano nenhum.

Eram de aço : hespanhol 1, americanos 6.

Eram protegidos por couraça : hespanhol 1, americanos 4.

(1) O artigo donde colhemos estes dados, curiosissimos como vê o leitor, vem num dos recentes numeros da *Correspondencia de España* e está assignado pelo official da marinha hespanhola D. Joaquim Lazaga.

Tonelagem do protegido hespanhol 1.045,
dita dos americanos 16.772.

Espessura maxima da couraça do hespanhol, 6 centimetros ; dita da dos americanos, 12 centimetros.

Navios de mais de 19 milhas de marcha : hespanhol nenhum ; americanos 3.

Navios de mais de 15 milhas de marcha : hespanhóes 2, americanos 5.

Tonelagem de deslocamento dos navios de mais de 15 milhas : hespanhóes 4.565 ; americanos 18.472.

Si quanto a estas condições, constitutivas da possança defensiva dos navios, os hespanhóes foram encontrados sob o peso da tremenda desproporção que se infere dos algarismos expostos ; não era nada melhor a sua situação relativamente ás condições de artilhamento, calibre, etc., que constituem o poder offensivo.

Effectivamente, os algarismos seguintes projectam uma luz crua sobre o que é um paiz precavido e outro desleixado :

Numero de projectis de calibre superior a 10 centímetros, com poder offensivo a 9 kilometros de distancia, que podiam arrojarse por minuto os navios em acção : os hespanhóes, 1'3 ; os americanos, 106'6.

Peso d'esses projectis : os hespanhóes 41 kilos ; os americanos 3.133 kilos.

Numero de projectis de calibre inferior a 57 milímetros, que podiam ser arrojados por minuto : os hespanhóes 2.160 ; os americanos 5.220.

Numero total dos projectis que podiam disparar por minuto : os hespanhóes 2.540 ; os americanos 5.508.

Peso de taes projectis : os hespanhóes 1080 kilos ; os americanos 4664.

Numero de canhões de tiro rapido de calibre superior a 57 millímetros : os hespa-

nhões nenhum; os americanos 20, de 120 millímetros !

A's circumstancias de Cavite foram identicas as de Santiago de Cuba, e pois, as consequencias não deviam ser diversas.

Posto que ahi ella apresentasse bons navios, o numero delles, e tambem a qualidade eram tão desproporcionados ao poder offensivo e defensivo das duas esquadras arrojadas sobre elles, que não podiam deixar de ser, como foram, totalmente destruidos. E assim recebia a Hespanha o castigo de sua inepecia, numa campanha desdobrada entre duas sangrentas batalhas navaes.

A guerra reduziu-se a estas duas batalhas.

Destroçada nellas a sua frota, a Hespanha nada mais tinha a fazer, e submetteu-se á paz, tal como lh'a dictaram os vencedores.

A perda dessa Cuba tão cara ao sangue hespanhol; a expoliação dos seus longinquos dominios coloniaes; a degradação da metro-

pole á categoria das nações de terceira ordem; e, o que mais punge aos sentimentos de orgulho e amor-próprio nacionaes: — o espectáculo ruidoso da sua fraqueza, da incapacidade dos seus governos, da inefficacia do patriotismo popular, da desorganisação e debilidade do seu exercito, tudo confluindo, tudo predispondo, tudo motivando a extensão e a rudeza da derrota; eis no que deu, e eis no que importou para aquelle nobre paiz o abandono do seu poder naval.

Si seus estadistas houvessem comprehendido, em tempo, que as nações maritimas não têm licença de desviar das aguas nenhum elemento que possa concorrer para a effectividade do seu poder naval; si a sua politica externa houvera adoptado, como escopo e como programma, o theorema de que, para as nações orladas pelo mar, nenhum perigo iguala ao «perigo maritimo»; é quasi certo que não se teria attrahido a si propria estas terriveis catastrophes.



Salvo sendo aggreddido, nenhum povo tomará armas contra uma nação que dominar no oceano. Nestes dias, quando o encarniçamento de antagonismos atrozes colloca, tão a miudo, as nações deante umas das outras, nas attitudes mais ameaçadoras, nós observamos duas potencias assás vulneraveis, e que são, não obstante, as mais respeitadas, as mais attendidas, as que, principalmente, ninguém deseja contrariar nos seus interesses : e vêm a ser — a Inglaterra e a França.

A Inglaterra apezar dos seus infinitos recursos, «tem uma rêde de *pontos vulneraveis* extensa demais, para que não esteja exposta ás surpresas da guerra» (1); ella incommóda, com a sua expansão incessante, o sufficiente para que todos os povos da terra a detestem mais ou menos. Entretanto nenhum desejará

(1) Almirante Fournier — *La Flotte Nécessaire*. Pag. 8.

desavir-se com ella, nem mesmo operando numa coalisção de interessados ; porque ?

Porque, sabemol-o todos : ella domina o oceano, seu enorme poder naval lhe assegura previamente o triumpho, em qualquer ponto dos mares, onde lhe surja o adversario. E hoje a sorte dos povos, o exito da guerra, está sempre no mar. Nenhuma nação, nem mesmo a China com os seus 300,000.000 de agricultores, ou a Russia com a especialissima constituição do seu estado politico e economico, deixará de estar á mercê d'um vencedor si este lhe feixa os mares.

Privado do accesso ao mar qualquer paiz succumbirá cedo ou tarde ; sera como um vertebrado para o qual se supprimisse o atmosphérico, morrerá pela asphixia.

Depois da Inglaterra, olhemos a França ; tambem a sua extensa fronteira maritima, as da Algeria, da Tunisia, Madagascar, as das possessões na America, na Africa e alhures, offerecem numerosos pontos de vulnerabili-

dade aos insultos, mesmos os dum adversario mediano ; e mais, o estado de relativo abatimento em que a deixaram os acontecimentos de 1870 ; o esgotamento de seu organismo economico, sob um *maximum* de contribuições ; tudo parece collocar-a numa situação desfavorabilissima, sob o ponto de vista da resistencia aos perigos externos.

É, todavia, nenhuma potencia se arroja a obter, contra ella, qualquer partido, dessas circumstancias. Mas, porque?

A attitude inconvenientissima do povo francez durante a guerra de Cuba, si se tratasse de outro qualquer, teria merecido uma demonstração energica dos Estados Unidos ; o caso recente de Fashoda houvera posto em armas a Inglaterra, si não fosse a França quem estava em causa. Por que a respeitam ? Por que, sabemol-o ainda o formidavel poder naval dos francezes, mesmo não mettendo em calculo a provavel coalisção franco-russa, é, no momento actual, o se-

gundo regulador da vida politica no planeta.

A julgar pelos seus preparativos, os yankees sonham uma boa collocação nesse convivio, e tel-a-ão certamente.

.

A reproducção dos dados, que fizemos, da *Correspondencia de España*, o melhor comentario sobre a ultima guerra, terá conseguido illustrar o assumpto e levado ao espirito do leitor, si não lhe repugna a logica, a convicção de que a formula de philosophia politica, proferida no discursò do Marquez de Salisbury, impõe-se á meditação de todo mundo.

Mas, a coordenação dos argumentos explanados até aqui tem-nos conduzido, tal como assentadamente nos propuzeramos, ao ponto que é o escopo evidente destas paginas.

Olhando para as nossas infinitas fronteiras marítimas, interrogamos ao leitor ácerca dos nossos recursos defensivos, e nos allumia de subito a veracidade d'aquella reflexão de Bossuet : *«la plus grande de toutes les faiblesses est de craindre le peraitre faible»*.

E nós não sómente somos fracos, como realmente não poderíamos parecer mais fracos.

Eis que, a origem de nossa fraqueza está, sobretudo, na decadencia do nosso modesto poder naval de outr'ora.

Com aquella expressão que se tornou celebre *«quem diz Brazil diz marinha»*, de um estadista do imperio, o problema mais serio da nossa grandeza nacional está formulado ha já uns 40 annos ; será de um candor infantil quem não perceber que, depois da nova organização politica do paiz, aquella formula concretiza não só a intuição da nossa grandeza futura, como mais visceralmente a condicional da nossa existencia pela integridade da federação.

Na sua *Licção do Extremo Oriente*, (1), eloquente pagina patriótica que tanta emoção produziu nos circulos profissionaes do paiz, um espirito dos mais luminosos conseguiu attrahir, por algum tempo, as atenções da Republica sobre esta questão vital para a segurança da federação, para a defeza do littoral do paiz, para a garantia da independencia nacional.

Algum tempo depois, um profissional competentissimo, abordando a questão por outros aspectos, escrevia (2) num livro que desejariamos andasse á cabeceira de cada brasileiro e fosse o thema das meditações dos governos « *O Brasil só pela grandeza maritima poderá preservar a sua grandeza territorial* ».

Comtudo, o que se tem feito que denote a efficacia de taes admoestações propheticas?

(1) Ruy Barbosa — *Cartas de Inglaterra* das pags. 109 a 207.

(2) A. Jaceguay — *Organisação Naval*, artigos publicados no «*Jornal do Commercio*», em 1896, pag. 186.

A intensidade destas verdades resplandescentes irradia de toda parte sobre a consciencia dos nossos homens, mas, num phenomeno de difracção moral, se desvia, sem conseguir penetrar de seus raios a opacidade invencivel dessas naturezas inertes.

Duas castas de obstruentes, sobre todos, empecem a marcha das aspirações reconstructoras, oppondo-se a tudo o que seja tentativa de levantar a marinha : os pacificos e os economicos.

Elles repellem a reconstrucção da marinha, porque tal empreza lhes desconcertaria o orçamento da Republica ; não desconhecem a sua missão poderosissima, mas, acham, antes de tudo, deve se economisar o dinheiro do contribuinte.

Vê-se que elles não fazem a conta das contribuições de guerra e a das indemnisações,

que hemos todos pagar no dia que o nosso infortunio nos collocar, sem marinha, sob os canhões modernos e as torres giratorias dos couraçados de um inimigo inopinado.

Eram, indubitavelmente, desta raça de dispenseiros iniquos, como os chamou o evangelista, (*villicum iniquitatis*) aquelles que prepararam á China a perda, só num dia, de 80.000.000 de francos pela derrota de Yalu, e á Hespanha tambem, só na batalha de Santiago, cerca de 100.000.000 de francos, os quaes, si ellas tivessem destinado, em tempo, á organização de suas frotas, é bem certo que foram melhor empregados.

Os pacificos, estes são os helminthos parasitarios do organismo social, e explicam por sua apathia, suas opiniões pusillanimes, toda a etiologia das diatheses que corroem a compleição e o character brasileiro; com o seu horror feminil á guerra, aos exercitos, ás armas, elles cederiam de sua parte o Amapá aos francezes, a Trindade á Inglaterra, as

Missões aos argentinos ; o essencial é que não seja perturbada a paz, e que num doce *otia tuto* possam elles fabricar abacialmente o seu chylo, nessa quietude feliz que, póde não augmentar a gordura phosphorada do cerebro, mas, amplia-lhes, compensadoramente, o adipo caracteristico dos bemaventurados da vida.

E' dessa classe de fracos que uma escriptora de espirito arguto dizia : « *Les gens faibles sont une peste publique ; ils grossissent le parti des méchants et sont leurs agents.* »

Desgraçadamente, parece ter sido a desta gente a opinião que tem predominado entre nós.

Os pacificos, e os economicos a *outrance*, são os principaes impugnadores da renovação de nossa marinha militar ; mas, ella tem contra si numerosos outros antagonismos : a imprevidencia caracteristica dos governos, a defeituosa organização administrativa della propria, a ignorancia do povo incapaz de se

preocupar com os problemas fundamentaes de sua independencia, a falta de um plano definitivo de defesa do paiz, onde estejam designadas e previstas as hypotheses do emprego da força armada, no mar ou em terra, no sentido de obter-se della o maximo proveito tactico-estrategico.

Insistimos na necessidade deste plano, porque, quer para o exercito, quer para a armada, o menor beneficio delle originado seria o pôr-se cobro á versatilidade predominante na administração militar do paiz, restringindo as consequencias dessa terrivel incoordenação motora que faz das forças armadas, no Brazil, uma especie de *anima vili* para experiencias, innovações, recúos, e apalpadellas ministeriaes.

Póde-se negar que cada ministro imprime um movimento novo, uma feição sua, ás coisas da administração militar? Póde-se dizer que ha na direcção da marinha, como na do exercito, a continuidade de acção, o

syncretismo de vistas necessario para que haja um methodo, um programma, uma idéa, uma base fundamental?

Pode-se duvidar de que a ausencia de systema e as perturbações da synergia funcional, em a nossa organização militar, nos entregarão aos inimigos, no caso d'um conflicto?

Para nós outros, que não somos profissionaes, quer nos parecer que nenhuma obra séria, de salvação nacional, poderá ser tentada fragmentariamente. A unidade de concepção e de execução, um plano geral estrategico, deve ser a condicional obvia de qualquer emprehendimento neste assumpto.

O exercito, e, por motivos ao alcance de todos, principalmente a marinha de guerra, não podem continuar neste estado de existencia inconsciente, como um Recife madreporico crescendo por crescer, mas sem volição propria, sem destinação conhecida, sem objectivo determinado.

Nestas condições nenhum progresso estavel póde ser adquirido, as alternativas acabarão por desacoroçar todo enthusiasmo.

Havendo, porém, um systema, um plano definitivo, os ministros e os politicos não acharão muito espaço para as incursões do personalismo, nem circumstancias propicias á vesania das reformas ; assim como, os bem intencionados, não profissionaes (que têm sido os melhores ministros) agiriam com melhor conhecimento de causa, quando elevados áquellas responsabilidades.

A falta desse programma é o que explica a série de incongruencias e desencontros, a heterogeneidade de medidas, que, numa orgia lastimanda, têm propellido a marinha militar do paiz ao seu aniquillamento.

O ministro que metter mãos á organização desse programma terá ligado ao seu nome a gratidão de todos os brazileiros, e sua memoria será citada como a do almirante Aube

em França, como a do ministro Saint-Bon na Italia.

E' nossa opinião, porém, que obra de tamanha responsabilidade deve ser commettida a um conselho de almirantes e de estrategistas competentes.

Chegando a este ponto, não podemos reprimir a nossa censura aos governos criminosos que consentiram descambasse, depois de 1870 em deante, o nivel profissional da marinha; atrophiar-se o estimulo, pela pratica do favoritismo, introduzida na administração; ao mesmo tempo que se desmantelava a frota, e se annullavam os elementos de recomposição, e avitalhamento da esquadra, deixando de se aperfeçoar os arsenaes existentes ou de substituil-os por outros.

Estes estadistas são tanto mais criminosos, perante a posteridade, quanto a guerra re-

cente com o Paraguay, tendo originado a formação de um nucleo de poder marítimo viavel, dever-lhes-ia ter sido tambem uma lição salutarissima. Desprezaram uma e outra coisa.

Naquelle tempo, e é o caso dos bons officiaes de então, que ainda vivem, repetirem, com Leopardi :

*Oh come grato occorre
Il sorvenir delle passate cose,
Ancor che triste, e ancor che il pianto duri... (1)*

naquelle tempo, diziamos, o Brazil era citado entre as primeiras potencias maritimas (2).

A manobra audaz de um dos seus almirantes dava-lhe, numa batalha naval arrisca-

(1) Giacomo Leopardi — *Canti*. Pariz, 1841, pag. 70.

(2) O Grande Dicionario Universal de P. Larousse, de 1873, á pag. 1209, nomeando as principaes marinhas de guerra diz «*En Amerique, le Brezil est, apres les Etats-Unis, la seule puissance dont la marine de guerre ait une réelle importance, Il possedait em 1869, 13 bâtements cuirasses et 46 vapeurs de la force de 5,912 chevaux.*»

dissima, uma tradição de gloria militar, e ministrava uma prova tactica do valor do *esporão*, como arma de guerra ; lição de que mais tarde se servio o almirante Tegetthoff, na batalha de Lissa, indo « *coler d'une coupe d'éperon le « Re d'Italia », alors presque sans vitesse, par suite d'une fausse manoeuvre de son commandant.* » (1) e frizamos este detalhe, porque faz resaltar o arrojo, a precisão de golpe da manobra do almirante brasileiro.

O material fluctuante, em numero e qualidade, estava á altura desse pessoal de primeira ordem.

Um quadro de algarismos indicadores dos elementos constitutivos das forças maritimas, de 1870 a 1872, mostra o logar que occupava o Brazil entre as outras nações.

(1) Fournier — *La flotte necessaire*. (Cap. IX. Modes de combat) Pag. 94.

As potencias maritimas possuam então :

MARINHA DE GUERRA EM 1872

NAÇÕES	Couraçados	Vapores	Canhões
Inglaterra.....	44	630	7.902
Estados Unidos.....	51	501	1.378
França.....	50	332	4.834
Russia.....	31	226	2.900
Turquia.....	5	91	2.370
Brazil.....	16	78	237
Hespanha.....	—	74	—
Austria.....	8	53	—
All manha.....	11	13	—
Italia.....	—	40	—
Dinamarca.....	—	31	—
Suecia.....	3	17	—
Noruega.....	1	15	—
Portugal.....	—	14	—

O Japão, a China, a Argentina e o Chile não indicavam ainda os caracteres da pu-

jança com que, mais tarde, despedaçariam esta hierarchia, tomando por suas mãos os primeiros logares entre as potencias navaes.

A Italia tambem, em reconstituição, curando-se das feridas profundas da ultima guerra, lançava os alicerces do seu futuro poderio, deixando apenas entrever, pelos esforços de seus estadistas, a que proporções attingiria a obra do seu resurgimento nos mares.

Das que figuram no quadro de 1872 quasi todos engrandeceram amplamente o seu poder naval; as que menos o fizeram, como Portugal, Dinamarca, Suecia e Noruega, procuraram se manter, conservando, sinão melhorando, os seus elementos.

Duas, porém, exceptuam-se, que não têm feito mais do que decahir: o Brazil e a Hespanha; aquelle mais do que essa. Abandonarão á desagregação e á ruina a sua marinha militar. Quanto á Hespanha, ella acaba de colher os fructos desse erro deploravel. Eis a obra dos maus governos.

Para o Brazil, si seus politicos persistem nessa linha de imprevidencia e incapacidade o seu dia chegará fatalmente; vir-lhe-á o perigo, não do continente sul, verosimilmente, mas do norte ou da Europa.



Ora, os estadistas da republica, no que diz respeito á marinha militar e á defesa do paiz, tem immitado abnoxiamente a politica imperial, com a mesma imprevidencia e a mesma cegueira alleatoria. (1) No que isso vae dar, não é muito difficil antever desde logo.

(1) Desgraçadamente, com pezar o confessamos, o governo republicano foi mais longe do que seus antecessores na obra da ruina da marinha: consciente ou inconscientemente, infundiu o espirito da politica dos partidos nessa corporação, até então quasi imune delle, d'ahi a perda daquella cohesão disciplinar que era uma das suas derradeiras virtudes. Diz quanto a isso, o Barão de Jaceguay, a pag. 36, do livro citado:

«Os governos republicanos, porém, incorreram no erro de intencionalmente soltar o freio da disciplina militar; d'ahi essa triste epopeia de revoltas começando nas flotilhas nos extremos da Republica e vindo depois arrebentar nas proprias aguas da Capital Federal».

Na França, de cuja historia vamos buscar tantas vezes a lição para nossas coisas, verificou-se factó analogo, e pelos resultados de lá, se póde optimamente aquilatar dos que nos ameaçam, nas viscissitudes da marinha.

Um dos documentos mais curiosos da capacidade do cardeal Richilieu é o trecho, do seu *Testament Politique*, em que elle prescrevia, como condição, para a estabilidade do poderio de sua patria, a manutenção de uma forte esquadra de guerra ; diz o trecho :

« Si tiverdes sempre nos portos 40 bons navios, bem artilhados e equipados, promptos a entrarem em acção á primeira voz, o paiz está garantido de qualquer affronta, e se fará respeitado, em todos os mares, por aquelles mesmos que hoje o menosprezam.»

Colbert, que veio depois, em tres annos elevou a marinha franceza a 200 navios ; era no reinado de Luiz XIV, o *grande*. No reinado seguinte, estava no throno um rei incapaz de qualquer pensamento varonil,

a marinha abandonada e desprezada declinou, o erario não n'a podia custeiar, que as caçadas, as festas regias, o fausto da côrte absorviam todas as contribuições. Depois da Révolução, os republicanos nada fizeram pelo poder maritimo de sua patria, a esquadra estava no ultimo gráo de abatimento; entretanto, os exercitos da Republica levantavam seus estandartes triumphantes além das fronteiras. Contra um povo, porém, elles nada poderiam fazer — a Inglaterra; não tinha a Republica forças de mar capazes de garantir seu proprio littoral, e menos de levar a guerra á sua terrivel visinha d'alem Mancha.

No dia em que as náus francezas ouzaram medir-se com a frota de sua adversaria, foi em Aboukir, 1798, o grande Nelson infligio-lhes uma derrota acabrunhadora.

Napoleão, inaugurando o imperio, empregou grandes esforços na restauração da marinha, que, elle percebia, é a verdadeira

origem da grandeza para as nações que confinam com o mar; mas, já n'aquelle tempo, uma organização naval, efficaz, não era coisa que se improvisasse, ainda com a melhor vontade deste mundo, tanto mais quanto a Inglaterra, ameaçada, accrescera turgidamente o seu poder marítimo com elementos de toda efficacia.

A batalha de Trafalgar (1805) na qual Nelson, segunda vez, destruiu a esquadra franceza, mostrou a inanidade das organizações que não se baseam num concurso effectivo de elementos accumulados pelo saber e pelo tempo. Esta derrota foi o eclipse da estrella do grande guerreiro.

«Máo grado as apparencias, (escreveu ha pouco o almirante Réveillère), não foi nas chammas de Moskow que se desvaneceu a fortuna de Napoleão, ella se afundou nas aguas de Trafalgar.

Em vão ás victorias succediam victorias; todos os triumphos obtidos no continente

não o podiam salvar, o heroe estava tocado de morte, era uma ferida secreta. Foram as náos da Inglaterra que venceram em Waterloo ; não teria havido Blücher, si não houvesse Nelson no mar.» (1)

O que, quer dizer: quando um povo marítimo deleixa a sua segurança no oceano, não ha resistencias nem prodigios em terra que lhe valham.

Parece-nos que ali está um objecto preciosissimo para a edificação dos nossos estadistas, e expondo-o, não quizemos fazer a amenidade da dissertação, mas sim, illustrar com o testemunho documental de uma grande nação, d'uma historia, que é, toda ella, uma heroicidade, nossas proposições attinentemente ao declinio em que vae a marinha militar brasileira.

Vê-se dessa ligeira referencia á historia

(1) Palavras do Almirante Réveillère no prefacio á obra dos autores Z. & H. Montechant.— *Guerres navales de demain*. Paris. Pag. VII.

do poder naval em França, que, enquanto seus ministros zelaram a marinha, foi grande e próspera a nação; mas desde que a desdenharam, que a esqueceram, a França rolou de queda em queda, até Aboukir, até Trafalgar, até ás imposições da liga européa.

Podemos pois deduzir, por analogia, quanto á obra dos estadistas de casa, que catastrophes se accumulam contra o Brazil, como fructos inevitaveis dessa obra.

Houve um momento em que o Brazil pareceu ter comprehendido o seu destino de potencia naval, foi pela guerra do Paraguay; então, uma centena de heróes encheu de gloria immorredora a historia da nossa marinha, e delles se poderia fallar hoje, como no verso vibrante de Gautier se disse doutros heróes:

Ils furent le jour dont nous sommes

Le soir, et peut-être la nuit.

Mas, aquillo foi uma alvorada fugace, e, depois della, o Brazil não tem feito sinão decahir, no sentido do seu poder naval; ao passo que nossos visinhos crescem em prestigio, em capacidade profissional, em quantidade e qualidade do material fluctuante, etc.; em poucos annos, o Chile e a Argentina se constituiram potencias navaes, em condições de nos infligir, qualquer dellas, as humilhações que entender, a seu salvo, dado o caso de rompimento.

« Si no estado actual de nossa impotencia naval nos achassemos envolvidos numa guerra com a Argentina, esta, com uma parte de sua esquadra, operaria contra os portos do Rio e Santos, e, com outra parte, iria impor contribuições de guerra a todos os outros portos do Brazil.

Na ilha Grande, que não tem defesa alguma, estabeleceria os seus depositos de munições e combustiveis, para poder prolongar o bloqueio e os cruzeiros em nossa

costa, tanto tempo quanto fosse necessario.» (1)

Isto escrevia, em 1896, um almirante brasileiro, de indiscutível idoneidade na materia; neste momento, si as coisas estão modificadas, é em ponto mais desfavoravel para nós outros, porquanto a marinha argentina não cessa de promover, á custa dos maiores sacrificios, o aperfeiçoamento do seu pessoal, em constantes evoluções e viagens instructivas, sobre augmentar o seu material fluctuante com couraçados de primeira ordem, o *San Martin*, o *Pueyrredon*, o *Belgrano*, cada um delles superior em velocidade, tonelagem, artilhamento e raio de acção, ao maior dos nossos navios, o *Riachuelo*.

Ora, os nossos homens publicos não demonstram a mais superficial apprehensão quanto aos perigos a que está exposta a Patria, nesse desamparo de qualquer defesa;

(1) A. Jaceguay — Obra citada, pag. 66.

elles, parece até, que, não atinam com a gravidade desses assumptos, de modo que, não se ousa iniciar o mais debil esforço para resolver o maior dos problemas nacionaes.

O que significa essa inercia?

Só as nações vivas caminham, só ellas exercitam esta coragem de extrahir de si mesmas os recursos que bastem á conservação da defesa nacional.

As nações moribundas, como a Hespanha na Europa, a China na Asia, as republicas da America Central etc., cada dia se enfraquecem mais, não se lançando ás resoluções praticas e viris, e vêem deslizar os dias e approximarem-se os successos; mas ellas alongam os olhos com uma ternura hysterica para as ficções do direito internacional, abandonam-se á fé dos convenios, modorrentas e apathicas, até a hora em que uma surpresa mais violenta as propelle á torrente, no mysterio implacavel das leis superiores, onde

arrastadas, bracejantes e indefesas dão no epilogo de Wei-hai-Wei, ou de Yá-lu, ou de Cavite, ou de Santiago.

Os povos dessa ordem têm a compleição daquelles moscovitas, aos quaes Montesquieu alludia asseverando « que era preciso fossem esfolados para que a sensação se manifestasse » ; é só depois das irremediáveis catástrophes, é só depois dos grandes infortunios nacionaes que o sentimento da defesa publica consegue abalar-lhes a nervação refractaria e attingir-lhes á massa medullosa do cerebro.

Mas, então, é tarde. Infelizmente os pacificos e os economicos, dessa casta, continuarão nas assembléas a reproduzir a vaniloquia politica, que Tito Livio exproboou aos perlengadores da sua Roma, e salvadores da patria, do seu tempo, emquanto que, absolutamente de harmonia com as previsões dos grandes estadistas, as nações fortes ficarão mais fortes e as nações fracas cada vez mais fracas.

arrastadas praticantes e intelectuais das no-
 ções de *Wes-Int* ou de *Y-Int* ou
 de *Caric* ou de *Santigo*.

Os povos de um orden têm a tendência
 daquelles necessitas, nos países Montepesquien
 alludia assegurando que era possível fossem
 esolados para que a sociedade se mantivesse
 tase. É só depois das tremendas catas-
 tropes, é só depois das grandes infortunas
 nações que o sentimento da classe publica
 consegue atingir a certeza necessária
 e atingir a massa inabalada de esolados.

Mas então é tarde. Inicialmente os povos
 e os economistas, de um casta, costumam
 as necessidades e reproduzidas, e quando po-
 lítica que Tito Lino expõem as persegui-
 ções de sua Roma e calydores da patria do
 seu tempo, enquanto que absolutamente de
 histonias com as perdas das grandes esta-
 distas as suas lotes dentro das lotes
 e as suas lotes com as suas lotes.

O caso sino-japonez

O livro do Dr. Ruy Barbosa. — A guerra confirmando os conceitos do publicista. — Ineficácia da defesa terrestre quando as fronteiras do mar estão indefesas. — Não se improvisa a defesa marítima. — O exemplo da Inglaterra.

TODA a sùmmula dos ensinamentos com que nos abrimos os olhos, para a consciencia dos perigos existentes contra a conservação nacional, os factos das duas ultimas guerras estrangeiras, toda, se reduz á substancia deste aphorismo de estrategia moderna: *os povos orlados pelo mar ou se farão fortes no mar ou não subsistirão jámais.* E' o que nos acabam de mostrar as licções da

China e da Hespanha, para não fallar d'outras menos recentes.

Em se tratando de nações maritimas, a mais solida organização militar é falha e fragil, si não se apoia numa base efficaz de defesa mobil, que lhe assegure o mar.

A marinha de guerra, o poder naval, eis ao que é reduzivel, no que se concentra, a unica segurança real de defesa publica para estes paizes. O melhor exercito de terra só conseguiria oppôr uma resistencia nominal, embaraçar por algum tempo a marcha d'uma invasão dominadora, desde que as aguas e os portos tenham cahido sob o dominio do inimigo. Pela inversa, nenhuma nação, por mais vigorosa e aguerrida, póde pensar em dominar outra enquanto esta lhe poder oppôr, á aggressão, a independencia e o dominio de suas aguas.

O caminho, portanto, da victoria ou da perda, — é a fronteira marítima ; e o mar, a salvaguarda ou a ruina d'essa fronteira.

O povo que as possui e se descuida de guarnecel-as com uma esquadra e um pessoal á altura de tal responsabilidade, é como o insensato que na posse de thesouros tentadores fosse, pela calada da noite, postar-se em meio d'um caminho inçado de bandidos.

A expansão colonizadora das grandes potencias, a intensidade do espirito industrial á caça de novos campos de acção, a hypocrisia proverbial dos seus tramás diplomaticos, a contingencia e a inanidade do Direito Internacional, de um lado; e do outro, os platonismos infantis das nações fracas, o perenne espectáculo de desgoverno em que bracejam, o barbarismo das suas questiunculas esterilizadoras associados á riqueza nativa, á feracidade do solo, e á formosura da natureza, tudo se constitue outros tantos elementos externos e internos de ameaça á segurança dessas ultimas, em cujo numero, para muitos, está o Brasil.

Ora, taes perigos crescem, sobremodo, para nós pela circumstancia, a um tempo afortunada e compromettedora, da nossa situação geographica, que nos dá um littoral de mais de 1.200 leguas, aberto a todos os beneficios das communições com o universo, como a todas as aggressões do inimigo, não importa qual. Conforme o acaso nos traga, na volubilidade de suas mudanças, a paz ou a guerra a nossos lares, esta fronteira, de 6.000 kilometros no Atlantico, será nossa protecção ou nossa ruina, assim se ache, na fatal conjunctura, defendida ou inerme.

**

Esta consideração, que deveria estar sempre presente ao espirito, dominando a politica do paiz, nem depois das catastrophes da China e da Hespanha conseguiu atravessar os circulos militares, para ser assumpto dos cuidados dos nossos programmas politicos; entram presidentes sahem presidentes, sobem

ministros descem ministros, os legisladores apparecem e desaparecem pelo effeito renovador do suffragio publico, mas tudo permanece na eterna immobildade, referentemente á nossa defesa maritima.

Si alguma vez os nossos politicos olham para o mar, *estão a vêr navios*, no sentido sarcastico do rifão; pelo cerebro de bem poucos relampagueia, numa estria de luz, a idéa das responsabilidades, em que estão investidos, pelo dever de accudir á reconstituição do nosso poder maritimo, em decadencia.

E eis que todos os povos do mundo civilisado, instruidos na licção d'essas guerras, edificados com a eloquencia dos seus resultados, vão cerrando os olhos a sejam quaes forem os sacrificios para só ouvirem os reclamos da defesa nacional, que lhes aponta claramente : o mar — como a grande escola ; o poder maritimo, — como a unica salvaguarda tranquillisadora.

Si em nosso paiz as rixas dos partidos, profundamente ridiculas e esterilisantes, não absorvessem a actividade dos nossos homens publicos, é quasi certo que a esta hora ja ter-se-ia feito alguma cousa de sério, pelo levantamento da nossa marinha de guerra, base primordial da defesa da nação no presente e no futuro.

Só á preocupação disso a que, entre nós, se chama — politica dos partidos, devemos attribuir a indiferença com que o parlamento e os governos do paiz têm recebido o grito de incitamento e de alarma, desferido pelos publicistas de todas as nações, pondo em relevo a efficacia do poder maritimo, e cuja repercursão ouviu-se, não ha muito, entre nós, com uma eloquencia e uma nitidez empolgativas, na *Licção do Extremo Oriente*, do Dr. Ruy Barbosa.

Espirito superior á myopia e ás estreitezas do seu tempo, este publicista foi o primeiro

a impressionar-se com a decadencia do nosso poder naval, descortinando, com essa lucidez que caracteriza os verdadeiros fiadores de seus contemporaneos, e apontando os perigos que esta decadencia nos suscita, nos prepara e nos reserva. Elle lembrava, no seu brado de patriotica videncia, que «das tres nações sul-americanas que possuiam marinha, a que hoje está, por assim dizer, fóra do numero, é o Brazil».

E' sabido o abalo sensacional que este pamphleto produziu nas rodas militares, e entre todos os que, por patriotismo ou por dever profissional, se interessam em taes assumptos; todo esse mundo leu ou commentou as suggestões, as doutrinas, os conceitos contidos naquelles capitulos, que mais parecem-nos um aviso prophetico, do que uma simples licção exhortativa do pensador e do patriota.

Notar que, quando o publicista brasileiro exharava estes preceitos da mais solida e orientada estrategia naval, colhidas na *licção*

do extremo oriente, a guerra chino-japoneza, elle estava bem longe de calcular com a confirmação, que os factos da politica internacional lhe vieram subsequentemente trazer, como roboração das doutrinas explanadas no seu livro.

Com effeito, de 1895, quando foi escripta a *Licção do Extremo Oriente*, para cá as idéas que lhe formam a urdidura não têm senão ganho dominio, penetrando a convicção de todos os governos, que, as põem em pratica ; é assim que a Inglaterra, a França, a Russia, a Allemanha, a Italia, os Estados-Unidos, o Japão, a Argentina, o Chile e até a Turquia, a China, Portugal, etc., estão pondo em contribuição todas as forças nacionaes, até ao sacrificio, para augmento de suas respectivas frotas de guerra, instrucção e cultura de seus officiaes e aperfeiçoamentos dos serviços que incumbem á marinha.

A guerra recente, a que já nos temos referido, proporcionou mais um exemplo do

que os factos reservam aos povos negligentes, ou incapazes de comprehender a necessidade do poder naval. Os resultados da ultima guerra entre a Hespanha e os Estados Unidos são de ordem a levar a evidencia aos espiritos mais obtuzos ; a demonstração alli foi definitiva. Vieram a se chocar dous paizes, ambos illustres, ambos fortes, sómente um delles, porém, cuidara, em tempo, de apparelhar e robustecer o seu poder naval ; o outro, a Hespanha, relativamente deleixara o augmento de sua força no mar. E o que succedeu-lhe todo o mundo sabe.

Na Hespanha, como entre nós, os partidos com a sua insensata politicagem a que se associam, de boa vontade, os militares de terra e de mar, se descuidaram bem dos interesses sagrados de que a marinha era a unica fiadora ; la, como entre nós, não se aventava proposta a favor da marinha, sem logo encontrar os estorvos, os embaraços, que certos programmas de economia (a

hypocrisia orçamentaria tem os mesmos disfarces em toda parte) avorados, alternativamente, por opposicionistas e governistas, sabem preconisar, a tempo, para armar ás sympathias, ás adhesões do capital, e ás dos contribuintes, por natureza hostis ou indifferentes aos reclamos da defesa publica.

E' assim que a politica dos generaes parlidistas, pullulantes na Hespanha, mantinha o orçamento da marinha sempre exiguo, sempre inferior ao das forças de terra; ao passo que não se recusava a alimentar um exercito numeroso, erigido de generaes poluidos, até a medulla, da eiva politiquista, cuja nocividade os resultados da ultima guerra demonstraram.

Já no começo do seculo, a historia nos depara analogos exemplos, na França mesma de Napoleão I. Ella dispunha d'um grande

exercito, o mais poderoso e aguerrido talvez de quantos têm existido, mas não possuia marinha correspondente. Ao envez, a Inglaterra contentava-se com um modesto exercito, instruido e disciplinado, porém, apresentava uma marinha poderosa, a mais bem organizada e disposta, das existentes.

Ao embate, com taes elementos, a victoria não poderia falhar á Inglaterra; Napoleão foi vencido, e a França anniquillada. D'ahi a phrase do almirante Révellère: *foram as naus inglezas que venceram em Waterloo.*

Façamos, porém, justiça ao immortal vencedor da Europa, Napoleão não foi vencido por inepto; ao seu genio descortinador não podiam escapar a necessidade e a efficacia do poder maritimo, na cartada em que se empenhara com a França contra a Europa inteira. Elle percebeu-o, e tentou o possivel por creal-o; infelizmente, repetimos, o poder maritimo não se improvisa, como se improvisa um exercito.

A marinha é um mundo especialissimo, um producto longamente elaborado pelo concurso de mil coefficients, o complexo delicadissimo das mais variadas convergencias, e ao qual são indispensaveis, como á formação do diamante no seio da natureza, o tempo e o meio propicio.

Com um nucleo sabio e experimentado de officiaes, e o arcabouço de alguns regimentos das tres armas, nutridos á cultura de algumas escolas dignas do seu objecto, qualquer paiz bem administrado está apto a mobilisar um exercito, dentro de dous, tres ou quatro mezes, capaz de prover á defesa do territorio e até muitas vezes de levar a offensiva além das suas fronteiras terrestres. Ainda na guerra de 1870, apoz a derrota do exercito francez, vio-se a praticabilidade da improvisação de um exercito, naquelle heroico corpo do Loire, capaz de grandes feitos, si a França dispu-

zesse então de officiaes e chefes com a cultura dos do exercito inimigo.

Nós mesmos, dando uma prova da nossa capacidade militar, offerecemos ao mundo tambem uma demonstração pratica da criação subtanea de um exercito, chamando ás armas os voluntarios, das vinte provincias, para cahir sobre o exercito regular e optimamente constituido do presidente Lopez. ⁽¹⁾

Nem se diga que, as condições modernas da arte da guerra hão mudado, e já não é facil argumentar hoje com os exemplos de

(1) Segundo a obra *Seven Eventful Years in Paraguay* do Dr. Masterman, que esteve ao serviço militar do exercito de Lopez, o effectivo deste exercito se elevava a 100,000 homens, o que é confirmado por outros muitos escriptores.

Nós, ao contrario, estavamos quasi sem exercito, não obstante a lucta com o Uruguay.

Felizmente, porém, dispunhamos de generaes superiores, de todo merito, como Caxias, Herval, Porto Alegre, etc.; e pois, foi facil dentro de pouco tempo apresentarmo-nos no Paraguay com forças capazes de levar de vencida aquelle exercito. E' que a theoria é verdadeira, para os paizes de condições topographicas e estrategicas como o nosso: com um arcabouço solido, pela instrucção e competencia, é facil relativamente levantar um exercito: no momento da defesa, o exercito será — todo mundo.

ha 30 annos ; recentemente, vimos os Estados Unidos prepararem, dentro de dois mezes, 100.000 soldados que invadiram Cuba, Porto Rico, Filipinas, etc., e mobilisariam em quatro mezes 500.000 si fossem necessarios.

O que nem a America do Norte, nem nós, nem potencia alguma conseguiria improvisar, em nenhum caso, seria uma forte marinha de guerra ; e, por isso mesmo, elles prepararam-n'a em tempo.

O capitão Mahan, addido naval dos Estados Unidos em Berlim, a 24 de abril, dias depois de declarada a guerra, asseverava, o que não foi desmentido pelos factos :

« A esquadra dos Estados-Unidos está perfeitamente preparada para a guerra, com material e pessoal do melhor, ella dará boa conta de si. »

Mas, nós não temos necessidade de beber licções neste exemplo, quando temos, em a nossa historia militar, provas do mesmo genero e do mesmo valor.

Ao declarar-se a guerra do Paraguay, o Brazil sorprendido pelas hostilidades de Solano Lopez que aprisionara-nos, em plena paz, um navio mercante, e invadira a nossa provincia de Matto Grosso, dispondo de generaes como Caxias, Osorio, Polydoro, etc., em pouco tempo pozemos em armas 60.000 soldados; mas, todos os escriptores, nacionaes e estrangeiros, são accordes em que, si o dictador dispuzera de uma forte esquadra que, começasse por bloqueiar as nossas capitães marítimas, ou mesmo, si com os fracos elementos navaes de que dispunha houvera derrotado a divisão Barroso, em Riachuelo, é quasi certo que teria imposto ao Imperio todos os vexames, e a impossibilidade de proseguir a guerra nos obrigaria a aceitar tudo, com uma paz humilhante.

Destroçada, porém, do primeiro golpe, a sua força naval, e assegurado ao Brazil o dominio das aguas no sul, o anniquilamento do dictador era, como foi, uma questão de

tempo, não obstante o Paraguay ter, sobre nós, uma superioridade, nas forças de terra, de 80.000 a 100.000 homens e 500 peças de artilheria.

E' que as guerras modernas não se resolvem em terra e sim no mar. «Ainda que a nação mais debil na sua marinha seja a mais favorecida a todos os outros respeito, de nada lhe vale esta apparente compensação ; porque, diz a grande autoridade americana, o capitão Mahan, «não haverá tempo de convergir para a lucta as forças de resistencia do edificio nacional : o golpe cairá sobre a esquadra militar organisada e, si esta ceder, a solidez do resto da estructura não servirá de nada.» (1)

Todos os exemplos da historia contemporanea confirmam, d'um modo indefectivel,

(1) Ruy Barbosa — *Cartas de Inglaterra*, pag. 172.

que, para as nações marítimas, e até certo ponto para todas as outras, as mais bem organisadas forças de terra nada podem fazer, em definitiva, pela defesa da patria, si forças efficazes não n'a defendem no mar; por outro lado, si a nação pode offerecer resistencia no mar, ella é invencivel nas suas forças de terra. Emquanto lhe restar um unico ponto de apoio sobre o mar, o eterno reservatorio da vida, essa nação resistirá ás mais poderosas invasões do seu territorio.

A Inglaterra, o povo pratico por excellencia, tem se mostrado igualmente o mais inabalavel convicto destas verdades. De toda a historia moderna desse povo, se póde, sem o menor esforço de penetração, apprehender o traço dominante da sua politica, baseada nessa ordem de verdades, e que se traduz não só pela solitudine ostensiva, com que mantém a sua superioridade naval, sobre todos os outros, como ainda mais pelos es-

forços, que emprega, para que os vizinhos não n'a possam acompanhar, nem exceder.

« O capitão de mar e guerra, Mahan, observa que um dos efeitos do bloqueio em que os inglezes mantinham os portos da França, nas guerras maritimas do seculo passado e do actual, era *conservar os francezes em um estado de constante inferioridade no manejo pratico dos seus navios.*» (1)

Foi no seio desta nação admiravel pela constancia dos seus esforços, pela uniformidade de vistas dos seus politicos quando se trata da grandeza nacional, e justamente abalado pelo espectaculo da ruina de nosso exiguo poder naval, a que a revolta da armada acabara de imprimir traços crus, que o exhimio publicista bahiano escreveti a sua *Licção do Extremo Oriente*, pagina em que se percebe todos os timbres d'um appello pro-

(1) Barão de Jaceguay.— *Organisação Naval.* Pag. 38

phético ás energias latentes do civismo e do pundonor brasileiros.

Num dos seus dias de humor, Stendhal escreveu que « *o espirito e o genio perdem vinte e cinco por cento, do seu valor, logo que chegam á Inglaterra.* »

Com o espirito e o genio do publicista brasileiro não se verificou a observação de Stendhal ; em chegando á Inglaterra foi que se lhe desabotoou, na mais bella e iriada florescencia, o germen creador das *Cartas da Inglaterra*, de cuja seriação se destaca essa obra peregrina de saber e patriotismo titulada « *A Licção do Extremo Oriente.* »

A sinceridade e o patriotismo do autor transluzem alli em cada linha, centelham de cada phrase, com a intensidade e a expontaneidade da luz, ao contacto dos carvões voltaicos, numa lampada de energias deslumbradoras; nella revelou-se o Dr. Ruy Barbosa o primeiro, o mais conspicuo expositor de estrategia naval entre nós.

Mas, o serviço que elle prestou ao seu, ao nosso paiz, com aquelle brado cordial e persuasivo é maior, ainda, do que a verdade das doutrinas e conceitos que alli vêm, e do que a eloquencia com que nol-os apresenta o expositor, de quem, aliás, se poderia dizer, como d'aquelle arauto dos tempos heroicos — « semelhante aos deuses pela voz ».

O caso americano-hespanhol

Echos da imprensa estrangeira applicaveis á nossa situação. — O poder naval da França e as preocupações dos jornalistas. — Um artigo de L. Millevoye. — Estadistas divorciados da nação. — Uma reminiscencia historico-parlamentar.

ASSIGNALAMOS, com justo desvanecimento, no capitulo precedente, o serviço prestado ao paiz pelo autor d' *A Licção do Extremo Oriente*; serviço que, a nosso vêr, é o maior que se lhe pôde consagrar neste momento, quando ao mesmo tempo que a concorrencia na aquisição do poder naval se manifesta, por toda parte, num encarniçamento superior a todos os sacrificios, a nossa marinha gravita em franca decadencia,

em franca desagregação organica, para um aniquilamento total.

Procuraremos alludir, neste capitulo, ao aspecto geral, á linha predominante das opiniões, no jornalismo europeu, á respeito dos ensinamentos que o recente drama hespanhol nos proporciona.

Os ensinamentos que se poderam obter dessa guerra não fazem mais do que confirmar, estrictamente, as observações dos publicistas, dos escriptores militares, dos mestres da estrategia, neste ponto commum em que, sem excepção, se fundem todos os pareceres, e vem a ser: — a necessidade, para os paizes maritimos, de se manterem militarmente fortes no mar.

Uma necessidade deploravel, si o quiserem, mas, por ora, e por muitos tempos ainda, uma necessidade absoluta a que estes paizes não se podem furtar sem, ao mesmo tempo, pôr em jogo a sua propria existencia politica.

Estas verdades que a historia de todas as guerras maritimas já nos tinha revelado; que d'um modo tão frisante se reproduziram na guerra sino-japoneza; a da Hespanha contra os Estados-Unidos as veio confirmar radicalmente, definitivamente, acabando por impôr aos estadistas, e a todos os que se preocupam com a grandeza de sua patria, a convicção absoluta da interdependencia do poder naval com propria estabilidade da nação.

As convicções, geradas do conhecimento dessa verdade, explicam o clamor que, de toda parte, se levanta incitando os governos a não recuarem deante de nenhum sacrificio, afim de manterem o seu poder naval.

**

Effectivamente, não é só entre nós que a grandeza do problema está desafiando as exhortações do jornalismo patriotico, e inte-

ressando na propaganda todas as classes nacionaes.

Por toda parte, os publicistas dão rebate, apontando a questão aos que governam.

Agora mesmo, com o desfecho do drama hispano-americano, o vozeiar se espraia e se eleva como caudaes d'um rio em marcha ; o clamor echoa de todos os lados concitando, de mil modos, os governos a augmentarem seus elementos de defesa maritima. E não já nos paizes de poder infimo, como o nosso.

Na propria França onde a marinha imponente pela capacidade dos seus officiaes, disciplina da sua maruja, e excellencia do seu material fluctuante, pareceria escusar taes reclamos, vemos que os estrategistas se commovem, exigem o augmento desses recursos ; ao passo que, no periodismo da capital, redactores e publicistas pregam o aperfeiçoamento da marinha.

Nos dias seguintes á destruição da frota hespanhola em Santiago, e de então para ca,

a imprensa de Paris não tem cessado de analysar, quer pelas revistas technicas, quer pelos jornaes populares, todas as faces d'aquella campanha cheia de ensinamentos, nos seus episodios mais commoventes, como nos seus detalhes menos relevantes; e o vertice commum, em que todos se acham de accordo, é que: cumpre augmentar a armada, custe o que custar.

Ainda na sua edição de 9 de agosto, um dos jornaes mais lidos escrevia, sob o titulo *A lição*, e com a assignatura de Lucien Millevoye, o ardente pamphletista e deputado parisiense, commentando a paz que os successos da guerra acabavam de impôr á Hespanha.

Não queremos diluir, numa traducção, a eloquencia vibrante e communicativa de Millevoye :

LA LEÇON

« L'Espagne se résigne à la paix. Ce n'est pas le courage qui lui manque : elle l'a poussé jusqu'à la témérité héroïque. Son

bras a été paralysé par des fautes, par des imprévoyances politiques qui seront durement expiées. Elle succombe, victime de l'inertie administrative qui n'a pas su, ou qui n'a pas voulu préparer la guerre. Elle a été surprise et foudroyée par une activité supérieure, par une offensive depuis longtemps organisée, par la mise en œuvre implacable des moyens scientifiques qui sont de nos jours les éléments indispensables de l'attaque et de la défense.

Les marins de Cavite et de Santiago se sont sacrifiés dans un élan sublime pour sauver l'honneur de leur patrie. En effet, l'honneur reste intact. Mais l'Espagne est démembrée. Nous avons connu les mêmes douleurs nationales, nous avons subi, nous aussi, l'inexorable loi de la défaite. Et nous avons aujourd'hui une double leçon à méditer : celle de 1871, celle de 1898. On n'improvise pas la guerre... Contre les convoitises étrangères, il faut, avec un zèle incessant,

armer les pierres, armer les hommes; il faut des forts, des vaisseaux, des canons, des soldats..., il faut l'infatigable veillée des âmes et la rigoureuse veillée des armes. » (1)

O leitor nos relevará que, para despertar nossos conterraneos, estejamos a pedir o concurso do jornalismo parisiense, num assumpto que só a nós diz respeito — a nossa defesa. Estes ultimos annos, a decadencia da nossa antiga supremacia naval, no continente, tem alarmado varios brasileiros patriotas, e ahi estão, como provas, a calorosa *Licção do Extremo Oriente*, de Ruy Barbosa, objecto, ha pouco, de nossas referencias, a *Organisação Naval*, de Jaceguay, o estudo do capitão-tenente Brazil Silvado sobre *Reorganisação Geral da Marinha Brasileira*, a *Marinha d'Outr'ora* de Affonso Celso, a traducção da *Influencia do poder naval na Historia*, de Mahan, pelo 1º tenente Leão

(1) *La Patrie*, — 9 de agosto de 1898, artigo editorial.

Amzalak, e outras, todas tendentes ao mesmo sagrado objectivo.

Mas, a observação popular, na advertencia d'um dos seus brocardos — *ninguem é propheta em sua terra* — deve nos dissuadir de esperar obter conversões, sem o adjuutorio dos publicistas estrangeiros.

Esta consideração terá a virtude de nos justificar, para com o leitor nativista, destes depoimentos estrangeiros talvez importunos.

Porém, não é tudo ; eis como Millevoye encerra suas imprecações:

« *Le sursum corda, et la poudre sèche...*, telles sont les conditions de l'indépendance nationale. Malheur à qui les néglige ! Et surtout que les nations qui ont un patrimoine, des foyers, des morts, des frontières á défendre, se défient des querelles byzantines ! Quand les partis acharnés à la conquête des places, des jouissances, du pouvoir, s'aveuglent et s'épuisent, dans ces luttes stériles, l'horizon se ferme autour des patries

menacées, l'ennemi y fait pénétrer ses complices, y dépose librement des germes de décomposition. A l'heure du péril, tout manque, tout s'écroule à la fois : l'effort suprême est impuissant. Il ne reste plus qu'à bien mourir.» (1)

Vê o leitor? Acreditar-se-á que estas linhas frementes não foram endereçadas a nós outros?

Como calham á nossa condição, ás nossas desavenças domesticas, ao nosso horisonte pejado de incertezas !

A' parte a allusão incidental á questão *dreyfusista*, dir-se-ia que estão alli muitas verdades calcadas sobre os relevos da nossa miseria actual.

.

A preocupação absorvente de todos os publicistas francezes é, neste momento, a solidéz e o aperfeiçoamento do seu poder naval.

(1) *La Patrie*, artigo editorial de 9 de Agosto de 1895.

E' assim que, referindo-se ás grandes manobras da esquadra, nesse anno, o árdido tribuno popular esquece a sua opposição ao governo, os seus milhares de partidarios cujo paladar, é forçoso lisonjear com a odysseá dreyfusiana, esquece tudo emfim, para acompanhar, com estremecimentos filiaes, o problema dos problemas, numa demonstração do poder maritimo de seu paiz.

Sob o titulo — *As manobras de Brest* (1) escrevia elle :

« Absorvido e enervado, ha vinte annos, por tolas e despreziveis querelas partidarias, nosso paiz não tem prestado uma attenção sufficiente aos defeitos de sua couraça, á ferrugem de sua armadura. As luctas parlamentares, as quedas de ministerios, as batalhas eleitoraes têm feito muito barulho, demasiado barulho.

E' neste choque de interesses mediocres,

(1) *La Patrie*, — 10 de Agosto de 1898, artigo editorial assignado por Lucien Millevoye.

neste embate de paixões malsans, as aspirações legítimas permanecem longo tempo silenciosas, e o — *Em guarda!* — explue bruscamente.

E' tempo ainda de chamar a França ao sentimento de sua defesa e de sua garantia.

Não resta uma hora só a perder.

Nossos inimigos hereditarios têm sobre nós um avaiço ameaçador.

Nos arsenaes inglezes tudo se acha em condições de tomar a offensiva fulminante. A diplomacia procurando, numa *entente cordiale* com a Inglaterra, o penhor da nossa segurança maritima mostrou-se parva, senão criminosa.

Não ha garantias certas para a independencia d'uma nação, a não ser o achar-se preparada para a guerra. *Só as nações fortes são respeitadas; a fraqueza não é uma salvaguarda. A desproporção de forças traz muita humilhação, de um lado, e muita arrogancia, de outro. Ella accarreta, invariavelmente, como*

consequencias as imposições injuriosas que acompanham as tragedias historicas.

Facilitar em assumptos que se prendem á defesa nacional é um crime, e é o mais falso, o mais miseravel dos calculos. E' sabido que a honra custa muito mais caro a vingar que defender.»

« A desgraçada e valorosa Hespanha » acrescentava o judicioso jornalista francez, « acaba de provar, ha pouco, esta verdade : nada ha mais oneroso do que a derrota.

.....

Que o nosso ministro da marinha não se detenha com os obstaculos, aliás frageis, que lhe opporão as mesquinhas rivalidades, os ridiculos ciumes partidarios.

Que elle marche e seguil-o-hemos. Todos os patriotas da Camara querem que a nossa defesa naval seja uma realidade.

E nós nos associaremos todos, nas nossas preocupações, ardentes, sob a bandeira da França. »

É esta propaganda não tem echoado somente na imprensa quotidiana, está bem visto.

É' nas obras dos profissionaes, nos livros technicos, nas revistas de terra e de mar que, principalmente, a providencia desse grande povo clama, no tom caracteristico das convicções patrioticas, pelo aperfeiçoamento da esquadra, pela expansão do poder maritimo na França.

Numerosas e ardentes, estas publicações formam hoje uma vasta litteratura militar, de cujo valor se pôde calcular pela superioridade e pela intensidade da cultura das classes armadas alli.

Ha evidentemente um abysmo, entre o interesse actual do espirito publico, com relação á marinha, e o estado de indiferença ignara com que nos paizes como o Brasil o poder publico vai olhando o oceano, e descurando a defesa de suas fronteiras.

De Luiz XV, a cujo reinado a França deveu a decadencia maritima que haveria pro-

duzir, mais tarde, os fructos de Aboukir, contam esta anedocta :

O pintor Latour regressara da Inglaterra impressionado com a grandesa de sua organização naval, das suas formidaveis náos e, desde que se achou com o rei, não se conteve que deixasse de exclamar : — *Sire, não temos marinha !*

Ao que logo accudio Luiz XV : — *E as de Vernet ?*

Ao depois os factos mostraram que, si é glorioso ter pintores como os Vernet, não o é menos preparar almirantes como Nelson.

O Brasil, hoje, está na phase, de inconsciencia dos perigos maritimos, em que se achava o governo da França, naquelle seculo.

Actualmente, não obstante o governo francez empregar todo o zelo pelo augmento da sua marinha militar, os patriotas escrevem, conscitam, obsecram novos esforços, novos melhoramentos nesse serviço.

É contudo este clamor pelo augmento da marinha de guerra não é isolado, nem é de agora.

Ha dez annos, desde 1888, um fremito communicativo agita a França, interessa todo o seu povo, pela questão da defesa maritima, pela marinha de guerra; a França, entretanto, é, sem contestação, a primeira potencia naval, depois da Inglaterra. Em França cujas fronteiras maritimas, mesmo incluídas as colonias, são menores que as do Brasil, e onde as condições de resistencia e poder são incomparavelmente maiores, os publicistas, os profissionaes, os politicos, todo mundo se occupa com o poder naval do paiz; e ainda ha pouco, quando o pamphleto *Le Peril Maritime*, (1) de M. Raoul Frary, alarmava o publico, com a designação das lacunas da administração naval, vio-se como os homens politicos, no parlamento, nomeadamente Paul

(1) Foi publicado na *Nouvelle Revue*, de 15 de junho de 1888.

Deschanel, reclamaram uma reorganização, um augmento dos recursos da defesa naval alli.

Entre nós, ao envez, com a melhor vontade deste mundo não se descobriria um Deschanel, um Lackroy, nem tão pouco um parlamento seriamente devotado á marinha.

Ora, quem conhece o poder naval da França, preeminente na lista das grandes potencias maritimas, e lhe ouve aos seus escriptores esta linguagem borbúlhante, de intimas apprehensões, o que poderá ajuizar de nossos governos, que até agora não significaram o menor esforço efficaz pela reorganização da marinha nacional?

Si potencias do valor da França tremem pela sua segurança, não se reputam garantidas senão augmentando, e aperfeiçoando, sem descanso, os seus elementos de defesa maritima, o que pensarmos nós a respeito

das contingencias a que está exposta a nossa patria, com uma fronteira extensissima totalmente desprotegida?

O que pensarmos da monstruosa paz d'alma, com que entre nós os governos se succedem, sem attentar um instante para a ruina do nosso poder naval, hoje reduzido ha pouco menos que uma ficção, uma mentira?

**

A observação, isto é a Historia, tem mostrado que a capacidade de aperfeiçoamento e civilização de um povo, se revela nos seus estadistas, pelo gráo de sensibilidade ou de receptividade com que elles se appropriam das idéas e aspirações adiantadas. Os Estados Unidos, o Japão, a Argentina nos proporcionam exemplos concludentes nesse sentido.

Mas, nossos estadistas, por via de regra, tardigrados e ronceiros no governo, nunca demonstraram irreconciliabilidade mais con-

stante e manifesta ás aspirações nacionaes, e, quasi dizemos universaes, do que nas questões que se relacionam com a defesa maritima. Governos e parlamentos, salvo as excepções, mantêm ainda, depois do colapso da nossa organização naval pela revolta de 1893, a mais espantosa negligencia.

As conclusões a tirar dahi nos levariam mais longe do que desejamos ; e talvez irrogassemos uma injuria immerecida á capacidade do nosso paiz. Preferimos acceitar esta outra deducção : que taes estadistas têm estado em divorcio com as aspirações e as necessidades nacionaes.

Elles não poderam, até este momento, perceber que os creditos que forem votados para uma séria reorganização do nosso poder naval serão o unico seguro nacional contra os riscos do futuro.

Mais de uma vez temos visto a myopia politica alcatruzar-se ás eminencias da tribuna parlamentar, ou tacteando nos edito-

riaes da imprensa, para analysar, como avarento incuravel, entre os dedos, as parcellas irrisorias que o Estado dispende com o custeio da sua frota de guerra, sem comprehender que aquillo é o dinheiro de todos nós, posto em deposito para a defesa tambem de todos nós.

Ainda na legislatura do anno proximo findo um deputado exclamava, a proposito da venda de dois cruzadores brasileiros aos Estados-Unidos: *só tenho pena não fossem quatro em vez de dois...*

Isso depois das glorias e das licções obtidas no Paraguay! Depois do exemplo da China prestes a ser retalhada entre as nações!! Depois da Hespanha anniquillada, humilhada e despojada!!! (1)

(1) Devemos mencionar, como preito á justiça, que, tambem ha alguns que meditam sobre estas questões momentosas; e nessa legislatura parlamentar em que um deputado votava á questão financeira a venda de cruzadores brasileiros, um outro, o Sr. Nilo Peçanha, proclamava da tribuna a grandeza da missão que incumbe á marinha nacional, na paz e na guerra.

« Todavia, não ha muito que admirar ; na sessão de 8 de Julho de 1864, alguns mezes, pois, antes da declaração da guerra com o Paraguay, um representante do povo lançava aos ouvidos atonitos do publico esta coarctada : « Darei graças a Deus se vir arder o ultimo navio da esquadra brasileira ! » (1)

É pensar-se que são estes os descendentes de navegadores, e os filhos d'aquella heroica geração de 1822 que nos assegurou a independencia e a integridade das provincias pelas forças navaes ao mando de Coekrane, Grenfell, etc. !

Alexandre Herculano aqui exclamaria :
isso faz vontade de morrer...

Nós, porem, apostropharemos com Hugo :

Oh ! nais fils des géants !

Renards nés de la louve !

(1) Affonso Celso — *A Marinha d'outrora*. Rio de Janeiro 1895. Pag. 36.

Não patenteiaríamos a sinceridade e a isenção de nossos reparos si não assignalássemos um ponto de importancia, e vem a ser que, estes bons cidadãos, inimigos de toda idéa de despesas com apercebimentos bellicos, por via de regra acceitam, contrictos, resignados, quando os factos lh'as envíam, todas as oppportunidades de arrependimento e contricção profunda.

Foi o que se deu, para só citar um caso, com o coronel Carneiro de Campos; e é o que se ha de dar com muitos, com todos, si os negocios da nossa defesa maritima continuarem no mesmo abandono de actualmente.

O caso do coronel Carneiro de Campos é eloquentissimo.

Era deputado, na legislatura de 1864; na sessão de 18 de Março (1) tendo se aventado

(1) Affonso Celso — Obra citada, pag. 38.

um augmento nos quadros do exercito, este politico, apesar de militar, oppoz-se-lhe tenazmente, disertando sobre o logar commum da inutilidade das despesas militares.

Em Novembro do mesmo anno, o presidente do Paraguay, inopinadamente, rompe hostilidades contra o Brasil, e, a primeira victima da sua arrogancia foi (terrivel coincidencia!) o deputado e coronel Carneiro de Campos, que então navegava, desapercebidamente, para Matto Grosso, esquecido de que as nações fracas são, por si mesmas, um convite á violencia e á humilhação. *On ne respecte que les nations fortes*, como se diz allures.

Mais lastimavel do que isso, porém, é que taes exemplos não consigam, como não o têm conseguido até agora, despertar para as necessidades da defesa nacional o devotamento, ou siquer a mais ligeira attenção dos nossos politicos de hontem e de hoje.

Quasi se podendo dizer d'elles, com o poeta :

« Mas, o peor de tudo é que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão duros e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.»

Ainda raciocinam, como ha 100 annos remotos, que o perigo suggere a propria salvação, e a guerra mesmo se encarrega de suscitar os grandes generaes, os grandes almirantes. O que escusaria todo trabalho de preparação e apparelhamento durante a paz.

Raciocinam ainda assim, e cruzam os braços ; quando, entretanto, tudo tem mudado em torno de nós, a guerra é hoje uma sciencia, e uma sciencia exacta de numeros e de problemas estrictamente mathematicos.

O valor pessoal já não consegue fazer prodigios uteis, o enthusiasmo, a « rara bravura », a que ainda alguns alludem como qualidade ingenita do marinheiro, viram

todo o seu poder thaumaturgico annular-se á proporção que a mechanica, a electricidade, a physica applicada metteram em scena o canhão tiro-rapido, o obuz de *fulmicoton*, o torpedo autonomo ; emquanto as machinas de triplice e quadrupla expansão transmutaram o tardigradismo das *urcas* de outr'ora, nas velocidades insolitas dos « *destroyers* » e dos *éclaircurs* modernos.

O poder marítimo

O que propugnamos. — A lucta pelo dominio do mar. — Hypertrophia da producção naval. — Estamos nos ultimos degrãos, na ordem das potencias maritimas. — Tudo tem a sua manhã. — Faz-se mister um «bom movimento». — A objecção financeira. — Preparemos officiaes e marinheiros.

OS utopistas infrangiveis ; os litteratos imbuidos da convicção de que, nada é tão indigno de um verdadeiro intellectual, como cultivar isso a que chamam desdenhosamente «instinctos marciaes ; os governos que tem levado pela mão o paiz até a borda do precipicio ; os politicos, grandes e rasteiros, que não soffrem se lhes falle senão de

suas preocupações eleitoraes ; toda esta gente deplorará, com uma sinceridade a que estamos longe de mostrarmo-nos insensível, o tempo que gastamos em tratar o assumpto deste livro, e nos perguntará talvez: porque não empregamos tanto enthusiasmo em acoçoar as aspirações litterarias, as tendencias artisticas do paiz, o seu renascimento intellectual?

Nós lhes responderíamos, com os factos, que essas aspirações não são factura de uma vontade, nem de uma geração, mas uma elaboração do próprio organismo nacional.

Tratamos d'uma necessidade, cuja satisfação só póde ser adiada deixando-se em jogo a honra da Republica ; reclamamos a convergencia de esforços, a sinergia das forças nacionaes para a criação de um começo de poder naval, base em que, a nosso vêr, assentará a grandeza futura do paiz, como, desde já, a sua defesa interna e externa.

Accrescentaremos, todavia, que a consciencia da força nacional, pelos apercebimentos militares, nunca foi obstaculo ao renascimento litterario e artistico de um povo; antes, bem vezes, tem-se visto que este renascimento assume o aspecto de um phenomeno de reparação, e de reconstrucção social, sobrevivendo á guerra como um consectario della.

E' sabido como na Allemanha, depois da guerra dos *sete annos*, e depois do governo genuinamente militar de Frederico, o Grande, a genialidade do povo prussiano manifestou-se, brilhando em astros da grandeza de Winkelman, Klopstock, Wieland, Lessing e cem outros.

Na França, apoz as campanhas da Republica e as de Napoleão, o nivel artistico e litterario subio grandemente, e seria impossivel arrolar aqui os nomes das notabilidades que, como uma florescencia da estação guerreira, vieram dar áquella nação privilegiada um lustre immorredoiro.

Na Italia as luctas contra a França, no tempo de João de Medicis, a guerra do Milanez, etc., foram o prenuncio dessa época resplandesciente do Renascimento, do seculo de Leão X, em que a Italia vio alumiar o mundo, com o fulgor do seu nome, Ariosto, Berni, Accolti, Alamani, Bembo, Guicciardini, Miguel Angelo, Raphael e tantos e tantos. Entre nós mesmos, quem negará o revigoroamento das manifestações intellectuaes que se seguiram á lucta da independencia e á campanha cruel do Paraguay?

Era talvez confessando a observação do mesmo phenomeno que, já na antiguidade, no triumpho celebrado em honra de Fulvius Nobilior, os romanos fizeram figurar um grupo representando as nove musas conduzidas por Hercules. Podemos traduzir d'esta allegoria o conhecimento que elles tinham da precessão da força, na ordem social, ás grandes epocas intellectuaes de bellas-artes e bellas-lettras.

Vêm a proposito aquellas palavras de Cavour quando, sustentando este mesmo thema, isto em 1847, exclamava :

« Um povo que *progride na civilização* deve, necessariamente ter progredido em riqueza, e *em potencia material*. As condições dos seus progressos são identicas ».

Ao mesmo tempo, sabemos o que succede aos que descuram a defesa material, absorvidos com as preocupações intellectivas.

A Polonia attingira a um alto gráo de capacidade litteraria e artistica, mas porque não era militarmente forte, e não obstante o valor de cidadãos como Kosciuszko, veio a perder sua independencia e sua liberdade politicas.

Receíamos que, á força de se voltar systematicamente o rosto ás questões que se prendem com a defesa nacional ; á força de se pregar a renuncia dos instinctos fortes,

estejamos conformando, moralmente, uma geração emascuada; e que, por este processo de ablação dos sentimentos varonis, prática da arboricultura chinesa, venhamos a obter uma raça de homunculos, cujo nativismo atrophiado acabe por descobrir na hypothese do protectorado estrangeiro a suprema fortuna d'este paiz.

E' por isso que propugnamos a reconstituição do nosso antigo poder naval, como ponto de partida para uma organização mais ampla e mais solida; que nos censurem os ideologos, que nos escarneçam os politicos, emmalhados nas teias de suas obras perecedoiras.

O facto é que, neste momento, todos os povos mostram-se convencidos da necessidade de se tornarem fortes no mar, porquanto no mar é que se resolvem, hoje, os conflicts.

Os povos europeus, entretanto, só têm a temer-se uns dos outros; e nós?

Não só temos que attender ás propensões de nossos visinhos no continente, como temos que receiar as potencias europeas, cuja arrogancia se resume nesta formula : *o direito do mais forte é a justiça internacional*. Mas, nem só isso.

Tememos, ainda, a expansão da Republica norte-americana que, até certo tempo, era a garantia das democracias inermes da America e transmudou-se, numa metábole de sorprehender, na maior ameaça para ellas; é hoje aquelle insaciavel, de quem fallou Massillon, que não julgava ter nada emquanto não tivesse tudo.

Não ha, pois, como fugirmos ao problema: ou organisaremos nossa defesa e nos faremos respeitar, ou não nos empenhamos nisso e advvirá nossa ruina.

Reproduzimos, em o capitulo anterior, alguns echos da opinião publica em França, tomados a um dos mais populares jornaes de Paris, ao acaso, podendo referirmo-nos

a cem outros, da capital e dos departamentos. Seria, porém, uma illusão deploravel desconhecer que o espirito que anima essa campanha, dos patriotas francezes, não se manifesta, exclusivamente, dentro das fronteiras d'aquella nação, mas domina por igual a linguagem e os esforços de todos os povos civilisados, actualmente empenhados no afan de se constituirem fortes no mar.

O traço dominante da politica internacional, hoje, é o pensamento que se traduz neste conceito: o mar é o depositario da ruina ou da grandeza, para os povos que elle banha.

Para os paizes de fronteiras maritimas, não ha segurança ou garantia effectivas, si elles não se acham aparelhados para defendel-as, com os elementos que formam o poder naval moderno.

A acção uniforme de todos os governos, no preparo dos seus recursos navaes, demonstra que, já não ha povo para quem taes

dictames sejam novidade. Por toda parte se procura estar forte sobre o mar.

A' intensidade dos esforços pela preparação e cultura do pessoal, officialidade, maruja, etc., corresponde, em todos os paizes avançados, uma expansão, um desenvolvimento da industria naval-militar.

Durante o anno ha pouco findo (1898) as revistas technicas, acompanhando com interesse esta hypertrophia da actividade industrial, no que respeita ás construcções navaes, nos fornecem dados precisos e eloquentes sobre o assumpto.

Os estabelecimentos productores, das potencias maritimas, apresentaram uma somma em navios para 141,485 toneladas; os particulares para 23,0877; um total, pois, de 372,362 toneladas.

Como se pôde cuidar, a producção maior pertence á Inglaterra, que, nas construcções navaes, é representada por 153,732 toneladas, assim divididas: 3 couraçados,

deslocando complexivamente 82,000 toneladas ; 9 cruzadores de deslocamento complexo de 65,870 toneladas ; 7 caça-torpedeiras de 2 a 3 mil toneladas e 4 canhoneiras de 3 mil e tantas toneladas.

Em seguida vêm os Estados- Unidos que construíram navios para 56,426 toneladas, divididas em 5 couraçados.

O Japão produziu 47,520 toneladas divididas em 1 couraçado, 5 cruzadores e 3 caça-torpedeiras ; a França 25,668 toneladas assim divididas : 1 couraçado, 2 cruzadores, 1 canhoneira torpedeira e 1 torpedeira ; a Allemanha, 16,545 toneladas em 3 cruzadores, 2 canhoneiras e 1 torpedeira ; a Russia, 27,040 toneladas em 2 couraçados, 4 caça-torpedeiras e 1 transporte-torpedeira.

A China deu 8,250 toneladas para 3 caça-torpedeiras ; a Hollanda, 7,800 toneladas para 2 cruzadores e 2 avisos ; Portugal 7,700 toneladas para 3 cruzadores ; Austria, 6,314 toneladas para um ariete e 2 torpe-

deiras ; Brasil, 4,162 toneladas para 1 couraçado (1) e 1 cruzador ; (2) Chile, 3,360 toneladas para 1 navio escola, 2 caça-torpedeiras e 2 torpedeiras ; Itália, 2,972 toneladas para um cruzador 1 caça torpedeiras e 1 torpedeira ; Hespanha, 1,875 toneladas para 1 cruzador; Bulgaria para 1 aviso-torpedeira e a Dinamarca para 2 torpedeiras.

O pequeno contingente da Italia explica-se por estarem os seus estaleiros (os do governo e os particulares) occupados na construção de grandes vasos, cujo acabamento só ulteriormente se effectuará.

**

Quanto á qualidade e natureza do material, que, no primeiro momento poderia entrar em acção, é digna de interesse a informação ha

(1) O couraçado guarda-costa *Marechal Deodoro*, de 3,162 toneladas, construido em Toulou.

(2) O cruzador-torpedeiro *Tamoyo*, de 1,000 toneladas, construido em Stetin.

pouco publicada pelo órgão do almirantado inglês.

Por ella se vê, documentalmente, que os esforços dos publicistas e dos profissionaes não têm sido baldados nesses paizes.

As informações do almirantado referem-se apenas ás sete principaes potencias maritimas que são, pela ordem seguinte: Inglaterra, França, Russia, Allemanha, Italia, Estados Unidos da America do Norte e Japão.

A Inglaterra, não contando as torpedeiras, possui 252 navios de guerra, a França 110, a Russia 66, a Allemanha 62, a Italia 51, os Estados-Unidos 52 e o Japão 26.

A Inglaterra tem actualmente em construcção 83 navios, a França 38, a Russia 11, a Allemanha 11, a Italia 8, os Estados Unidos 10, e o Japão 84, todos navios de grande deslocação.

A França, que occupa o segundo lugar, emquanto ás unidades de combate, é a nação que possui mais torpedeiras, cuja cifra

se eleva a 33 de alto mar, e 178 das costas; tendo em construcção 6 d'aquellas e 33 d'estas.

A Russia conta 174 torpedeiras, a Italia 142, a Allemanha 113 em serviço e 9 em construcção, a Inglaterra 98, o Japão 44 em serviço e 15 em construcção, e os Estados Unidos 8 em serviço e 10 em construcção. (1)

Apoz esta lista dos gigantes do mar, se poderá arrolar uma outra, de nações vigorosas, dispondo de elementos que não são para desprezar, taes como a Austria, a Turquia, a Argentina, o Chile, que, em caso de ameaça ou perigo conseguiriam bem defender-se e até infligir alguma licção ao adversario.

E' escusado dizer que, ainda nesta segunda cathogoria, o Brazil não poderá com justeza ser collocado. Actualmente estamos nos

(1) Segundo o *Aide-memoire* de Durassier et Vallentino, para 1898, era esta, nesse anno, a situação naval das potencias:

Total dos navios de guerra (inclusive torpedeiras) Inglaterra 329, França 284, Russia 129, Allemanha 178, Italia 138, Austria 80, Japão 59, Estados-Unidos 58, Hespanha 49.

ultimos degraus, não sómente no que se refere ao material fluctuante, como, o que é mui mais lamentavel, no que concerne ao preparo do pessoal.

**

Tudo tem a sua manhã, diz-se allures.

Nosso poder naval teve tambem a sua manhã, alborescente e promissora, ahi pelos annos de 1865 a 1870, mas, como as estafadas rosas do poeta, passou rapida, e o que depois sobreveio é inenarravel. Pensariamos, quasi na melancholia de Blount, que — *tudo tende ao suicidio* ; — si não vibrassem dentro em nós as harmonias da mocidade e da fé, e não tivéssemos em derredor as licções fornecidas pela historia de outros povos, o que alimenta e vivifica a nossa confiança no futuro, e nos dá a certeza de que devemos esperar melhores dias. Si acreditamos com Emerson, que, o mal não é mais do que o bem em preparação...

Todavia, para se attingir a esse objectivo é mister um decidido movimento da parte dos nossos homens publicos ; elles precisam de se mostrar á altura das necessidades do paiz ; desde já, devem conceder alguma tregua ás interminaveis e extenuantes contendas da politicagem ; urge se indentificarem com os assumptos que interessam á honra e á integridade nacionaes ; sobretudo, esses excellentes cidadãos devem reduzir, a um limite racional, a sua credulidade, a sua confiança tranquilla a respeito da efficacia do Direito Internacional, dos dictames da Justiça entre os povos, do desinteresse das potencias, e similhantes illusões inventadas e propagadas para uso das nações fracas e proveito das nações fortes. *Cosi va il mondo...* e, sabido que não é empreza realisavel reformal-o, tratemos de ver as coisas taes como ellas se nos apresentam. Apparelhemonos.

Hebert Spencer está tranquillo quanto á absoluta verificação das leis do progresso e

do aperfeiçoamento da humanidade ; que nos impede de tranquillisar-mo-nos com elle ?

Por ventura, não é atravez de luctas e guerras de toda ordem, que se tem evoluído desde os anthropomorphos até o homem de hoje, desde a *organisação das aldeias* até o florescer das nacionalidades e da civilisação actuaes ?

Mas, parece que nos obtemperam, é inutil fallardes desses paizes, o Brasil conhece estes dados, nossos gêneraes trazem de memoria todas estas revelações da estatistica, e contudo nada lhe aproveitará, porquanto, quasi á bancarrota, o paiz não póde pensar em imital-os, mesmo nas proporções mais discretas.

Eis ahí, uma objecção que apparenta muito mais valor, do que póde ter, realmente.

Não pretendemos que se adquira incontinente uma esquadra numerosa, com todo o seu necessario material bellico, não ; nossós

arsenaes não estão em condições de fabrical-a, nem a penuria dos orçamentos da republica comporta, a sobrecarga que nos custaria, neste momento, uma tal aquisição.

Depois, não é propriamente o numero, ou o apparato dos navios, o que constitue o poder maritimo de um povo, nem faremos ao leitor a injuria de attribuir-lhe d'essas supposições ; a esquadra em si mesma é um valor secundario, si não tem o cerebro e o braço que a utilisem. A China, ao declarar-se a guerra, apresentou um material de primeira ordem, grandes e possantes couraçados, navios novos, maravilhosamente artilhados, torpedeiras velocissimas, e, comtudo, foi sufficiente a batalha de Yalú para mostrar o que póde valer o navio por si só, sem a infra-estrutura de uma verdadeira organização naval.

« A China, diz-nos Ruy Barbosa na sua linguagem communicativa (1), tinha navios;

(1) Ruy Barbosa — *Cartas da Inglaterra*. Pag. 123.

mas não tinha homens, não tinha officiaes e sobretudo, não tinha planos, não conhecia os recursos do inimigo, não sabia onde feril-o, onde lhe prevenir os golpes, onde enfrental-o com vantagem. » (1)

Tambem ao amanhecer de 11 de junho de 1865, quando a esquadilha de Barroso foi atacada pela frota de Lopez, o velho marinheiro não contou quantos navios o procuravam, fez içar a ordem tremenda: *preparar para o combate*; esperou-os, combateu-os e destruiu-os. Eram, todavia, os paraguayos superiores pelo numero de navios, pelas condições do local, e pelo auxilio de elementos de terra que, operaram contra Barroso no combate. Repitamos, o numero não decide

(1) Isto é verdadeiro; apesar de seus ultimos desastres e das lições que sem cessar desde a metade do seculo lhe têm proporcionado, pelo abuso brutal da força, as potências europeas, a China nunca tratou seriamente de organizar seu poder marítimo pela cultura e preparo do pessoal; tinha navios mas faltavam-lhe bons artilheiros, bons machinistas, bons officiaes, e o que é mais precioso, commandantes idoneos.

da sorte das armas, nem o material por si só assegura o exito. O pessoal deve estar á altura do instrumento que se lhe entregue ; sendo aliás muito mais difficil de obter-se.

Um ex-ministro da marinha por occasião da guerra de 1864, confessou mais tarde que « muito maiores difficuldades do que o preparo e aquisição do material fluctuante antolhavam-se ao governo, para supprir a esquadra de tripulações sufficientes ás necessidades da guerra. Navios e seus pertences compram-se ou se construem de prompto, como os factos o demonstraram ; bons marinheiros não se adquirem e menos se formam em pouco tempo senão educando-os cuidadosamente nas fainas da laboriosa e arriscada profissão.» (1) E o que se passou aqui, se passa alhures.

Fallando da obra das victorias allemãs de 1870, dá um competentissimo pensador, tes-

(1) Affonso Celso — *A marinha d'outr'ora*, pag. 55.

temunho de que, tambem naquella poderosa nação, nada se obteve senão porque a instrucção e a cultura fornecirão o pessoal adequado á grandeza material ; a educação preparou a victoria. «Si as armas da Prussia, diz elle, realisaram materialmente o grande pensamento da unidade germanica, a este trabalho havia precedido um trabalho de idéas, de palavras, de organisação, que começando com Leibnitz proseguiu até nossos dias: poetas e philosophos, criticos e historiadores collaboraram nessa preparação, de modo que, podemos dizer que a obra da regeneração allemã é um producto da cultura e da sciencia.» (1)

Sabemos, pois, que os elementos materiaes entram como factores subalternos na elaboração dos factos militares ao passo que a educação e o preparo do pessoal, sendo o que mais custa obter, na urgencia das

(1) *Johanns Scherr—Dois mil annos da Historia Alleman.* Edição de Barcelona, 1882. Pag. 430.

situações inesperadas, é, igualmente, o que decide no desfecho dellas.

Alludindo aos algarismos e dados do poder naval das grandes potencias, como acima o fizemos, pretendiamos, pelo fio logico dessa exposição, chegar a este ponto em que se condensa todo o interesse, e vem a ser : que a effectividade do poder naval se baseia, primordialmente, numa boa organização marítima, pelo preparo do pessoal, pela educação da officialidade, por uma racional urdidura dos serviços administrativos, por uma previdente e pratica discriminação das competencias e funcções, na paz, como na guerra.

Depois se tratará do material fluctuante, tal como carecemos, já que não é possível prover ás duas coisas ao mesmo tempo.

Nós não insinuamos que o nosso governo se metta a emparelhar com as nações europeas, na aquisição de custosos e pezados couraçados ; induzimos-o, por ora, a um minimo que indicaremos no capitulo final, a uma *frota restrictamente necessaria*, até que os recursos da Republica lhe permittam occupar, entre as potencias navaes, o logar que as suas condições geographicas lhe assignalam. Mas todos os cidadãos, têm o dever de conscital-o a cuidar seriamente d'esses assumptos, abordando, quanto antes, o problema, pelo seu lado pratico. A continuar a negligencia com que se trata a questão do nosso poder maritimo, todos temos o dever de apontar á nação os seus estadistas actuaes como suspeitos, senão como reos declarados da mais temerosa das responsabilidades.

Ora, o que se tem feito pela instrucção do pessoal, já que se não póde substituir, como é urgente, a quasi totalidade do nosso material fluctuante ?

Que viagens, que exercicios, que creações se tem feito a bem da educação da nossa maruja, dos nossos artilheiros, dos nossos machinistas?

Que planos, que medidas praticas o parlamento ou os governos têm concebido, como preparação dos recursos, que possam mais tarde contribuir, para a estabilidade do nosso poder naval?

Devemos ser exacto nas nossas apreciações, ha uma medida, uma disposição de largo alcance e que, graças aos legisladores da Constituinte Republicana, hoje está incorporada á codificação maritima da nação; referimo-nos á lei de 11 de novembro (1) que torna privilegio do pavilhão nacional a navegação de cabotagem.

O futuro da marinha nacional deve alguma gratidão, ao vice-presidente Floriano

(1) E' o decreto n. 123 de 11 de Novembro de 1897, sancionado pelo Marechal Floriano Peixoto, e referendado pelo Sr. Serzedello Corrêa.

Peixoto que sancionou essa resolução, tornando-a lei da Republica, apesar das machinações de varios interesses arraigados.

Fóra disso, porém, pouco mais se tem feito pelo engrandecimento do nosso poder marítimo. Uma lastima, uma lastima.

A idoneidade profissional

O preparo da tripulação como preliminar de uma verdadeira organização naval. — Artilheiros, artilheiros! — Marinha decorativa e almirantes de enseiada—Necessidade do conhecimento da nossa fronteira marítima.—Nada exculpa os governos negligentes.— O Japão deve ser tomado como exemplo. —A Belgica, sua marinha e seus estadistas.—Conjecturas e hypotheses.

PROSEGUINDO no estudo das questões ventiladas no final do precedente capítulo, procuraremos roborar o pensamento de que toda organização naval, estavel, deve alicerçar-se sobre os fundamentos da capacidade do pessoal, pelo preparo e adestramento da marinhagem e pela cultura da officiali-

dade ; e isso aliás não é novidade, mesmo para os alheios, como nós, á profissão.

Assinalaremos, desde logo, que o atrazo do paiz nesse particular, não se desassocia, infelizmente, da decadencia uniforme que domina a phase actual da marinha de guerra brasileira. E' certo que, neste momento, sob o anhelos de uma reconstituição da marinha militar, se propende para o preparo de uma geração de officiaes á altura do papel, cada dia mais arduo, commettido á profissão ?

A' educação theorico-scientifica tem se procurado aggregar todo o desenvolvimento pratico compativel com os actuaes recursos do paiz ? Ainda não podemos-o crer. A recente fusão, da Escola de Machinistas na Escola Naval, poderia dar-nos um testemunho da influencia das novas aspirações, no espirito do governo; elle percebe que, para se obter o maximo proveito da unidade de direcção no governo do navio, é mister que o commandante venha a assumir, inteira, a

plenitude das funções do commando, o que só se verificará quando, pela intensidade da cultura theorico-pratica o official esteja em condições de poder ser elle proprio o machinista, o artilheiro, o torpedista, etc., do seu navio; ou como diz uma autoridade «*Le commandant du navire doit peu à peu devenir le mécanicien principal de son bâtiment.*»

Mas, não nos abandonemos á illusão, essa medida está longe de significar, estrictamente, uma conversão dos nossos governos ás questões de defesa naval; está longe de traduzir o começo de execução d'um plano reconstituidor: foram as considerações de *economia* que, desta vez, convergiram na direcção das correntes progressistas.

Senão, veja-se o descalabro em que vae tudo o mais.



No que se refere particularmente á instrução das tripulações, a negligencia é uniforme

e manifesta. Depois da revolta da armada, pode-se dizer, que nossos artilheiros de bordo nunca mais manejaram uma metralhadora, ou dispararam um canhão.

Ora, para ignorar o papel preponderante que a precisão do tiro tem desempenhado, nas guerras modernas, é preciso que, um governo não leia jamais um capitulo, sobre a licção que nos offerecem as luctas dos ultimos cincoenta annos.

Porque a França infligio á Austria, durante a guerra da Italia, em 1859, todas as derrotas? Perguntem-n'o aos seus artilheiros que ali usaram pela primeira vez o canhão raiado, contra os mãos atiradores austriacos.

Porque a Dinamarca perdeu os ducados de Schleswig e Holstein, em 1866, na lucta com a Prussia?

Perguntem-n'o aos generaes de Guilherme, o Grande, que contra ella empregaram toda a pericia dos seus artilheiros cuidadosamente adestrados.

Porque a França, em 1870, vio-se esmagada pela Allemanha, e desmembrada das suas provincias, a Alsacia e a Lorena?

Porque não possuia os artilheiros da Allemanha, que manejavam o canhão de carregar pela culatra, ainda desconhecido nos regimentos francezes.

Porque não conseguiram os chinezes, com o poder dos seus couraçados magnificos, evitar a derrota que os acabou em Ya-lu?

Inquirir da artilheria de tiro rapido, vantajosamente utilizada pelos atiradores japonezes, nesse combate. (1)

Porque a Hespanha succumbio em Cavite, não obstante a heroicidade de seus marinheiros?

Perguntem-n'o á precisão esmagadora da artilheria americana, que podia disparar 5.808

(1) A's paginas 94, da sua *Flotte nécessaire*, nota o almirante Fournier, que «to em Yo-lu manteve-se sempre a distancia de 1.500 a 3.000 metros do inimigo, de modo a se reservar, num combate de artilheria, a vantagem que esperava, da superioridade de suas peças de tiro rapido.»

tiros por minutos, quando os hespanhões só disparavam 2.504. (1)

Ao que deve a Hespanha a enormidade de sua perda em Santiago?

Perguntem-n'o ainda á superioridade dos artilheiros americanos que, graças ao telemetro, puderam prestes levar o incendio aos magestosos cruzadores de Cervera, todos perdidos em menos de uma hora. (2)

Nós tivemos em tempo uma «Eschola Practica de Artilheria» que, apesar de deficiente, ia prestando seus serviços; não sabemos porque extinguiram-n'a. E' inacreditavel, porém, totalmente veridico. No Brasil não são raros, estes actos de incapacidade, que parecem tocar á demencia.

(1) *La Revista Moderna*. Madrid, 14 de Maio de 1898.—Ano II num. 63.

(2) Aliás, mesmo antes de declarada a guerra o Almirante Cervera ponderando que o poder da artilheria americana e da Hespanhola, eram, respectivamente, 132 e 50, predisse os resultados de tal desproporção.

A Hespanha nos imitara nisso, como em outros tantos desacertos ; a sua eschola de artilheria, installada na fragata *Regina Christina*, desapareceu com a perda do navio, sem que seus politicos e seus generaes cuidassem jamais de restaural-a.

Os fructos de tamanho erro, lhe travaram amarissimos, nas catastrophes de Cavite e de Santiago ; seu estado-maior, seus jovens officiaes continuavam ainda penetrados d'aquelle heroico civismo que fazia Menetez Nunez, no passadiço da *Numancia*, bradar, ferido : «*prefiro a honra sem navios, a navios sem honra.*» Mas, faltou-lhes o grande regulador das victorias — o artilheiro adestrado.

A administração yankee, ao contrario, nunca descurou, um instante, o adestramento da sua marinhagem, no manejo da artilheria ; nunca poupou despesas com a instrucção pratica dos artilheiros.

Tanto é assim, que um especialista, explicando os resultados dessa campanha, escre-

via, d'um dos jornaes mais lidos de Paris : « Les États-Unis, pour atteindre ce résultat, ont créé une artillerie de marine très importante, servie par des pointeurs hors ligne » (1)

Aqui, o que todos os patriotas reclamam do governo da Republica é a attenção que lhe devem merecer taes ensinamentos, que por serem banaes, não deixam de ser grandemente suggestivos ; mas, querem saber como esta materia é tratada no Brasil?

Abra-se o ultimo relatorio do ministerio da marinha, apresentado ao presidente da Republica pelo ministro contr'almirante Barbosa « Com relação á artilheria, e com grande prejuizo para o ensino, nada existe n'este estabelecimento, por não ter tido ainda solução a reclamação feita da bateria «Krupp» que d'alli fôra retirada ; não se tendo, por falta de verba, dado andamento á constru-

(1) *La Patrie*, Paris, 10 de Agosto de 1898.

ção de uma linha de tiro e seus acessórios.» (1)

Isso na Escola Naval; o que será do resto...

Que pezadas responsabilidades não estão contrahindo, para com a defesa nacional, os governos, legisladores, ministros, e commandantes que descuram a instrucção nautica e pratica dos nossos marinheiros!

O que todo este mundo dirigente responderá ao paiz, no dia em que elle soccorrer-se do canhão, no dia em que a necessidade de defender nosso territorio e a nossa soberania reclamar de seus marinheiros o desempenho desse dever?

••

Por outro lado, a officialidade, e os jovens aspirantes não viajam o sufficiente para se

(1) Relatório apresentado ao presidente da Republica, pelo contr'almirante Manuel José Alves Barbosa. Abril de 1898, pag. 43.

familiarisar com as intemperies e as durezas da vida que abraçaram.

Seria para desejar, que os nossos officiaes se achassem todos a um nivel de instrucção pratica do commando dos navios, dos segredos da estrategia e da tactica naval, do dominio dos modernos e complicados instrumentos de guerra ; mas, a verdade é que, grandissima parte delles não está a esse nivel, não por culpa sua, mas das administrações que os privam de exercicios, viagens, manobras e estudos praticos.

Ainda ha pouco queixava-se, amargamente, uma das glorias da nossa marinha, o commandante do navio testa na passagem de Humaytá :

« Pelo lado da instrucção, porque não dizel-o com franqueza, talvez metade dos nossos officiaes superiores não tenham as habilitações praticas que se exigem para o difficilimo commando de um navio de guerra moderno, em todas as circumstancias.

Podem na maior parte possuir esmerados dotes intellectuaes, zelo e bravura, que são qualidades proverbiaes e communs nos nossos officiaes de marinha; mas a consciencia do saber professional, que deve formar a alma de um commandante, não a podem ter senão aquelles que na mocidade tiveram prolongado tirocinio do mar.» (1)

Os vasos de guerra ahi estão, apodrecendo para serem concertados, e sahindo dos concertos para voltarem a apodrecer, no ancoradouro; numa inercia desesperadora, que entedia os nossos bravos officiaes, e lhes embota todo o enthusiasmo pelas attracções imponderaveis da vida do mar.

Dir-se-ia que a comprehensão governamental, quanto á marinha de guerra, não lhe descortina outro papel que o de elemento ornamental contribuindo, com as linhas garbosas de seus vasos, para o *ensemble* decora-

(1) Arthur de Jaceguay — *Organização naval*. Rio de Janeiro. Typ. Teuzinger. Pág. 86 e 87.

tivo da bahia, ante o perfil azul da montanha, o bronco pittoresco da penedia, tudo a espelhar-se na amplidão reflectora das aguas.

Nessa immobilidade oriental, nesta quietude com que disputamos a Constantinopla, com a fama de sua ridente natureza, a paridade do fatalismo e dos destinos da Turquia, nossos governos hão de chegar á perfeição de produzir uma esquadra scenographica, com almirantes de enseiadas.

Na sua desidia, no seu farto moroiço de erros administrativos, a Republica perpetra um que a colloca ainda abaixo da ineptia imperial d'outros tempos: ella acabou por supprimir as estações navaes do Rio da Prata e os cruzeiros de circumnavegação, em que tanto se experimentavam os nossos officiaes da marinha militar.

O imperio, que aliás nunca ligou á missão da marinha a importancia que ella terá nos destinos nacionaes, concedia de quando em quando um d'esses beneficios á instrucção

dos nossos officiaes ; a republica, dizemol-o com pezar, nem isso tem feito, de modo que as nossas enseiadas, os meandros e reconcovios do nosso littoral, tudo está ali por estudar ; e quanto ás longas travessias, aos estudos de circumnavegação, póde-se dizer que a nova geração de officiaes os desconhece praticamente.

«Em longos annos de paz e inacção absolutas, dos nossos navios de guerra, escreve competente autoridade, que largas contribuições não poderia ter feito a nossa marinha para a oceanographia do Atlantico Sul, do qual formamos na maior extensão a margem occidental, e para a hydrographia das nossas costas, que até hoje só têm sido feitas por hydrographos estrangeiros?» (1)

Como consequencia, os nossos jovens officiaes e as tripulações dos nossos vasos de guerra sabem menos, praticamente, ácerca

(1) Arthur de Jaceguay. — Obra citada, pag. 29.

das condições do littoral do paiz, do que os estrangeiros que o visitam.

Entretanto, (repetiremos com um competente escriptor) :

«Hoje mais que nunca, é preciso que o official de marinha conheça, theorica e practicamente, todas as regiões nauticas do mundo. Uma hora perdida basta para determinar a victoria ou a perda.» (1)

Mas não precisa ser profissional para perceber a necessidade de um conhecimento perfeito, das costas brasileiras, por parte dos officiaes de sua marinha militar; esta intuição é do numero e da natureza das que penetram, ao primeiro enunciado; é d'essas intuições que se recebem na retentiva, como se recebe o oxigeneo na respiração.

(1) Gabriel Charmes. — *La reforme de la marine.*

Um official que conhecer detalhadamente os meandros, as frinchas, os escapadoiros do vasto littoral só nisso já leva uma vantagem decisiva sobre o adversario, e da qual lhe promanará todo exito, nas operações de guerra defensiva ou offensiva; pensemos agora, á inversa, num commandante pouco conhecedor, pouco viajado nesses recortes do littoral, o que fará tendo de dar caça a um adversario astuto, ou sendo perseguido por uma força vencedora? Aceitará um combate desproporcionado, sacrificará com sua vida a dos seus commandados, ou baterá em qualquer escolho encoberto, si não fôr capturado no primeiro atalho.

Vêm a calhar estas considerações ha pouco externadas, por um antigo official marinho, (!) no *Jornal do Commércio*:

«Si por occasião da guerra do Paraguay o Governo Imperial não estivesse bem appare-

(!) O capitão de fragata Collatino M. de Souza.

lhado com um pessoal de officiaes habilitadissimos na navegação das nossas costas, e peritos na arte do navegar bem, que é aquella de levar o navio com segurança de um porto a outro no mais curto espaço de tempo possível, usando tão somente da navegação a vela, como usava, e para este fim lhe offereceu ensanchas o trafico de escravos africanos, que o obrigou a dividir a nossa extensa costa em Districtos Navaes, e distribuir por estes os nossos navios de guerra, quasi em sua maioria de vela, ou navios de *aprendizagem*, porque a vida do mar é tal, que são precisos 20 annos de oceano para se perder o medo e familiarisar-se com a profissão ; si assim não fôra, a guerra do Paraguay nos teria encontrado *desapparelhados*, como Nelson encontrou em Aboukir a esquadra franceza, que destruiu de surpresa.

Foram os repetidos cruzeiros pelas nossas costas que formaram essa pleiade de jovens

1^{as} tenentes a quem o governo teve de confiar quasi em sua totalidade, todos os commandos, quer de navios de guerra, quer de transportes, com o melhor resultado.

Mas os tempos mudam-se e nós com elles tambem mudamos, e si nos tempos presentes são os cruzadores de grandes marchas os que determinam no mar os triumphos, porque a chave da victoria é a velocidade, os nossos homens do mar precisam de ser mais peritos e perfectos conhecedores das nossas costas do que de antes, quando a navegação era puramente de vela, e portanto feita com marcha relativamente pequena, que dava logar a certos descansos, com a certeza de não perder-se em qualquer cachopo occulto; havia tempo para reflectir; mas no estado presente da navegação a grandes velocidades, marchas a 20, 25 e mesmo 30 milhas, os perigos são triplicadamente maiores e o conhecimento perfeito da profissão mais se impõe porque, não dá tempo para reflexões. E' o

caso de applicar-se o proverbio : *Quem tem tempo não espera tempo.*

Parece que estamos a cançar o leitor nessa superfluidade de provar evidencias ; pois, escápará, á comprehensão mais vulgar, a necessidade, a utilidade de familiarisar os officiaes e a maruja, com os detalhes, os desvãos da nossa longa fronteira maritima, pela pratica de viagens frequentes, iterativas, incessantes? A intuição d'essas coisas ha muito que se incorporou ao patrimonio do senso commum, e os governos não provendo, como não têm até agora provido, á satisfação de taes necessidades, revelam a sua incapacidade para o desempenho dos grandes deveres que a defesa nacional e a salvação publica lhês incumbem permanentemente.

* * *

Não nos propomos apurar responsabilidades, apontamos, apenas, os perigos d'essa insufficiencia ameaçadora. Ha de facto,

uma attracção incohercivel, entre a incapacidade governamental e os perigos que ennoitecem, neste momento, o horizonte da Patria. A cada instante a audacia das grandes potencias ameaça, e avulta sobre nós, como um corpo de grande densidade abandonado ás leis da gravitação; a cada momento é menos segura a soberania dos povos fracos. De um instante para outro os bulcões enovelados sobre nós podem deixar estalar o raio; e emtanto estamos despercebidos, absolutamente despercebidos.

Nossos politicos não vêem o perigo, ou simulam não n'o verem; sua myopia nem com os microscopios de Lieberkum e de Schwann conseguiria descortinar esses armamentos, esses exercitos, esses coturaçados, microseres invisiveis e impalpaveis ao tacto sábio dos nossos grandes estadistas.

Que interessam taes questões á causa do partido? O que importa é meditar na traça das eleições; é porfiar na posse das posições, dos optimos proventos, e que cada um possa registrar, invariavelmente, no seu diario, como o barão de Furstemberg no tempo da degradação de sua patria: *Estamos alegres e nos divertimos*. (1)

A' raça impertinente dos jornalistas, dos pensadores, dos intellectuaes patriotas, o cuidado de se mortificarem com semelhantes bagatelas.

Dificilem est satyra non scribere; que nos releve o leitor esta linguagem. Não ha remedio senão tratar á ironia tamanhos desacertos. E' certo que o poeta recommenda, condiga sempre a linguagem ao assumpto:

Co'a materia convém casar o estylo;

Levante-se a expressão si é grande a idéa;

Si a idéa é negra a locução negreje;

E tenue sendo se atenúe a phrase.

(1) J. Scherr. — *Dois mil annos da historia allenan.*

Mas existe uma affinidade electiva entre o erro e a pena ; a incapacidade suscita a satira ; os máos politicos desafiam a apupada, e não vemos que se lhes possa percurtir os desgovernos sem o adjectorio salutar do escarneo.

A triste verdade é esta : aqui nada se faz, pela marinha, que denote o proposito de constituil-a em condições de garantir a defesa da integridade e do decoro nacionaes. Quem se recorda dos attentados, que a Inglaterra perpetrou, não ha muitos annos, contra nossa soberania ; das humilhações que nos infligiu, capturando navios mercantes brasileiros, dentro mesmo dos portos do paiz que, seus vapores de guerra violavam impunemente, — não póde deixar de exprobar, com toda vehemencia, o deleixo, que é a regra nos governos da Republica, por tudo aquillo que concerne á defesa de nosso littoral. E não se deixará de exprobal-o, porquanto, si as condições financeiras do

momento, os absolveria da carencia de aquisições de poderosas unidades de combate, grossos abastecimentos bellicos, custeio de numerosas commissões e addidos na Europa, etc., não os absolve da negligencia, do desprezo pela educação e preparo do pessoal e organização dos elementos que garantem a effectividade de um verdadeiro nucleo de poder marítimo.

E todavia, ha muito quem, com os melhores argumentos, sentencie, que nem mesmo a allegação da penuria orçamentaria exculpa os governos, do abandono em que têm deixado a recomposição do nosso material naval. Nações com orçamentos equiparaveis ao nosso, e até menores, como o Japão, e a Argentina e o Chile, respectivamente, não têm tido hesitações, não têm se poupado a sacrificios, para a organização de excellentes esquadras. Após a guerra com a China o

Japão dispunha de 43 navios (dos quaes 7 tomados aos chinezes) com o deslocamento total de 79.000 toneladas; hoje conta 48 com o deslocamento de 111.000 e 26 torpedeiros. O augmento de 32.000 toneladas, depois da guerra, comprehende 5 unidades, entre as quaes figuram os dois couraçados *Fugi* e *Yoshina*, de 12.800 toneladas cada um, que são o ultimo progresso das construcções.

A realização inteira do programma das construcções novas elevará, no anno de 1903, a 76 o numero de navios, mais 12 contra-torpedeiros e 65 torpedeiros, com um deslocamento total de 200.000 toneladas.

Para se perceber o esforço, empregado por esta nova potencia naval na escolha de seu material fluctuante, basta lançar uma olhada sobre as principaes unidades de combate em fabrico :

Nos estabelecimentos de Armstrong, Thompson e Thames Iron Works tres couraçados de 14.800 toneladas, typo *Shikishima*.

Nos de Armstrong, um couraçado de 10.000 toneladas, dois cruzadores-couraçados de 9.600 toneladas com a marcha de 22 nós, o cruzador *Tahasago*, de 4.300 toneladas e 24 nós ; dois nos estaleiros Vulcan, em Stetin, e um na Société des Chantiers et Ateliers de la Loire.

Em estaleiros americanos ainda os cruzadores *Kasagi* e *Chilosi*, de 4.760 toneladas e 22^m,5 de marcha : ambos têm 121 metros de comprimento e 15 de boca e seu calado médio é de 5^m,30. Montam dois canhões de 203 ^mI_m a vante e a ré, dez de 12 ^mI_m, 12 de 75 ^mI_m, 6 de 37 ^mI_m e cinco tubos de lançamento de torpedos, sendo um á prôa.

Nos estaleiros de Yokoska, tres cruzadores de 2.800 toneladas e 19,5 nós e um cruzador-couraçado de 9.000 toneladas.

Por fim, nos de Yarrow, quatro caça-torpedeiras e outros quatro nos de Thompson, todos de 30 nós de velocidade ; oito torpedei-

ros nos de Schichau e quatro nos de Normand, no Havre.

O *Akashi*, um dos cruzadores em construção no arsenal de Yokoska, já foi lançado ao mar : mede 93^m,25 de comprimento e 12^m65 de boca. E' do typo *Suma*, em serviço activo ha tres annos.

Possúe dois canhões de 152^mI_m, 6 de 120^mI_m (3 por banda), 12 de 47^mI_m, 4 metralhadoras e 2 tubos lança-torpedos.

O leitor apreciará o valor d'estes novos elementos, considerando, que o *Akashi*, um dos mais modestos da lista, é superior em poder offensivo e defensivo ao nosso *Almirante Barroso*, o melhor dos cruzadores que temos alli, no «poço», (1) para cevar a fome edaz do *teredo navalis*, e o olhar dos desoccupados de terra.

Apontando este assombroso milagre de expansão patriotica, adduz um comentador:

(1) Nome usual do ancoradouro dos navios de guerra, na bahia do Rio de Janeiro.

«Si attendermos ao pouco tempo que o Japão figura entre as potencias maritimas, este desenvolvimento rapido de força é na realidade surprehendente, tanto mais quanto sua marinha é formada exclusivamente de unidades que pódem figurar entre os melhores typos da architectura naval moderna e pódese dizer que a qualidade dos navios é o caracteristico de sua esquadra muito, maior do que a quantidade.

Em tres annos, a marinha japoneza poderá competir com a da Russia ou com a dos Estados Unidos, e sete annos mais tarde, com ambas as marinhas reunidas, potencias que, tendo interesses no Pacifico, podem um dia ter de medir-se com o Japão.»

O que caracteriza, na sua parte material, esta respeitavel frota de guerra, é que o seu valor está muito mais na qualidade que na quantidade; de modo que entre seus 129 vasos em vão se procuraria encontrar um *non-valeur*. Exactamente o inverso da nossa

situação, onde n'um total de 86 navios apenas uns vinte não têm a nota de : — em concerto, ou — em fabrico ! (1) Todos os povos melhoraram seu material de guerra; nós, não só não o recomponmos, mas, deixamol-o descer ao derradeiro grau de dismantelo.

Talvez se queira objectar que as condições economicas e financeiras do Japão são superiores ás do Brazil, e pois não póde haver paridade entre o seu orçamento naval e o nosso.

Retrucariamos com uma pergunta : — e a Argentina ? E o Chile ?

(1) No Relatório do Ministerio da Marinha de 1898, justamente aterrado com este quadro o contra-almirante A. Barbosa diz :

«Pelo exame do mappa acima, facilmente se poderá ajuizar do estado da força naval do Brazil e deduzir a conveniencia do augmento e recomposição dos seus actuaes elementos.»

Sobre a remonta do material naval reitero a opinião que expendi ao apresentar-vos o plano geral de reforma, annexo ao relatório anterior : «sem duvida a situação financeira do paiz impõe-se, antes de tudo, á solicitude do Governo : não devemos, porém, esquecer que a marinha de guerra é uma necessidade indeclinavel para o Brazil, e que nenhuma força naval póde manter o seu prestigio militar sinão á custa de continuas e dispendiosas renovações.»

Como se explicará a superioridade do seu poder marítimo, em relação ao Brasil?

Uma lenda pittoresca do Brandeburg, citada por B. Taylor, acredita na existencia de um phantastico e monstruoso caranguejo, que habita no lôdo do lago Mohrin, e cuja aparição, esperada a cada instante, será um lastimavel cataclysmo para o Brandeburg, pois nesse dia tudo entrará de se enverter, de caminhar para traz, como o decapode na sua marcha.

O boi tornar-se-á vitello ; o pão se decomporá em farinha, a farinha em trigo ; a camisa voltará a sua primeira condição de fio, e o fio se reverterá no canhamo ; o professor transmudado em alumno, procurará, com a fraqueza e o talho da infancia, reaprender o que ensinava. Um inimaginavel phenomeno de reversão ás misérias e pequenezas de origem. Felizmente, para os bran-

deburguenses, o terrível crustáceo não lhes apparece jamais.

Acreditariamos que o caranguejo de Brandeburg deixou as profundidades do lago Mohrin e, procurando as aguas da Guanabara, veio projectar, sobre a nossa marinha de guerra, todos os malefícios do seu encanto intervensor, deformativo. Tudo, em a nossa marinha de guerra, dá-nos a impressão de um pavoroso retrocesso: material fluctuante, effectividade dos quadros, nível da instrucção pratica, cohesão disciplinar, elementos administrativos, tudo decresce, tudo retorna, tudo se apouca, se desarticula e decompõe.

A marinha japoneza data de 1872, elles ainda não sabiam pisar o convéz d'um navio moderno, quando já nós tínhamos um invejável patrimonio de tradições, de glorias impereciveis; mas, tal é a condição dos paizes

abandonados á mediocridade, e ás rixas mesquinhas dos partidos, que de então para cá elles não têm feito senão augmentar, construir, impôr-se, e nós—estacionar, decahir, deperecer.

E' que tambem lá foi preciso que uma affronta atroz, uma violencia de estrangeiros sacudisse a opinião publica, a alma civil do paiz, para que seus estadistas e seus generaes despertassem para realidade brutal dos acontecimentos ; foi só depois do bombardeio dos seus portos de Kagoshima e Simonoski, pouco antes da nossa guerra com o Paraguay, (1863 e 1864), que elles comprehenderam a extensão d'esse apophthegma, cada dia confirmado pela experiencia: *os povos orlados pelo mar precisam ser fortes sobre o mar.*

Entre nós ultimamente tem se operado um movimento, assás tenso para que não acabe por dominar todas as convicções, no sentido de levar á consciencia dos poderes publicos

todo o effeito das licções, e da experiencia que se contém naquella verdade.

O primeiro impulso, o primeiro brado, — e que vigoroso foi elle !—chamando á postos a vigilancia e o patriotismo dos cidadãos, foi aquelle livro do Dr. Ruy Barbosa a que já nos referimos; infortunadamente, parece que ainda estamos bem longe de despertar os que governam.

Nossa marinha está abandonada, a julgarmos pelo que se vê ; ella o está de facto, e o mesmo é dizer — estamos a mercê da primeira audacia.

O que se espera, afinal ?

Um insulto semelhante ao de 12 de novembro de 1864, quando, em plena paz, á fé dos tratados e leis do Direito Internacional (oh ! o Direito Internacional !) um navio mercante é aprisionado, e uma provincia invadida logo depois ? Desgraçado o povo que confia seus destinos á semelhante abstracção.

Mas, nem só os povos maritimos comprehendem as necessidades de sustentar e engrandecer a sua marinha de guerra ; si não temessemos fatigar o leitor estenderiamos aqui os documentos demonstradores de que, mesmo os povos que nada têm de maritimos cogitam de apoiar os seus interesses nacionaes numa base qualquer de poder naval.

Aliás propugnando a restauração da nossa marinha de guerra, só temos encarado a face do problema que se refere á defesa do paiz ; quando entretanto outros interesses se correlacionam a ella e bem numerosos, tão numerosos quanto importantes, como sejam a expansão commercial, a protecção aos brasileiros residentes no Rio da Prata ou onde fôr, o estudo das costas, as expedições scientificas, a policia das costas, a manutenção da ordem no littoral, etc.

Esses interesses são de ordem tão elevada, que por si sós têm impellido outros povos a crearem e sustentarem uma marinha militar, não se dando o caso, como entre nós, de concorrer, com taes motivos, o motivo supremo da garantia da soberania nacional, pela necessidade de proteger as fronteiras maritimas, nos paizes que as possuem.

Nesse caso está a Belgica que, posto não tenha fronteiras maritimas a defender, reputa tão serios os interesses vinculados á existencia de uma marinha militar, que, não duvida metter mãos á obra dispendiosissima de creal-a.

Ainda não ha muitos dias, um jornal conspicio, a *Flandre Liberale*, tratando do assumpto, recordava que já houve uma esquadra belga, e que a allemã, creada em 1848, foi a sua imitação, entrando nella officiaes belgas. Nesse mesmo anno a Belgica supprimiu a sua marinha, indo muitos dos seus officiaes servir nas dos povos estrangeiros.

M. Pougin, um dos fundadores da esquadra allemã, era belga.

Neste momento numerosos jornaes, da maior ponderação, conscitam o governo belga a restaurar a marinha.

O jornal que acima nomeamos, escrevia, n'um dos seus ultimos numeros, sensato editorial asseverando que «a Belgica commettera um grande e funestissimo erro, supprimindo a sua esquadra, mesmo na occasião em que se precisava de preparar o paiz para grandes destinos commerciaes.»

Como se vê, na Belgica encaram a questão sob o ponto de vista do interesse local, que se póde encerrar nas conclusões de um parecer, ha alguns annos, exarado pelo capitão Brialmont, n'estes termos :

«A marinha militar fará o serviço de policia nos portos de Anvers e Ostende ; terá vigilancia sobre as quarentenas e as deserções dos marinheiros, tão frequentes hoje e tão prejudiciaes aos armadores.

Sem ter colonias, a Belgica póde muito bem justificar a necessidade de alguns navios de guerra, a de proteger seu commercio *nos paizes, em que só a força tem o poder de se fazer respeitar*; a necessidade de abrir novos portos á industria, que encontra concorrentes, cada vez mais temiveis, nas praças europeás; a urgente necessidade de proteger as familias belgas que emigram, a de sustentar, em certas circumstancias, a autoridade de nossos agentes consulares e de augmentar seu prestigio com a presença de uma força respeitavel; uma questão de humanidade e de boa ordem, que impõe ao governo o dever de vigiar pela pesca; a impossibilidade em que se encontra a nossa marinha mercante de se desenvolver, por falta de sahidas, e de elementos propios para formarem boas equipagens; a obrigação, em que talvez nos veremos um dia, de degradar nossos criminosos, para obtermos uma repressão efficaz; vantagem que em

certos casos encontraria o paiz em entrar em uma *linha de neutros* instituida para segurança do commercio ; finalmente, a immensa utilidade que haveria em desenvolver o gosto pelas viagens e em formar moços, não sómente aptos para o commercio, como de iniciativa, sem a qual nada se faz no mundo dos negocios ; eis tudo quanto é preciso, para justificar, sob o ponto de vista dos interesses materiaes, a criação de uma marinha militar nacional.»

As linhas que ali estão, documento de estudo e previdencia, magnificamente orientados, sobre assumpto de todo interesse social, nós as poderíamos adduzir, tambem, como argumento a favor da idéa pela qual nosso patriotismo e nossa fé se batem, nestas paginas ; fal-o-íamos, certamente, si os motivos da defesa das fronteiras maritimas e conservação do patrimonio territorial, vinculados incondicionalmente á existencia da marinha de guerra, não fossem para nós,

como para todos os povos situados á beira mar, uma motivação exclusiva, cabal, absoluta.

No Brasil, porém, a questão já não é mais de saber quantos serviços póde prestar a marinha militar ; que ordem de interesses e necessidades ella póde satisfazer ; que pro-veitos e utilidades sua missão comporta na paz ou na guerra, não ; entre nós a questão, antes de tudo, e sobre tudo, reveste este aspecto : a marinha de guerra é indispensavel á defesa nacional. E eis tudo. Este enunciado, si contém uma verdade, escusa quaesquer outras razões.

Temos de acceitar o problema, tal como elle se offerece ás nossas cogitações ; ou nos garantiremos, nós mesmos, a nossa soberania e integridade nacionaes, defendendo-as até o fim, quando as ameaçarem, ou não se pensa nisso ; no primeiro caso, é forçoso sus-

tentarmos uma marinha de guerra á altura da missão; no segundo, torna-se inexplicavel a existencia dos departamentos da marinha e da guerra, com os seus serviços, seus orçamentos, suas fadigas, e tudo terminaria, mui logicamente, por nos dispormos a approvar, em plebiscito solemne, a primeira proposta de annexação formulada por qualquer das grandes potencias.

Annexação !...

Concordamos : isso que ahí fica não é, propriamente, uma caricia ao amor proprio de ninguém. Não ha brasileiro que não carregue os sobrolhos ao entender conclusões d'esse theor ; mas, ainda iremos adiante, ajuntaremos, que, si não cuidarmos de nos aperceber para repellir, como o saberíamos fazer, qualquer insulto á nossa soberania, não nos reservará a negligencia dos partidos politicos outro futuro. «A razão, diz Teine, tem o direito, (e, neste caso, diremos o dever) de decompor o que os olhos viram e

o coração sentiu. » E, que os nossos olhos vêm neste momento? Que o nosso coração de brasileiros sente cheio de má-gua?

Si, tres ou quatro estados, nas extremidades do paiz, agitados pelas más paixões politicas que os solapam, se revolucionassem, e tomassem armas contra a federação, proclamando-se desligados della, com que navios contaria o governo federal para levar ás paragens conflagradas, em direcções oppostas e ao mesmo tempo, a acção do poder central, com probabilidades de exito?

Outra hypothese: si uma frôta poderosa, por quaesquer d'essas scentelhas fortuitas, de que se ateiam violencias inesperadas, surdisse um dia, de cauhões assestados sobre a capital da Republica, — já não fallando dos outros portos, — e nos infligisse todas as affrontas; com que meios sérios castigariamos o aggressor?

De que recursos navaes lançaria mão o governo, para tomar-lhe o passo, e proteger a cidade?

Em que esquadra se apoiaria, no mar, para impôr algum respeito ao inimigo, ou ao menos para oppôr-lhe uma resistencia honrosa?

Percebemos o enlêio do leitor no descobrir qualquer resposta ao nosso questionario.

**

Para nós é ponto de convicção que á primeira intimativa do aggressor o governo, que por infelicidade o fôr, nessa conjunctura, submitter-se-á, sob protesto platonico, a tudo, litteralmente a tudo, o que queira o impositor.

Deus nos poupe esta eventualidade, tão acerbamente dolorosa quanto inevitavel.

Não concebemos, que, quem não sabe se aperceber, saiba se defender. Mas, concedamos que se opéra, pela primeira vez, tal

prodigio entre nós ; em que daria qualquer veleidade de resistencia ?

Alinhar os nossos arruinados *non-valeurs*, legitimos calhambeques, contra o poder offensivo dos grandes couraçados de esquadra estrangeiros, seria o mesmo que, usando d'uma expressão popular, lançar feno ao braço. Lembrança digna de figurar no alforge de Stephan Schütze, ou de qualquer dos que têm recolhido subsidios para illustrar, com passagens irresistiveis, a *theoria do comico*.

Repetimos, desgraçado do paiz nessa conjunctura !

Emquanto a nossa marinha de guerra jazer no abandono, na decadencia a que a condemnaram os numerosos, repetidos erros, e a cegueira dos governos irresponsaveis, cada dia que passa augmenta as probabilidades d'uma tal emergencia, e nol-a vem trazendo fatalmente.

Não se prevê o inopinado; mas, a característica de todas as catastrophes é o terem

sido inverosímeis, até ao momento de sua realidade.

Fossem lá pedir treguas, nas suas rixas partidarias aos polacos, annunciando-lhes, para breve, a partilha da Polonia... Absurdo.

Fossem lá presagiar áquelles bons francezes — quando vociferavam : a Berlim ! a Berlim ! — que em poucos mezes teriam a tragedia de Sedan... Absurdo.

Fossem predizer, em 1864, aos nossos politicos: o Paraguay vos declarará a guerra e despejará sobre duas das vossas provincias milhares de homens do seu exercito... Absurdo.

Fossem lá prevenir aos inconciliaveis politicos hespanhóes : vossa esquadra é uma maranha, um chaos, uma ruina apparentando grandeza, ella será batida como se bate uma frota de sarrafos n'um proscenio... Absurdo.

E todos estes absurdos entraram, rapidamente, no *hontem* das coisas consummadas.

Tinha sua agudeza para observar, e para rir-se dos que se riem, quem quer que foi o autor da quadrinha :

Monsieur La Palice est mort,
Il est mort devant Pavie
Un quart d'heure avant sa mort
Il etat encore en vie!

Effectivamente, têm razão a imprevidencia, como a imbecilidade : um momento antes da morte... ainda se está vivo.

A's hypotheses que acima figuramos, como meras hypotheses, que resposta reservará a cooperação d'esses dous factores : nossa impotencia naval d'um lado, e do outro a arrogancia crescente dos interesses materiaes europeos e norte-americanos?

Eis o mysterio sphyngico a desafiar a subtileza capacissima dos nossos Edipos politicos. O futuro é que dará resposta ás inquirições que encerram essas hypotheses. Quanto a nós, não insistiremos n'este ponto; sabemos do methodo pelo qual se guiam

nossos homens no tratar semelhantes indagações. Perguntaram uma feita, ao publicista Sieyés, o que pensava a respeito das graves questões do seu tempo, e elle retrucou logo : *Não penso nada*. E' tambem o que pensam os nossos politicos, sobre a gravidade das de que nos occupamos; e d'este modo é que as resolvem. Si ladear é resolver...

Estas catastrophes nem por isso deixam de pairar cada dia mais ameaçadoras, mais temerosas, mais provaveis, sobre o paiz; crescendo, paralellamente á decadencia do nosso poder naval, a impossibilidade de conjural-as.

Nossos portos

No mar se decidem as guerras modernas. — O Brasil trahido por seus homens ? — Nossas cidades maritimas estão á mercê do inimigo. — Um stigma phrenologico explicando uma politica. — A defesa torpedica dos portos. — Argumentos historicos, opiniões.

TEMOS nas recentes catastrophes, da China e da Hespanha, um grandioso e tragico livro, aberto á meditação de todos os povos conscientes do seu valor; ellas deram luz, vivissima luz, sobre os problemas de politica internacional, que as palavras do celebre ministro inglez, a que nos referimos no capitulo inicial d'este livro, vieram collocar entre as questões da actualidade.

Estas desgraças vieram confirmar estritamente as inducções da sciencia naval, mostrando que á medida que os povos crescem em civilisação, e aperfeiçoam os instrumentos de guerra, os dictames dos estrategistas quanto á importancia do poder maritimo vão sendo consagrados, sancionados, positivados pelos successos.

O poder naval é o arbitro dos destinos dos povos banhados pelo mar, elle dá a victoria ou inflige a derrota ; porque, mesmo que a lucta não seja maritima senão n'uma das suas phases, ou n'um dos seus episodios, é no mar afinal que se decidará dos resultados da guerra ; pelo mar se fazem os abastecimentos, pelo mar se renovam os meios de resistencia, pelo mar se sustentam as communicações com o exterior, e as vezes, como no nosso paiz, tambem as com localidades ou circumscripções do interior.

Bem ; feito o accôrdo quanto a estas verdades, o que aliás só póde ser novo para os

que nunca supuzeram que existe no mundo taes problemas, o nosso primeiro raciocinio é que certamente os homens politicos, os governos do nosso paiz terão aprendido, n'essas licções, a preparar, na nossa administração naval, um esboço, um germen de organização de forças maritimas capaz de, em futuro opportuno, servir de estructura ao nosso poder no oceano; visto que não podemos-o, n'este instante, improvisar, nem n'o manter como convém.

Sim, isto era de suppor e, tanto mais naturalmente quanto, em a nossa situação geographica e politica, com visinhos audaces e bem armados, e com a federação desaggregatoria que temos no interior, uma organização de forças navaes não é só um beneficio desejado, é, mais do que isto, uma necessidade inexoravel: uma condição de vida ou morte para o regimen republicano federativo.

Era de suppor, dissemos; mas, bem mal andaria quem o suppuzesse. O Brazil póde-se

julgar trahido pelos seus estadistas, si é verdade que o poder marítimo é a primeira garantia das nações que têm fronteiras no mar. A organização militar é rudimentar, é irrisoria, no Brazil; e a marítima, principalmente, em relação á sua missão, ás suas responsabilidades, á difficuldade de seu preparo, ao impossivel de sua improvisação, não exaggerará quem disser: — não n'a temos.

Debalde os nossos almirantes e officiaes escrevem, obsecram, inscitam, por todos os modos, o paiz a olhar para a defesa d'este enorme littoral completamente vulneravel, completamente á mercê de qualquer inimigo externo; tudo é em vão, tudo é perdido, tudo sôa, aos que não querem ouvir, como a voz do propheta, outr'ora, ás portas da cidade, como o brado de Jonas á turba insensata de Ninive. E o perigo em verdade se approxima, elle expluirá quando menos o esperarem, encontrando a nossa marinha como o Japão

encontrou a da China, e a União Americana a da misera Hespanha.

«Por mais que façamos, diz Littré, o presente se modifica constantemente e nunca para retroceder» as verdades conquistadas pela experiencia e pela logica infrangivel dos successos, vão alumbrando o caminho aos que têm olhos para ver, aos que querem acertar e progredir; mas aos negligentes, aos obstinados, aos retrogrados, como nada do que existe existe para elles, além do mundo exiguo a que se referem seus interesses pequeninos, seus cuidados estreitos, suas preocupações egoistas, suas querelas, seus litigios partidarios, ellas mesmas são uma origem de infortunio; seu brilho obséca, sua luz os confunde e elles, porque não n'a podem soffrer, refogem, aggregam-se, com tenacidade de parasytas, ao passado, ás sombras, ás ruinas.

E' assim que no governo, ou á frente dos partidos, adheridos fortíssimamente aos moldes e ás concepções archaicas, formam uma crosta espessa, impenetravel a todas as boas suggestões, a qual, como o cascalho no fundo das embarcações, lhes empece o andamento e lhes retarda o avanço, ao passo que tudo em torno marcha, «e nada retrocede», as nações, como os homens, as sociedades, como os individuos.

Mas, escrevemos antes «como a Hespanha, como a China».

Ah ! não nos façamos optimismos em taes assumptos. Nossa patria está em condições muito menos favoraveis do que qualquer d'aquellas nações, no tocante ás possibilidades de sua defesa marítima.

Nossas fronteiras sob o mar, cheias de formosos portos, e tachonadas de ricas cidades commerciaes, estão sem a menor defesa fixa ou movel ; eis o que se sabe, eis o que se vê.

Vão aos nossos archivos militares, ás revistas technicas de mar e de terra, ao jornalismo popular, até aonde têm vindo, espandando, como orla nitente e ululante do oceano, os brados de alarma, de admoestações, de advertencias salutareas, de reclamos nunciativos sobre esta singularidade do nosso paiz, o unico, com os seus recursos e no seu estado de consciencia sociologica, que se obstina em desamar a lição das tragedias alheias, e evadir-se ao incitamento das suas proprias.

Effectivamente, para os que têm a responsabilidade das armas, o spectaculo d'essa perigosa desidia é torturante ; elles vêm que no momento do perigo não só exigir-se-lhes-á que façam o que já não será possivel fazer, como pretenderão responsabilisal-os pelas consequencias que hão de sobrevir; elles descortinam as mil ameaças, que, no seu desamparo, as aguas territoriaes geram e alimentam em torno do paiz, e d'ahi, os artigos, os pam-

phletos, as dissertações a meude publicadas, que agitam penosamente o espirito publico, mas vão morrer á indifferença glacial da governança, como as correntes tepidas do Atlantico na tranquillidade morta das solidões polares.

Os reclamos não têm faltado, mas o que conseguem obter á cegueira dos governos?

Si algum amator de analyses craneologicas se mettesse um dia a estudar nos nossos homens politicos, dos que hão dirigido as coisas até aqui, a explicativa d'essa apparenente despreoccupação do paiz pela sua defesa, encontrar-lhes-ia, como um traço commum, a bossa da motilidade esteril, e de accordo com Spurzhein ou Gaal, é provavel assignalassem esta particularidade de conformação como a causal das qualidades que têm caracterizado a administração brasileira, no tocante ás coisas militares : uma actividade

sem methodo, um esforço agitado e desconnexo, um bracejar febril e ataxico, que ora explue em ardimentos e delirios, ora se diffue em apalpadellas e desencontros, ora descahe na apathia mais invencivel.

Um dia mette mãos á intentona mais arrojada, outro dia, ainda que o incitem, não é capaz de providenciar sobre uma nuga ; hoje promette crear tudo, o possivel e o impossivel; no dia seguinte... não lhe fallem mais nisso. Quasi como aquelle ser extravagante, a cujo respeito a theogonia indiana dogmatiza : *elle se move, elle não se move, elle está perto, elle está longe, elle está em tudo, elle está fóra de tudo.*»

Fóra de tudo o que se refere á defesa nacional, pelo menos, têm estado até agora, os nossos estadistas ; longe das questões actuaes, alheios á licção contemporanea, posto que perto, envolvidos por esta temerosa actualidade; quedos, como si gozassem duma insensibilidade osteodermica, perante os pro-

gressos da organização marítima, e a moverem-se, no entanto, a agitarem-se infructiferamente em leis, em reformas, em decretos, em mudanças que, como um granizo penetrante, cahem sobre os restos sobreviventes do nosso modesto poder naval, os perturba e os dispersa.

Vem um ministro enceta qualquer medida, e logo lhe succede outro que a faz sustar, ou a substitue por coisa fundamentalmente opposta; nisso deslisam os dias e os annos, accumulando, para a proxima crise, as consequencias, visiveis e invisiveis, de quantos erros a negligencia ou a incapacidade perpetraram em materia da defesa nacional.

Um exemplo pasmoso d'esta ausencia de continuidade e nexo regulador nos actos governativos, no particular que tratamos, é, entre muitos, o occorrido com a frotilha de torpedeiras. Nosso almirantado no espirito

de conciliar a necessidade de organizar alguns elementos de protecção ao littoral, e a impossibilidade da aquisição de custosos couraçados e cruzadores, alvitrou a criação d'uma força de torpedeiras de porto e alto mar, em numero sufficiente áquelle objetivo.

Um estadista qualquer, dos raros a quem as inominaveis preoccupações internas deixam um hiato de calma, translucida, para a visão d'essas coisas, metteu hombros á empresa ; pedido o credito, na proposta de orçamento, foi votado pela Camara, e se comprárão algumas torpedeiras.

Era de presumir que, depois disso, obtidos os primeiros elementos, a defesa torpedica do littoral se fortalecesse e augmentasse, distribuida em estações, sob um plano estudado, sendo autorisadas, em orçamentos successivos, novas aquisições, quer em torpedeiras, quer em o seu material proprio. Era de presumir, dissemos?

Sel-o-ia para quem não soubesse, em que proporção entram as questões da defesa pública, no quociente das indagações officiaes, em nossa patria.

Desacoroçôa o ter que arrolar as lacunas, os erros commettidos por esses dominios ; não n'o faremos, bastando recordar que todo o nosso material torpedico de portos, se reduz a 9 torpedeiras de marcha insufficiente, e das quaes apenas 4, si neste momento tivessem de entrar em acção, poderiam arriscar-se ás suas perigosissimas manobras, com esperanças de exito.

Depois de nós, a Argentina quiz tambem possuir a sua defesa torpedica, e já pôde enfileirar, em condições de combater efficazmente, nada menos de 30 excellentes e velocissimas torpedeiras ; e não queremos lembrar, nem pretendemos que tenhamos, como a França, mais de 200 ; como a Russia, mais de 150 ; como a Italia 142, como a Allemanha 113, a Inglaterra 100, e as demais

nações que zelam a sua estabilidade, na segurança de seus portos. Não temos nenhuma inclinação ao pyrrhonismo quando tratamos de apreciar, nos seus actos, os políticos de nossa patria, no geral honestos e bem intencionados; todas as incriminações que lhes dirigimos n'estas paginas, sobre não terem outro pensamento que o de lhes offerecer n'uma fórmula mais suggestiva questões que acreditamos sérias, se referem aos erros communs, á generalidade dos vicios que rebentam da politicagem, desde longe, a deshematosar, a empobrecer o organismo nacional. Mas, não ha censura bastante energica que não mereçam a inercia, a apathia, ou a imprevidencia dos governos deixando em meio o projecto da organização de uma defesa torpedica, desde que sabemos não ser possivel, por emquanto, custear a esquadra de guarda-costas e couraçados de oceano, que é forçoso manter, si pretendemos tornar effectivo o dominio das nossas aguas territoriaes.

Mas porque têm os nossos governos deixado de prover a um systema de defesa da costa por torpedeiras, cujo custo, relativamente barato, torna tão facil a sua aquisição?

Desdenharão, porventura, estes nossos capacissimos governos, da efficacia d'um tal genero de defesa?

As opiniões dos estrategistas se dividem, é verdade. Não falta quem negue ao torpedeiro o papel que outros lhe attribuem.

Todavia no que é que já se manifestou o accordo absoluto de opiniões, entre sabios, principalmente?

«*Mettez six ou sept sages ensemble et ils deviendront fous*» dizem os francezes, alludindo a esta contingencia das opiniões sempre falliveis, sempre oppoentes.

Não se pôde n'este mundo estar certo e seguro, senão d'uma coisa, e vem a ser: que

não estamos certos nem seguros de coisa alguma.

D'ahi aquella philosophia que fez ao grande epico escrever :

Doutos varões darão razões subidas ;
Mas são as exp'riencias mais provadas ;
E, portanto é melhor ter muito visto.

Ora, a respeito da efficacia da arma torpedica, ha já muita «experiencia provada», factos numerosos, que, só nomeal-os seria lavrar a condemnação formal dos que a desprezam ou a descrêem.

Em todos os exercicios, e manobras que annualmente realisam as marinhas européas, nas experiencias, ora em defensiva, ora em offensiva, com torpedeiras contra os grandes couraçados, a efficacia do torpedo é manifestamente demonstrada.

Basta só citar as experiencias feitas com a divisão do almirante Jaurés, nas costas da Algeria, cujos couraçados foram sorprehen-

didos pelas torpedeiras ns. 63 e 64, durante uma noite de luar e apezar dos dez holophotes da esquadra.

As torpedeiras 63 e 64, que aliás não tinham a velocidade desejavel, aproximaram-se do couraçado capitanea menos de mil metros, antes de serem presentidas, e obtiveram resultados que se julgam decisivos. (1)

Mas, não querendo experiencias, temos factos de guerra, e nos occorrem, entre outros : a 5 de outubro de 1863 o *New-Ironsides* é afundado pela explosão de um torpedo, em Charleston ; a 5 de agosto de 1864, é o

(1) G. Charmes. — *Les torpilleurs autonomes e l'avenir de la marine*. Pag. 71.

Gabriel Charmes é um partidario decidido da arma torpedica. «Quanto mais estudo, escreve elle n'esse livro, mais me conveço que uma esquadra, a mais poderosa, sendo atacada em certas condições por uma flotilha de torpedeiras e guarda costas, é uma esquadra perdida.

Ora, pelo custo de um couraçado ter-se-ia esta flotilha que combatendo na sombra, contra um inimigo de dimensões gigantescas e obrigado a se cobrir de luzes como para melhor atirar seus golpes, está segura da victoria.»

monitor *Tecumseh*, um dos mais formidáveis navios dos confederados, que vôa em destroços, perecendo o bravo commandante Craven e quasi toda a equipagem; em Savannah e Charleston os confederados tinham como seus melhores meios de defesa lanchas torpedeiras (*torpedo-boats*) com que assaltavam continuamente os atacantes, foi n'um d'estes assaltos que destruíram a corveta a vapor *Housatonic* a 17 de fevereiro de 1864; e a 5 de maio do mesmo anno dois navios comboiantes das forças do general Butler, são postos a pique no James River; outro torpedo destrôe o *Minnesota*, em James River, a 9 de abril de 1864; o *Memphis*, em North Edits River, a 6 de março do mesmo anno; a 19 de abril, ainda de 1864, a fragata *Wabash* foi obrigada a fugir, acossada por uma d'essas minúsculas e terríveis torpedeiras de porto; a 26 de outubro do dito anno, uma das torpedeiras da flotilha dos federados faz voar o bello monitor *Alber-*

male, (1) dos Estados do Sul, no Roanoke River; a 2 de setembro de 1866 o couraçado brasileiro *Rio de Janeiro* é posto a pique por dois torpedos sub-aquaticos no rio Paraguay; a 23 de outubro de 1884 os vasos chinezes *Yang-Woo* e *Foo-Poo* são torpillados

(1) Resumimos do «Relatorio da Secretaria de Marinha dos Estados-Unidos», de 1864, que a *Revue Maritime et Coloniale* transcreve, em seu fasciculo de maio de 1865, no seguinte topico, a referencia official sobre o torpilhamento do *Albermale* a que acima alludimos: O *Albermale* achava-se em Plymouth, proximo ao caes, quando o tenente W. B. Cushing que recebera ordem de afundal-o entrou no rio Roanoke, commandando uma pequena lancha a vapor tripolada por 14 officiaes, e armada com um torpedo, de extraordinaria potencia, inventado pelo engenheiro-chefe W. Wood e que o contra-almirante Grégory fôra em pessoa installar a bordo. Na manha de 27 de outubro appareceu subitamente, em direcção ao ariete *Albermale*, a improvisada torpedeira de Cushing, que foi recebida com vivissimo fogo, do caes e de bordo do ariete; mas era tarde, o torpedo arrojado contra o flanco do *Albermale* explodiu, submergindo-o. Tambem da torpedeira só Cushing e um companheiro ficaram vivos. O successo d'esta audaciosa tentativa fez tombar toda a defesa de Plymouth.

A não ser para os administradores e ministros brasileiros, para ninguem hoje é extranho o logar que compete aos torpedeiros, junto aos couraçados guardas-costas, na defesa de fronteiras maritimas, quer como elemento offensivo, quer como elemento defensivo.

pelas torpedeiras francezas ns. 45 e 46 ; a 4 de fevereiro de 1894, na bahia de Wei-Hai-Wei, a divisão de torpedeiras japonezas destroça o couraçado almirante *Ting-Yuen* e o cruzador couraçado *Lai-Yuen*, chinezes ; estas torpedeiras na manhã immediata ainda reproduzem suas façanhas do dia 4, e submergem os couraçados chinezes *Chi-Yuen*, e *Ouei-Yuen* ; por fim, como a nossa gloriosa marinha ha de ter figurá em tudo, citaremos ainda o *Aquidaban* torpillado, na barra de Santa Catharina, pela torpedeira de alto mar *Gustavo Sampaio*.

Estes são os casos de que nos recordamos, de exito completo, como argumentos em favor da opinião de nossos almirantes, hoje dignamente secundados pelo Sr. Alexandrino Alencar, na demonstracção da urgencia de uma séria organização torpedica.

E poderíamos adduzir ainda, como uma outra face da utilidade d'essa arma, o effeito

que a sua só presença, n'um ancoradouro, produz ao aggressor embaraçando-o e contendo-o nos seus movimentos, além de obrigar-los, durante a noite, a uma vigilância afflictiva. (1)

Não ha muito vimos, no porto de Santiago de Cuba, 26 vasos americanos, todos novos, formidavelmente artilhados e protegidos por couraçamento harveyado, hesitarem, permanecerem longos dias ao largo do porto, onde se foragiram os quatro unicos cruzadores da esquadra Cervera, enfraquecidos de provisões e do mais por uma travessia de quasi 3.000 kilometros, e, portanto, em si

(1) Observam os estrategistas, Z... & H. Montéchant, na sua obra *Les guerres navales de demain*, pags. 34 e 35, figurando o caso d'uma esquadra que longe de sua base de operações tenha «decidido um ataque durante o dia (os ataques á noite sobre uma costa defendida por torpedeiras são arriscadissimos) e não encontre, á retirada, um abrigo antes da noite, n'este caso, si ella fôr seguida pelas torpedeiras da defesa e estas não lhe perderem o encalço o inimigo terá de pagar caro a aggressão.» O que é indispensavel dizem antes os referidos estrategistas, é que a defesa tenha distribuido «stratégiquement, un grand nombre de torpilleurs sur les côtes.»

mésmos incapazes de resistir á superioridade do poder offensivo e defensivo dos adversarios. E' que o almirante americano, como todo o mundo naval, acreditando na efficacia da acção das torpedeiras, calculava que approximar-se do ancoradouro seria expôr-se, seria jogar os seus bellos couraçados de encontro ao perigo d'esses invisiveis e saticos barcositos.

Não nos objectêm, que, tambem as fortificações da barra, e a duvida quanto á presença dos cruzadores no fundeadouro, teriam explicado aquella penosa e interminavel inacção deante de Santiago ; a certeza da presença de Cervera alli, fez-se, dentro dos primeiros dias do bloqueio, e quanto ás fortificações da entrada, é preciso não ter prezente o occorrido em situações analogas, de que a historia das guerras maritimas está cheia, para admittir que taes obstaculos podessem deter, em sua marcha, uma esquadra combatente do valor da de Sampson.

Sabe-se como, em 1862, a esquadra federada forçou um canal de apenas 225 metros de largo inteiramente semeiado de minas, e obstruído por numerosos pontões submersos; os navios, aliás, eram quasi todos de madeira, e passaram sem maior perda.

A questão está apenas no escolher circumstancias favoraveis, — a escuridão da noite, uma bruma mais densa, — e dispôr-se ao acto, succeda o que succeder.

E' o caso de Farragut, tão citado : *os torpedos que vão ao diabo*; deante das fortificações de Philips, e de Jackson, no rio Mississipe.

Em 1863 dois navios confederados, na guerra de secessão, em Charleston, forçaram tambem um canal inçado de baleeiras afundadas e carregadas de pedra, ajudados d'uma cerração nocturna, destruindo varios navios dos federados que bloqueiavam o porto.

Si estes casos não são concludentes, poderemos extrahir da nossa historia especimens, que, satisfazem plenamente, sob o

ponto de vista do raciocinio que sustentamos. (1)

(1) Lembra-nos a proposito um ligeiro debate travado, pelo *Jornal do Commercio*, entre o professor de tactica naval, capitão de fragata Garcez Palha, hoje fallecido, e o vice-almirante reformado Arthur de Jaceguay.

Escrevera aquelle tratando da mudança do arsenal de marinha :

«Nenhuma esquadra, por mais poderosa, se abalançaria a forçar a entrada do nosso porto, nenhuma ousaria metter-se no estreito canal entre Santa Cruz e S. João, soffrendo o fogo concentrado d'essas duas fortalezas, de Villegaignon e da Lage (além de outras baterias que a commissão encarregada de estudar a defesa de nossa bahia propunha), sabendo que temos lanchas porta-torpedos, torpedeiras de alto mar, que estabeleceriamos n'aquelles fortes estações torpedicas de onde lhe podemos lançar alguns Whiteheads e que uma ou mais linhas de minas completam-nos a defesa. A perda material que teria de soffrer tanto na entrada como na sahida (por isso que não lhe era possivel apoderar-se da bahia toda, e nella permanecer) e isso no caso mais favoravel de ter conseguido entrar, não seria compensado pelo damno que nos causasse.»

O vice-almirante Jaceguay, respondendo, escreveu :

«Eu discordo inteiramente d'esta opinião.»

O actual arsenal pôde ser impunemente bombardeado de fóra da barra, attento o alcance da artilharia moderna, por uma esquadra mediocrementemente poderosa, si ella, contra as nossas torpedeiras, dispuzer, de embarcações tão rapidas como aquellas para lhes neutralisar o ataque.

A segunda proposição não tem fundamento no conhecimento exacto dos meios de defesa que possuímos, nem mesmo admittindo que elles fossem formidaveis.

Para o official de marinha deve ser uma maxima que: não

Nada ha, de facto, mais robarativo d'esta argumentação do que os passos defendidos do rio Paraguay, todos investidos e forçados pelos monitores brasileiros. Curuzú, Curuzú ha porto que não possa ser forçado. E' uma questão de tempo e de meios adequados.

Atravéz dos canhões, das *barragens* e dos torpedos ha de sempre poder passar o marinheiro animado daquella decisão sublime que fez o legendario Farragut, vendo sossobrar sobre um torpedo um dos navios da sua esquadra, exclamar: *Damn torpedoes! Go ahead!* e com o seu *Hartfort*, navio de madeira forçar a entrada de Mobile.

Replicando, adduziu o primeiro articulista: «Não dissemos, não podiamos dizer, que hajam portos capazes de impedir a passagem de uma esquadra que disponha de tempo e de meios adequados a effectuar essa operação: affirmamos que nenhuma força naval se abalauçaria a forçar a entrada de nossa bahia, fortificada como se acha, e pôde ser ainda, por que n'ella não poderia permanecer e a perda material que soffresse não seria compensada pelo damno que nos poderia causar.»

Estas opiniões eram emitidas em 1893 e em setembro d'este mesmo anno, a revolta da armada veio comprovar categoricamente as previsões do Sr. Jaceguay, no tocante á impotencia das fortalezas da barra; não só o couraçado *Aquidaban*, como simples navios mercantes, de madeira, como o *Uranos* etc., forçaram a seu salvo o estreito defendido pelas baterias de Santa Cruz, S. João, Lage, e outras improvisadas durante o conflicto. Calcule-se o que será, si, em vez d'esses navios de valor nullo, se tratar dos poderosos couraçados europeos, americanos, ou dos magnificos navios da nova frota argentina.

paity, Humaitá, etc.; são outros tantos argumentos irrefutáveis, e todos confirmam a nossa afirmativa de que: as esquadras modernas não hesitam diante das fortificações de terra, nem dos obstáculos de arte militar, dos que formam a chamada defesa passiva, quando é necessário investir um porto inimigo. A tal respeito escreve um autor :
«Sendo, como são, fortíssimas as dúvidas levantadas ácerca do valor das fortificações contra navios em movimento, pôde-se admitir que, *uma defesa fixa não servirá* senão de incentivo ou justificativa aos bombardeamentos que o inimigo possa emprender.» (1)

E pouco mais adiante : «A esquadra terá sempre conveniência em bombardeiar a localidade que se achar sob a protecção de um forte, e para isso não deixará de aproveitar a grande mobilidade do navio, etc.» (2)

(1) Evasio Mesturini. — *Marina Nuova*. Pag. 313.

(2) *Ibidem*. — Pag. 314.

E, pois, como vinhamos argumentando, não foram as baterias de Cayo Smyte, ou La Socapa, etc., que contiveram á distancia os navios de Sampson.

A prudencia, a idéa de não expôr os seus vasos ás manobras das torpedeiras do Commandante Villamil, no porto, foi, de facto, a unica motivação da tactica do almirante americano em frente a Santiago, até o momento em que, por um alvitre inexplicado, os hespanhóes abandonando a posição de abrigo foram ao encontro da sua propria perda.

E' verdade, insistimos n'este ponto, que a luz electrica, o tiro rapido, etc., introduzindo factores novos, na tactica naval, parecem ter reduzido, um tanto, a extensão da efficacia da arma torpedica.

Mas, reduzir não é dispensar. Por longos annos ainda, as torpedeiras serão um terrivel ephialta, uma sombra ameaçadora para as

esquadras em bloqueio, em sitio; serão como as denomina Mesturini—«*le vere navi di linea o di battaglia*» (1) — e, pelo tanto, um elemento de defesa, utilissimo, de que só os governos ineptos ou loucos abrirão mãos.

Tanto mais, accrescentaremos, quanto a sciencia não christalisou nos prodigios que ali estão, ella prosegue, ella labora, e novos esforços, novas conquistas actuam, ninguém o ignora, em contribuição permanente na porfia de dar a ultima palavra ao torpedeiro: a navegação sub-aquatica. A França agora mesmo aguarda offegante os resultados do *Gustavo-Zedè*; e os Estados-Unidos, apesar do successo dos seus couraçados de esquadra, determinam a construcção de cem torpedeiras de porto. Vejam lá isso os nossos politicos, cem torpedeiras, em construcção, para defesa de costas! E nós que não temos um só couraçado de esquadra ; que não temos couraçados

(1) Evasio Mesturini. — *Marina Nuova*. Pag. 292.

guardas-costa, além dos *Marechal Deodoro* e *Marechal Floriano* ainda nos estaleiros; nós que nada temos, enfim, para nos defendermos n'um caso inopinado; eis que abandonamos totalmente o recurso barato dos barcos torpedeiros, e deixamos o littoral da Republica á mercê dos successos que, o *amanhan* mysterioso reserva aos que dormem.

Censurando a administração brasileira, pela omissão da defesa torpedica dos portos, não queremos-a impellir ao exaggero de alguns technicistas nauticos, citados pelo commandante Bettólo, segundo os quaes «*in un prossimo avvenire la sostanziale potenza navale di un paese marittimo dovrebbe essere costituita di sole torpediniere*»; (1) mas, exigiríamos que ella não tivesse perdido de vista o cuidado, com que todas as marinhas empregam, para defesa do littoral, as torpedeiras de porto e de oceano julgadas, pelos

(1) Bettólo. — *Le navi da guerra*. BIBLIOTECA MARITIMA (1)

mais eminentes estrategistas modernos, «*i mezzi piú efficaci per la difesa delle coste.*» (1)

Ha technicos como Gabriel Charmes, já citado aqui, e outros, que levam a sua confiança na efficacia do torpedeiro, até ao extremo de preconisal-o como exclusiva unidade tactica ; outros, qual o commandante Albini, recommendam-n'o como collaborador hoje essencial nas grandes batalhas de oceano, asseverando que : «um grande numero d'estes *bersaglieri* do mar collocados á distancia, e dispostos em ordem esparsa, porém capaz de concentrar o tiro sobre um só ponto, pôde infligir sérios damnos sem incorrer em grande risco. Aos masthodontes do mar poderá ser reservado o esforço final, mas, para o ataque preparatorio, será util recorrer á acção d'estes atormentadores invisiveis.» (2)

Ha evidentemente exaggero n'essas dou-

(1) Evasio Mesturini. — Obra citada. Pag. 293.

(2) Amm. Albini. — *Uno sguardo all'avvenire navale.*

trinas, o que as torna inaceitáveis; remanesce, porém, e impõe-se a todos os estadistas o fundo de verdade existente em semelhantes apologias da efficacia torpedica, e nossos governos deveriam concluir, com os estrategistas de todas as nações, «que o material naval mais util, para defender nossas cidades abertas, é aquelle que corresponde ao emprego das torpedeiras. (1)

Infelizmente a administração brasileira não tem entendido assim.

Podemos levantar, contra nossos ministros e administradores, a mesma queixa que um almirante francez fazia contra os da sua terra — «elles não comprehendem que defender o littoral, assegurar contra o inimigo, ao largo, a protecção das cidades maritimas, é a primeira razão de ser da marinha de guerra ; elles não vêm nem comprehendem que é preciso pôr a marinha em estado de

(1) E. Mesturini. — Obra citada. Pag. 197.

preencher tão alta missão. E as camaras, soberanas, ainda menos vêm e menos comprehendem estas coisas; ellas têm voluntariamente desconhecido a missão da armada.» (1)

Muitos dos legisladores e depositarios de responsabilidades militares, entre nós, não deixam de se inquietar com as reflexões que o estado actual de abandono das fronteiras, sobre o Atlantico e as fluviaes, suscita a todos os que pensam na defesa da Republica; mas repellem toda idéa de se providenciar, por considerarem na exiguidade dos orçamentos que, nenhuma margem deixam para as enormes despezas que a fortificação das costas demandaria.

Ha ali uma noção falsa, e é isso o que assignalamos, propugnando a organização da defesa torpedica do littoral.

E' com torpedeiras, effectivamente, que devemos prover á segurança das nossas

(1) Z... & H. Montechant.—*Les guerres navales de demain*. Paris, 1891. Pag. 125.

idades á beira do oceano; isto, de preferencia, por muitas razões, á idéa de defesas fixas de terra.

Todos os argumentos com que já corroboramos a adopção d'esse genero de defesa, escusam os que poderíamos desdobrar, provando a inconveniencia, á impraticabilidade de transformar nossos portos commerciaes em vastas cidadellas militares, e encher as 1200 leguas de costas com fortalezas, cupulas metalicas, e quaesquer elementos de defesa fixa.

O Brasil não póde, não deve dispensar, como principal defesa de seus portos, flotilhas de torpedeiras estacionadas em pontos estrategicos da sua linha de costas, nos quaes se farão as obras de abrigo convenientes.

Para a segurança das nossas fronteiras maritimas, impõe-se a adopção da defesa movel, constituída por estações torpedicas,

ainda mesmo quando o paiz tenha reorganizado, devidamente, a sua esquadra de oceano; porquanto esta não será sufficiente para proteger todos os pontos.

«A esquadra não basta por si só para a defesa dos portos *susceptiveis de serem atacados*, mesmo quando esta esquadra seja a poderosa esquadra da Inglaterra», isso diz um livro autorizado ⁽¹⁾ «Cada uma de suas localidades deve ser defendida especialmente; eis o principio.» E portos susceptiveis, pensamos nós, são todos aquelles que se acharem, como os da nossa fronteira maritima, ao alcance da artilheria moderna cuja precisão, alcance e poder de penetração são conhecidos. Rio de Janeiro, Bahia, Recife, Belém, Santos, Santa Catharina, todos os nossos centros commerciaes do Atlantico estarão á mercê d'uma esquadra inimiga, si, quanto antes, não n'os protegemos pela installação, em

(1) Z... & H. Montechant — *Les guerres navales de demain*.
Pag. 134.

cada um, de estação de torpedeiras de porto e de mar.

Com este recurso, a mais forte esquadra teme de se aproximar, sem elle, o navio do mais fraco typo causar-nos-á todo damno. Não nos venham fallar pois, em fortificações de terra. Não as desprezamos ; quanto mais poderosas ellas forem tanto melhor. Mas, é preciso não esperar, d'esse genero de defesa, mais do que elle pode prestar deante da artilheria actual.

« As costas serão sempre melhor defendidas por torpedeiras, em numero razoavel, e veloces, do que por fortificações de um preço enorme, armadas de canhões monstros, cuja precisão de tiro, contra o alvo movediço dos navios, está longe de ser satisfactoria. » « Esta maneira nova de comprehender a defesa do littoral fará uma revolução completa, da qual não nos parece se deva duvidar. (1)

(1) G. Charmes — *Les torpilleurs autonomes et l'avenir de la marine*. Pag. 158.

Todo navio moderno pôde, a muitas milhas de distancia, arrazar á vontade uma cidade maritima, si elle não tem que se encontrar com um embaraço de sua propria natureza, isto é, si não se lhe oppõe elementos de defesa fluctuante.

« *Aucun genre de défense passive ne peut garantir de ce danger.* » (1) « *Une défense ACTIVE NAVALE pourra seule protéger le porte.* »

Nós poderíamos accumular uma centena de opiniões, corroborando este theorema de estrategia, que : contra a artilheria e os couraçados modernos as obras de defesa fixa pouco valem, comparativamente á efficacia da defesa movel.

Mas, contentamo-nos em remetter os apathicos e incredulos para os numerosos livros,

(1) Z... & H. Montechant —Obra citada, transcrevendo o trecho do relatório da Comissão de Marinha Inglesa de defesa das costas, e publicado na *Revue Maritime*, de Abril de 1837.

ultimamente publicados por estrategistas da maior nota, concitando seus respectivos governos a commetterem a defesa do littoral e dos portos ás estações torpedicas, apoiadas em couraçados guarda-costas.

D'estas obras que já constituem uma basta bibliographia, especializada, recommendaremos o livro de Buonamico ⁽¹⁾ cujos argumentos calorosos, produziram, para a defesa do littoral italiano, os resultados que o patriotismo do autor desejava.

O governo italiano, por decreto de 27 de Janeiro de 1887, homologando as suggestões do commandante Bonamico, sobre a defesa do littoral, instituiu pelas fronteiras do Adriatico e do Mediterraneo quatorze estações principaes e dezenove estações secundarias de torpedeiras, para protecção das cidades maritimas e da costa.

(1) Buonamico — *Difesa maritima dell'Italia*. Pag. 100 em deante.

As quatorze principaes têm sua séde nas cidades de Veneza, Ancona, Brindzi, Taranto, Augusta, Messina, Palermo, Magdalena, Napoles, Cabo Messeno, Civita-Vecchia, Livorno Spezia, Savoia, dispondo cada uma de nove torpedeiras.

As estações secundarias possuem tres torpedeiras cada uma.

Commentando a decisão com que a Italia adoptou o seu plano de protecção maritima, plano que se basêa principalmente na organização da defesa movel, escrevia, não ha muito, o almirante e deputado Touchard, da marinha franceza.

«A execução d'este systema defensivo proseguio rapidamente, e a Italia devotou-se a esta obra com o ardor juvenil, com a energica vontade d'um povo justamente orgulhoso de sua historia e cioso da conquista recente de sua independencia e de sua unidade.» (1)

(1) Philippe V. Touchard — *La defense des frontières maritimes.*

Todavía, não necessitamos de ir beber tão longe a licção, si temol-a aqui proximo a nós, no continente.

Ainda, ha pouco tempo, tivemos sob os olhos varios numeros do esplendido jornal argentino *La Ilustracion Naval y Militar*, cujas paginas tachonadas de finissimas photogravuras, do natural, nos apresentava, em todo o esplendor da sua superioridade naval sobre nós, a estação principal e serviços annexos de sua flotilha de torpedeiras, a aula theorica de electricidade-torpedica, as officinas, o caes de abrigo, a escola de exercicios praticos, a de fabricaçãõ e preparo de torpedos, etc. (1)

Tudo vinha acompanhado de informações, que, nos pozeram ao conhecimento do gráu de progresso a que attingiram nossos visi-

(1) *La Ilustracion Naval y Militar*. Buenos-Ayres, fasciculo de 15 de fevereiro de 1899.

nhos em coisas do mar, e sobretudo no que se refere ao torpedo e á artilheria, os dois factores decisivos, na actualidade, da sorte das guerras maritimas.

Vê-se, pois, que todas as nações zelosas do seu poder marítimo estão em antagonismo com a sabedoria perigrina dos nossos governos que vêm, na defesa torpedica do littoral um devaneio, uma phantasia pueril.

Nossa vizinha, a Argentina, não obstante possuir uma esquadra de oceano superior ás demais do continente, excepção da dos Estados-Unidos, e á de muitos paizes europeus, ainda se desvela na defesa do seu littoral, dando-lhe uma protecção forte, efficaz, como é a de uma flotilha de 30 torpedeiras que possui.

Ora, si isso é assim, quando existe uma frota regular para se oppôr aos aggressores, ainda mais frisantemente se faz mister, á defesa do littoral, a criação de estações de torpedeiras, de pequena e grande capacidade, nos pontos inermes, quando não se possui

esquadra de alto bordo, e nem ha probabilidades de a possuir em alguns annos.

N'um capitulo da sua obra, consagrado inteiro ao estudo da defesa das costas, Z. & Montechant, observando que estes principios estão estrictamente de accordo com «a razão das coisas da marinha moderna, com a logica a mais rigorosa, e com o senso commum», (1) apresentam um plano de protecção ao litoral francez pela disseminação, em todo elle, de torpedeiras de porto e mar, no numero de 315 para aquellas e 57 para estas, distribuidas por 32 estações ou defesas moveis.

Vê, pois, o leitor que não são descabidas nossas censuras, nem vão os nossos temores quando apontamos as deficiencias da administração brasileira n'este particular.

(1) Z. & H. Montechant—Obra citada, alludindo ao trecho de um relatorio da «Commissão da marinha ingleza para defesa das costas e dos portos» publicado na *Revue Maritime et Coloniale*, de abril de 1887.

O preconceito das despesas militares

O paradoxo da paz. — Wirchow e a obra de Bismarck. — O «contrôle» estrangeiro. — O espírito de Machiavel. — Venha da Europa o exemplo. — Parecidos. — Último prodígio da metempschose pythagórica. — Propugnemos, sempre.

HA o paradoxo da paz. Todas as coisas na ordem moral têm um limite razoavel, além do qual passam a ser a negação de si mesmas; os sentimentos e aspirações, por mais nobres que sejam, não chegam a subtrahir-se a este principio. Vejamos o que se dá com o sentimento de solidariedade humana, do qual procedem as aspirações de paz, de confraternisação dos

povos, de preponderancia dos ideaes pacificos, nas relações de povo a povo.

Tudo isto em si é nobre, e é santo. Faz honra ao character dos homens vêr, por exemplo, Lessing, o primeiro livre pensador, na Allemanha, espirito d'uma cultura perigrina, tomar as causas da humanidade como sua propria causa. (1) Vêr, outro exemplo, a nossa Constituição consagrar o arbitramento, n'um dos seus dispositivos, como recurso obrigatorio nas nossas pendencias internacionaes. Sem duvida tudo isto é bem digno dos destinos moraes da humanidade, e mostranos o longo percurso feito pelos costumes, desde as antigas sociedades, em que o homem se definia *homo lupus homini*, e a vingança se proclamava um «prazer dos deuses» até o nosso tempo em que os platonismos de Kant e de Laybnitz, sobre a paz universal, vêm a encontrar o seu apostolo na pessoa d'um Tzar.

(1) J. Scherr.—*Dois mil annos de historia allemã.*

— Todavia, nada mais irracional do que procurar alheiar-se das realidades coesistentes, do mundo pratico, para correr adeante de taes aspirações e cahir no dominio do puro idealismo. E' o que fazem aquelles que, não vêm nas tragedias da historia, e nas calamidades de outros povos, mais do que episodios com os quaes se confecciona a urdidura da chronologia, ou themes para algumas narrativas impressionistas; e si alguém lhes exhora: acautelemo-nos, façamos nossos aprestos que chegará o nosso dia ; — retrucam, n'um dar de hombros : nada, não somos de guerra, isso de armamentos é para a velha e infanda politica européa. E em vão insistireis. Com tal gente a logica é uma coisa vã, o exemplo uma fallibilidade, o futuro uma negaça, o perigo um attractivo, a exhortação uma tóllice crassa ; reguingar-vos-hão com a paz, a paz que ahi está, a paz da imprevidencia, a paz que não tem cuidados, a paz que justifica a inercia, a paz que é a fortuna dos

povos fracos, e que não obriga a muito trabalho de cogitações e providencias os homens e os partidos *paisibles*. Esta paz é o paradoxo. Porque, a paz deve vir pela fortaleza, depois da honra, para não se separar d'ella ; o povo que fala em paz sem demonstrar primeiro que pensa em garantil-a, que é capaz de garantil-a com suas mãos, persegue um paradoxo, corre atraz de uma sombra. Foi uma obcessão semelhante que trouxe á China os dias de agora, ella desfructa, como se vê, as primicias do seu horror ás armas, resultado de uma cultura de seculos em nome da paz pela obliteração de todos os sentimentos viris.

Esse exemplo da China tem ainda a virtude de pôr, sob os nossos olhos, esta singularidade : que os povos que mais fallam de paz, e mais anciosamente a desejam, são os de quem mais ella se esquivam. E' que elles não n'a sabem desejar racionalmente ; cuidam que procede das especulações philosophicas

e ella só emana da força ; persuadem-se de agosar sem a vigilia das armas, quando ella só se chega aos que são capazes de defendel-a ; esperam abrigal-a, como os israelitas á arca santa dentro do templo, mas ella só permanece entre povos dignos da liberdade e das glorias viris. Quando, para um povo, são chegados os seus dias de declinio, reparae, é quando elle mais desapoderadamente toma horror ás armas. Será o instincto presentindo a ruina? O factó é que nunca uma nação se deixou possuir da *loucura pacifica* (chamemol-a assim) que não viesse a ser pasto das raças fortes.

Começa-se por desprestigiar a funcção militar, subalternisãm-a a todas as outras profissões, insinua-se depois o desprezo das armas, a missão da defesa nacional entra na classe das coisas vilipendiosas, e acaba-se no protectorado ou na annexação pelo estrangeiro. O que é para admirar, é que homens de uma cerebração superior achem-se, muitas

vezes, no meio dos platonistas e dos sonhadores, fazendo còro com elles nas suas vociferações contra os aprestos bellicos, graças a uma visão imperfeita dos factos sociaes.

Não vimos o sabio Wirchow, no parlamento prussiano, antepondo á obra politica de Bismarck os embaraços mais desesperadores, durante alguns annos?

O grande Wirchow oppunha-se, em nome dos idéaes pacificos, em nome dos principios de 1848, á obra mais ingente da segunda metade do seculo, á obra da propria grandeza de sua patria.

Desta vez, ao menos, o preconceito das despezas militares não ousará contestar que a razão estava do lado de Bismarck ; si as idéas pacificas do grande scientista houvessem prevalecido, a Allemanha ainda hoje não se teria levantado da sua antiga degradação, fraccionada em cem reinositos hostis e adversos entre si.

Entre nós terá que despender grandes esforços quem se propuzer a evangelisar, n'esse sentido, com esperanças de exito; a maior parte dos nossos politicos está identificada com o preconceito das despesas militares, e, por nenhuma causa d'este mundo consentiria em autorisar uma addição aos orçamentos da guerra ou da marinha.

O perigo, das nossas fronteiras sem esquadra, ali está, prehe de calamitosos arrependimentos e surpresas, é como se nos achassemos todos sobre o convéz de uma galera entupida de fulminato; mas, coisa célebre, ninguem se inquieta com tal; mesmo, muitos têm vivido e morrido sem dar fé da existencia d'essa ameaça.

Sem duvida, não é coisa que se possa esperar, do primeiro esforço, obter adhesões numerosas á idéa de uma addição ao nosso orçamento naval.

Em convivio intellectual com os publicistas, os philosophos, os theoristas europeus, habituado a idealisar com as idéas e a sentir com os sentimentos da civilisação d'além mar, nosso bom publico, na sua candura vai recebendo, sem exame, de envolta com os preceitos e dictames da philosophia, da razão e da moral, noções perigosas á segurança nacional, doutrinas aparentemente lisas, mas destinadas a assegurar, ao interesse europeu, vantagens determinadas; instigamentos de uma rectidão e razoabilidade totalmente proveitosas á nossa salvação, porém que, n'este catechumenato, nos vão adaptando ao proveito das potencias, da mesma fórma por que se educa, objectivando um fim industrial, os carneiros de Southdown ou as vitellas de Durhan. E' do numero d'essas noções, e talvez a mais perigosa, a que entre nós se traduz pelo horror ás despesas militares.

O europeu vê o partido que póde tirar dos nossos instinctos pacificos explorando-os com

methodo cadimo, em proveito de quantos interesses elle sabe vinculados á nossa fraqueza; d'ahi o cuidado, a insistencia praxista com que nos evangelisa o desapego da gloria militar, o odio aos apercebimentos de guerra, o horror ás despezas da marinha e do exercito; d'ahi essa catechese, exercida sobre nosso entusiasmo de neophitos da civilisação, por seus livros, seus doutrinamentos, suas suggestões, a nos entremostrarem os resplendores celestiaes da paz inerme, ou o inferno nefando do militarismo gerador da miseria, do oprobrio, da oppressão.

Os redactores de revistas financeiras, os governos, os capitalistas estrangeiros estão exercendo um singular *contrôle* sobre nossos orçamentos, em virtude do que não deixam alvorecer uma manhã sem nos endereçarem de lá seus conselhos, suas admoestações, para que não augmentemos, de um real que seja, as verbas dos orçamentos militares, que tamanhas ruinas originam, como nol-o attes-

tam seus moralistas. Gastae vosso dinheiro, gastae, como bem vos parecer, em negocios com os nossos capitalistas, mas, por Deus, não penseis em augmentar gastos militares, ou no refazer apercebimentos de guerra; isso seria uma loucura, um crime horrendo contra a civilisação! Enquanto assim prégam, todavia não se olvidam de ir, anno a anno, dia a dia, aperfeiçoando seus elementos militares.

**

Dizia Machiavel: *O governo que procura a elevação de outra potencia, está preparando a ruina da sua* (1). Com os tempos, e a evolução da moral politica, os povos fortes, nas suas relações pacificas com os povos fracos, exprimem o pensamento d'aquella maxima na seguinte variante: o povo que permanece desarmado edifica não a sua, mas a alheia grandeza.

(1) P. Martin. — *L'Esprit des Italiens — la Morale Universale*. Paris. Pag. 313.

Elles nos fallam em nome do ideal e da cultura juridica, mas objectivando apenas o seu interesse. Velho e irreductivel Mephistophelis, o egoismo das potencias, sabe requestrar a boa fé ingenua das nações fracas com palavras dulçorosas e persuasivas, que occultam a ruina da pobresita ; no momento fatal, quando a crédula vem a perceber toda a extensão de sua desgraça, é tarde, já não ha remedio. Então o desalmado, como na tragedia de Goethe, encolhe os hombros e murmúra : *não é a primeira...*

Elles estão, pois, no seu papel quando nos prégam parcimónia nas despezas militares.

Reside ali todo o segredo de nossa perpetua inferioridade, da nossa timidez, da nossa humildade que nos dão em pasto ás imposições da politica arrogante das potencias.

Que succede? Succede que uma nação como a nossa, povoada por vinte milhões de uma população intelligente, soffredora e

viril; espalhada n'um territorio impenetravel; defendida por trincheiras naturaes de montanhas inescalaveis; protegida por cursos caudalosos, marginados de populações meio nomades e desesperadamente resistentes; por traiçoeiros banhados e pantanaes invadeaveis, systema de defesa natural, auxiliada ainda pelas contingencias do clima, oscillações do regimen aereo, pelas peculiaridades telluricas, pelas endemias mysteriosas, pelas condições pathogenicas inexoraveis com o invasor; uma nação assim, dizemos, treme, nos seus governos, ao mais ligeiro carregar do sobreceño de qualquer das potencias, até das do continente, á mercê das quaes, em verdade, está e estará sempre o paiz, emquanto nossos parlamentos e nossos governos não abandonarem o sestro pastrano e boçal de combater tudo o que se propõe aos apercebimentos militares; emquanto certos pseudos directores do pensamento nacional não se resolverem a enten-

der que a marinha é a salvação, que a marinha é a primeira das necessidades nacionaes.

Nosso grande infortunio é a cegueira com que os homens, que se occupam da gestão publica, se deixam extasiar deante das idéas, aliás, até certo limite generosas e humanitarias, de restringir nossos orçamentos da marinha e da guerra, suggestionados pelas bellas theorias, pelas bullas falsas, dos admonitorios d'além Atlantico.

Não ; em nome do bom senso, em nome da defesa da Republica, em nome do destino de nossa nacionalidade, mais caro a nós outros que todas as doutrinas de escolas, é preciso que primeiro vos desarmeis, vós que nos aconselhaes ; é necessario nos impôrdes a persuasão pelo exemplo. Eis ahi, dêm-nos o exemplo as potencias, dissolvam seus exercitos, desfaçam em trilhos e loco-

motivas o aço das suas esquadras formidáveis, e então, sim, acreditaremos na verdade do Direito Internacional, na sinceridade das pregações de paz, e nos converteremos á Boa Nova em cujo nome se nos insinua cada dia a necessidade de reduzir, até á atrophia, todos os nossos meios de defesa.

Ah ! mas porque não nos convencem com o exemplo !

Nós não temos mais que um methodo para apurar a sinceridade d'esses apóstolos, que vem a ser — a comparação, nem outro mestre senão a historia ; comparando o que nos prégam com o que adoptam para seu uso os conselheiros europeus, chegamos a esta conclusão : divertem-se á nossa custa.

Suas revistas, n'uma turgidez de dissertações sábias, rebarbativas, nos azoizam os ouvidos com admoestações e conselhos tendentes a dissiparem, nos nossos parlamentos, até as derradeiras velleidades de reorganisação militar ; seus jornalistas do trivial,

secundam, n'um bello exemplo de convergencia de vistas, a propaganda dos primeiros, e, em suas referencias ao Brasil, não se esquecem de deplorar, nos ingrasedos da hypocrisia em exercicio de judicatura, o erro dos governos não abraçando definitivamente o alvitre, que de lá nos suggerem, sobre um completo desarmamento, sobre uma eliminação formal das verbas de defesa maritima.

Muitos dos nossos homens, tendo o iris normal, vêm nitidamente ao longe, enxergam n'esse espectaculo a reproducção d'aquelle quadro de Holbein, onde a Morte sob disfarce amistoso leva pelo braço o cultivador, fingindo que lhe suavisa o pezo da charrua, que o auxilia paternalmente a surribar a terra. (1)

O maior numero, porém, como o camponez de Holbein, nada suspicaz, deixa-se illudir,

(1) Uma das 51 concepções de Holbein. Consultar a *Histoire de la caricature au moyen âge*. Pag. 112. Champfleury. Paris, E. Dentur, editor.

dá ouvidos a taes prégadores, acceita-lhes as instigações, e eil-o a repetir-nos a todo momento, na praça, no jornalismo, na tribuna, a mesma historia de exaggeros que não existem, de erros que não são erros, e contra os quaes se premunem, quando deveriam abraçal-os, defendel-os, proseguil-os.

Isso prova que a massa de que se fazem os politicos não soffre, sob a differença de climas, como tanta coisa alhures, qualquer alteração apreciavel na sua natureza intrinseca; os d'aquí são parecidos, extremamente, aos da França, por exemplo, si é verdade o que d'elles se infere neste verso de Etienne:

Plus d'un grave politique
Divorce avec le bon sens

Eis porque dissemos acima não ser facil, por ora, obter adhesões á idéa de augmentar, na proporção que os interesses de nossa segurança territorial o exigem, as verbas para despezas navaes, e, sob este titulo, clas-

sificaríamos as verbas, não só para aquisição de material fluctuante sufficiente pela qualidade e quantidade, como tambem as subvenções á navegação mercante nacional, apparelhada para servir de reserva da esquadra ; premios, sobre a maior tonelagem de producção, aos estaleiros particulares, nacionaes ou estrangeiros, que se estabelecerem no paiz ; auxilio a estabelecimentos de ensino technico naval ; recompensa e animação a inventores ou aperfeiçoadores de applicações ás marinhas de guerra e mercante ; todas as despezas, emfim, que concorrerem para o alicerçamento e effectividade da nossa organização como potencia naval.

Será difficil despertar, no ramerrão das preocupações habituaes, nos moldes ferreos da politica, sympathias em torno de um movimento a favor da defesa nacional, desde que este movimento vai collidir na velha phobia

das despesas militares; nós comprehendemos bem quanta repulsa uma tal innovação vai fazer chispar, do seu choque com a densidão impenetravel dos preconceitos sobre que repousam, alheias á vida, estratificadas, quasi todas as intuições de nossa politica rotineira.

O ultimo prodigio, da metempsychose pythagorica, é a transmigração do espirito do seculo passado nos homens de hoje, revelada analogicamente pela mesma estreiteza de idéas, a mesma boa-fé patêga nas hypocrisias das potencias, a mesma singular incapacidade para prover aos reclamos do desenvolvimento nacional ligado á effectividade do poder naval. Vio-se um estadista influente do primeiro reinado, é ter visto todos os que lhe succederam até hoje. A nação máscula e vivaz agita-se ao sopro do progresso, sob as leis dominadoras da evolução, por si, para si, na autodynamia dos organismos destinados a viverem, e progride; mas independente do esforço dos seus politicos, senão bem vezes

a despeito d'elles. Esses grandes estadistas que, á luz da historia, se nos apresentam, uns e outros, como figuras esbatidas d'um baixo relevo egypcio, uniformes, equivalentes, inexpressivos, sombras de sombras, ahi estão ainda, transfundidos nos que, na actualidade, sustentam a terrivel herança dos preconceitos, da myopia, da obstinação nas velhas máculas.

Toda essa gente, e é legião, ahi está na governança, nas alturas, na vanguarda dos partidos, e cerrará fileiras, em nome de mil toleimas sonóras, contra o bom esforço dos que propugnam o levantamento do nosso poder naval. A incapacidade dos governos, causal ethico-politica que originou o abandono da nossa marinha, após a sua excepcional phase de formação ⁽¹⁾ e após a phase

(1) E' sabido que nossa marinha, graças a circumstancias especiaes, começou forte, ao menos em relação á nova nacionalidade e em relação á época. A este respeito diz o capitão de fragata Americo Silvano, no seu *Estudo sobre organização geral da marinha brasileira* :

gloriosa do Paraguay, subsiste ; ella propendendo, hoje como hontem, aos mesmos resultados, pelos mesmos processos, procurará inutilisar, empecer o movimento que começa a se operar no espirito publico pela intuição dos nossos destinos como potencia maritima.

Muito confiamos, porém, em que tudo chegará ao seu termo ineluctavel, a resistencia como resistencia, e a energia do sentimento nativista como manifestação da autodynamia nacional, a que nada será obstaculo, a que deterá em sua marcha.

« Pelo modo por que foi feita a independencia brasileira, nossa marinha começou grande, por causa da adhesão de não pequena parte do pessoal que commandava e tripolava navios, antes portuguezes, que se passava para os patriotas com armas e bagagens.

Esta excepção, talvez unica na historia dos povos que lutaram por sua independencia, fez com que possuisse o Brasil, logo depois de sua emancipação politica, uma esquadra bastante numerosa, dotada de um pessoal apto a commanda-la e defende-la.

Eram todos navios de vela e ainda disciplinados segundo as praxes antigas, que, a par de defeitos e rigores, hoje inadmissiveis, por desnecessarios, possuia uma organização, especialmente tradicional, que mesmo actualmente é o que de mais solido nos resta.»

Notou Stuart Mill que «o merito de um estado está no dos individuos que o formam»; nosso povo assenhorêa-se com rapidez das verdades que se apresentam ao seu exame; intelligente e sabendo querer, elle tem dado solução aos seus grandes problemas, — máo grado a inercia dos governos e a passividade dos parlamentos; não seria, pois, aventuroso predizer para breve um inicio de solução do primeiro, do mais grave dos nossos problemas da actualidade, aquelle que por sua transcendencia, póde-se dizer exclue todas as mais cogitações. Mettamos, assim, mãos á obra de propaganda, todos os patriotas; não ha tempo a perder, e confiemos que a questão virá echoando até sacudir os governos com a vehemencia das coisas que sobrevêm para dominar.

Sôa ainda, a nossos ouvidos, o timbre clangoroso d'estas palavras, com que, em

editorial, *A Imprensa*, de 16 de novembro de 1898, exora á alma civica da nação deante do espectáculo dos vasos estrangeiros em nosso porto :

« O mar é o grande avisador. Pol-o Deus a bramir junto ao nosso somno, para nos prégar que não durmamos. Por ora a sua protecção nos sorri, antes de se trocar em severidade. As raças nascidas á beira-mar, não têm licença de ser myopes ; e enxergar, no espaço, corresponde a antever no tempo. A retina exercida nas distancias marinhas habitua-se a sondar o infinito, como a do marinheiro e a do albatroz. Não se admitem surpresas para o nauta: ha-de advinhar a atmosphaera como o barometro, e presentir a tormenta, quando ella pinta apenas como uma mosca pequenina e longiqua na transparencia da immensidade. O mar é um curso de força e uma escola de previdencia. Todos os seus espectaculos são lições : não os contemplemos frivolamente.

« Na festa de hontem bem poucos se deteriam em penetrar a expressão intima desses convidados do outro hemispherio, ou do outro continente, cujos canhões honraram a solemidade nacional, cujos galhardetes flammeavam em arco á luz do sol, e cujas myriades de focos rutilantes constellaram de noite a bahia. Cada um delles era, entretanto, uma interrogação mysteriosa ao porvir. Esses mensageiros da civilisação européa e americana, deslumbrados na magnificencia da nossa terra natal, estudam o homem, que a habita, e procura nas suas obras o sello das grandezas que o circundam. Quando voltarem desta cerimonia, a que concorreram com a distincção do seu obsequio, com a impo-nencia da sua presença, irão dizer aos que os mandaram se a creatura aqui responde á liberdade do Creador, se este ramo da familia humana trabalha pelo bem commum. E queira Deus que desse juizo nos possamos desvanecer, como com esta fineza nos lisonjeamos.

Bastava que de nossa parte os estudássemos, para sentir quanto nos esquecemos de nós mesmos. Por elles veríamos como presentemente o valor dos povos quasi que se mede pelo seu valor no oceano.

Vibra ainda no espaço a accentuação prophetica d'esse brado ; e si, como na parábola do semeiador, parece que tão boa semente cahio entre as pedras, entre as sarças malignas das nossas travacontas partidarias, pensamos que uma pequena parte foi recebida em terreno propicio — na opinião publica, onde germinará e medrará.

As boas idéas, as aspirações patrioticas não succumbem á indifferença dos governos, nem ao murmúrio hostile de alguns homens, uns e outros transitorios na inconstancia dos successos, como á superficie fugitiva d'uma torrente os aspectos do arvoredo que a margeia.

Ellas têm uma inesgotavel reserva de vitalidade, uma indestructivel força germi-

nativa que desafia as inclemencias glaciaes do governismo e zomba do tempo, como aquelles grãos de trigo desentranhados de Pompéa, das tercenas da cidade morta, que confiados á terra nutriz nasceram, e fructificaram em loiras espigas remuneradoras.

Devemos porfiar por desfazer a noção erronea de que os augmentos exigiveis, para a reorganisação da nossa marinha, são despezas adiaveis para melhor tempo; este modo de ladear a questão é um recurso doloso, um attestado de indiferença pela sorte da Republica, e uma confissão implicita da falta de patriotismo. Affirmações que ainda se repetem porque ninguem se lembra de contestal-as, e que á força de repetidas acabam por se dar ares de axioma incontroverso. Desenvolvamos este ponto no capitulo que segue.

O custeio da marinha

*Sobre o orçamento da marinha. —
A ruína actual — Que se espera ? —
Ineficácia dos esforços da ultima hora.
— Os exemplos de casa e os de fóra. —
Em que deram as economias dos go-
vernos hespanhóes, com a sua marinha.
— Balanço de erros e lição para nós-
outros.*

HA, evidentemente, grande falta de reflexão em recusar os augmentos de verbas que são reclamados pelo estado actual da nossa marinha e urgencia de recompola.

Si nos inquieta a idéa de uma emergencia litigiosa, com qualquer nação, o que, de certo, está na ordem das coisas possiveis ; si entra nos calculos e deveres da geração actual, manter a integridade da patria, tal como

nol-a deixaram as gerações que nos precederam, forçoso é concluir pelo restabelecimento do nosso poder naval, em condição de sancionar estas aspirações e estes deveres.

E si não podemos manter o poder marítimo senão á custa de grandes dispendios, de constante sacrificio, porque não assumiremos, com decisão e virilidade, os onus d'esse papel que a grandeza de nossa patria nos impõe?

Não ha evadirmo-nos á missão que as circumstancias commetteram ao presente; nós nos revelariamos d'uma cobardia sem precedentes na historia, si uma consideração de despezas fosse bastante para nos conturbar, alheando-nos dos nossos deveres para com as gerações futuras.

Não; si não podemos assegurar a defesa de nossas fronteiras no mar, e manter o nosso papel de nação marítima, a não ser a custa de fortes sacrificios, preparemo-nos para elles, sem desfallecimentos.

E' preciso augmentar, duplicar, triplicar o actual orçamento da marinha?

Augmentemol-o, dupliquemol-o, tripliquemol-o, sem nenhum signal de pusilanidade ; tanto mais quanto uma serie fecunda de vantagens, d'outro lado, advirão para nos resarcir dos sacrificios.

O sentimento de solidariedade com o passado e com o futuro, pelo que herdamos e que temos de legar, como patrimonio universal da civilisação, crêa-nos o conhecimento d'esse dever para com o presente.

Foi a noção d'esse dever, do qual se havia penetrado intimamente o povo de Washington, que produziu a colossal nacionalidade norte-americana, cujo vigor e genio pratico ainda agora nos offerecem, nas suas victorias maritimas, o exemplo mais util a seguirmos, si, como ella, não queremos mentir a nossos destinos.

Tivessem os homens de cá sempre presentes aquellas palavras da proclamação do pri-

meiro congresso de Philadelphia, durante a lucta da independencia: «A honra e a humanidade não nos permitem que repudieemos covardemente a liberdade que os nossos antepassados nos legaram e que os nossos innocentes filhos têm o direito de herdar de nós.»

Como resumbrá, d'este documento solemne, o sentimento energico dos deveres, que a solidariedade entre as gerações sugere ao presente, em nome do passado e do porvir !

Nós não nos julgamos abaixo de nenhum povo, para a comprehensão e o desempenho do papel que, como nação livre, temos de desempenhar no concerto dos povos.

A historia, a geographia, o commercio e os tratados nos investiram nas vantagens e precalços de potencia maritima : será este, pelo menos, o nosso destino ; cumpre, conse-

quentemente, assumir esse papel. O Brasil será uma potencia maritima, ou não subsistirá.

Pensamos, feito o accordo n'este ponto, que nosso orçamento da marinha tem que ser ampliado, tanto quanto o exigirem as necessidades d'essa aspiração; e ainda que não logo ao primeiro exercicio, ao menos gradativamente, tendendo á utilidade collimada, desde que se modifique o actual aspecto financeiro do paiz.

Haverá sempre um expediente pratico, ha sempre uma solução média capaz de conciliar os antagonismos quando elles se manifestam no desenvolvimento d'uma questão; n'este momento os embaraços financeiros da Republica são um empecilho, quasi irremovível, á solução do nosso problema naval; mas não é preciso que appareçam estadistas de genio, para que os cuidados, de que a nossa armada necessita, venham a se traduzir em um augmento razoavel do orça-

mento da marinha. Não é forçoso que se nos depare uma reencarnação do rei Codrus, basta-nos um homem qualquer sufficientemente amigo da sua terra, e com os requisitos de espirito necesarios, para comprehender a gravidade do problema.

O parlamento acabaria por conceder os aumentos pedidos. Concederia, ainda que não se dispensasse dos debates e delongas conhecidos; mas isso mesmo não seria um serviço á marinha? O essencial é que o orçamento seja augmentado, e se possa metter mãos á obra da reorganisação da marinha de guerra, sobre bases sérias e definitivas.

**

O principal objectivo, o primeiro intuito do contribuinte, pagando a sua quota de impostos, é prover á garantia dos beneficios que á collectividade promete o Estado; e d'entre estes beneficios, os principaes são os que promanam da effectividade da indepen-

dencia nacional, e são elles — a paz, a liberdade, a organização da communhão sob os principios juridicos que protegem o individuo, a familia, etc.

Ora, a soberania nacional, sua independencia, seu decoro, só se affirmam quando a nação pode fazel-os effectivos pela força ; firmado accordo n'este ponto, concordaremos tambem que, para os paizes maritimos, esta força se exerce principalmente no mar ; taes paizes, consequentemente, têm que se crear um poder naval á altura d'essa missão.

Conclusão definitiva :— são absolutamente necessarias, absolutamente inadiaveis as despesas feitas com a sustentação da esquadra ; e custe o que custar, imponha os sacrificios que impuzer, a nação tem que reunir os elementos do seu poder maritimo.

O que constitue, pergunta um escriptor tratando d'este ponto, o verdadeiro poder naval?

«O que constitue o verdadeiro poder marítimo; ou antes, o que dá a uma nação os attributos de potencia maritima? E' a faculdade de sustentar uma guerra maritima, defensiva ou offensiva, ou com esses dois caracteres.

Para isso é preciso: em primeiro lugar, que a nação disponha de uma força maritima organizada militarmente, prompta a fazer face ás combinações hostis mais provaveis que se possam de subito formar contra ella; em segundo lugar, que, pela natureza das industrias a que se dedica uma parte de sua população, essa força maritima possa renovar os seus meios de acção e amplial-os durante a lucta.

A nação deve ser para suas esquadras que voltarem desmanteladas aos seus portos o que a terra era para o Antêo da fabula, uma fonte copiosa de força, isto é, de reservas de pessoal e material.» (1).

(1) Arthur Jaceguay — *Organização naval*, pags. 6 e 7.

Ora ninguem dirá, a não ser algum humorista que se tenha proposto nos *desopiler la rate*; ninguem dirá que, n'este momento, o Brasil dispõe sequer de um simulacro de poder marítimo ; o que ali está, com o nome de esquadra de guerra, não resistiria decorosamente ao menor embate superveniente ; isso que ali existe não passa de um punhado de destroços desagregados, motivo de zombaria para os nossos vizinhos do Prata, motivo de apprehensões e desespero aqui para os que lhe abraçaram a profissão.

Falta-nos tudo, temos que reconstruir de ponta a ponta.



Porque não se mette mãos á empreza ?

E' preciso que um insulto estrangeiro nos venha despertar o sentimento d'essa necessidade ?

Mas, então só teremos dois caminhos a tomar : tragaremos inermes a affronta, como

na questão Christie ⁽¹⁾ ou faremos sacrificios colossaes para repellir o aggressor, como no caso do Paraguay.

(1) A referencia acima, á questão Christie, nos evoca uma reminiscencia.

Entre as humilhações infligidas por vasos inglezes á nossa soberania, occorre-nos, e citamos por se prender á ordem de idéas explanadas, a seguinte: A 29 de junho de 1885 o vapor de guerra *Cormorant* penetrando no porto de Paranaguá aprisionou quantos navios mercantes ali estavam, retirando-se em seguida a seu salvo, apezar d'alguns disparos da fortaleza da barra. O seguinte trecho d'uma comunicação official documenta o attentado que ficou, está visto, de todo impune: Officio dirigido de Santos ao presidente da provincia de S. Paulo. «Illm. Exm: Sr.— Neste momento, 11 horas e meia da noite, chega ao meu quartel o juiz municipal Firmino José Maria Xavier, e me diz que hoje desembarcou nesta cidade, de bordo de um escaler pertencente ao vapor de guerra inglez, que fundeou hontem na praia do Góes, um homem brasileiro, de nome Manuel Felipe Santiago, que lhe referio o seguinte: — Que estando pescando fóra da barra de Paranaguá, em companhia de seu irmão Benedicto Felipe Santiago, no dia 29 de junho perterito, alli chegou o vapor de guerra inglez e o recolheu a seu bordo para guial-o até a cidade, e que no dia seguinte apresou dentro os brigues *Serla* e *Leonida*, e uma galera, cujo nome ignora, e que depois disto sahira no dia 1º do corrente rebocando as tres embarcações, e quando chegou perto da fortaleza, esta lhe atirou um tiro de polvora secca, para o fazer parar, e como não fosse attendida, principiou a fazer-lhe fogo com bala, sendo correspondida pelo vapor, de que resultou ficarem muito arruinado, os dous brigues, os quaes fóra da barra foram queimados pelo vapor, que

N'uma como n'outra hypothese, os prejuizos e os dispendios sêrão bêm mais onerosos do que a consignaço, que poderemos fazer, pedindo aos orçamentos annuaes um augmento proporcional ás forças do paiz e ás necessidades da grande aspiração.

Não ha methodo algum, ou elemento de orientação, verdadeiramente fecundo para a

tambem soffreo alguma avaria na pôpa e roda, e que lhe morreu um marinheiro.

«Quanto á galera, diz o dito Manuel Felippe que fôra mandada para Santa Helena. E como me consta pelo *Jornal do Commercio* de 2 do corrente, que em Cabo Frio houve ainda maior attentado, julgo do meu dever dar disto sem demora parte a V. Ex., para ordenar que a Fortaleza de Barra seja reforçada, no emtanto que passo a prevenir ao tenente-coronel commandante para estar com toda a vigilancia, pois não tem senão doze peças de guarnição.

Deus guarde etc.—Quartel do commando militar em Santos, 4 de Julho de 1850.

Illm. Exm. Sr. Dr. Vicente Pires da Motta, presidente desta provincia.—O bfigadeiro JOSÉ OLYNTHO DE CARVALHO E SILVA.»

(Extrahido da *Corographia do Paraná*).

Isso no tempo dos navios de madeira, quando as fortalezas podiam infundir respeito, calcule-se o que seria hoje que os couraçados affrontam impunemente as fortificações e os projectis!

E dizer-se que de nada serviu-nos esta lição.

Decididamente padecemos d'uma amnesia incuravel.

acção directriz dos governos, senão o que lhe offerece a historia, pelas licções da experiencia e dos factos; e quanto taes licções têm revelado confirma, do modo mais irrefragavel, essa affirmação. Não se provê, á ultima hora, ás necessidades da salvação publica, senão a preço de sacrificios exhaustivos e, ainda assim, nunca esses sacrificios attingem aos resultados que se objectiva. Isso é verdadeiro em maior grau, quando se trata da offensiva ou da defesa pelo mar.

A ultima revolta de parte da marinha, em o nosso paiz, provou a exactidão de tudo isso, offerecendo-nos uma nova e eloquentissima licção.

Apezar de não vir envolvida no conflicto nenhuma potencia européa, o que difficultaria muitissimo mais a nossa situação, foram precisos longos mezes, o trabalho activo e dedicado da diplomacia, etc., para que o

governo conseguisse a obtenção de alguns fracos, irrisorios meios de acção : navios incapazes, pessoal inferior, diríamos melhor, perigoso, munições deficientes — foi tudo.

« Entretanto, diz o Dr. Ruy, para adquirir estes despreziveis chavecos, esse comico aparato de guerra, o governo brasileiro descerrou largo os cordões da bolsa. Nem lhe faltaram engenhosos patriotas, habéis manobreiros commerciaes e contractadores de alto bordo.

Ora, não ha razão nenhuma para conjecturar que, nos apertos de um conflicto emergente com outro paiz, se nos deparasse melhor sorte.

Tudo, pelo contrario, induz a crer que então havíamos de sentir mais pezado sobre a garganta o joelho dos especuladores, e que os serviços obtidos seriam talvez de peor qualidade ainda. » (1)

(1) Ruy Barbosa. — *Cartas de Inglaterra*. «A lição do extremo oriente.» Pag. 169.

N'um conflicto com o estrangeiro poderoso, se nos afigura, as coisas nos correriam muito mais desfavoraveis, visto que os deveres da neutralidade, e o medo de incorrer nas iras da potencia aggressora, seriam sufficientes para nos fechar, desesperançadamente, todos os mercados de acqvisição, sabido que, hoje, as hostilidades rompem prescindindo de quaesquer formalidades declaratorias, como ainda ha pouco se deu por parte dos Estados Unidos contra a Hespanha. (1)

Todavia, mesmo no caso que nosso governo, n'uma emergencia d'estas, tenha tempo e expedientes de se apparelhar para

(1) Temos uma lição em casa. O Paraguay rompendo hostilidades contra o Brasil, aprisionava-nos o *Marquez de Olinda*, antes que a nota do ministro Borges, declarando o estado de guerra, tivesse chegado á legação brasileira, nem ao conhecimento do governo do nosso paiz.

Citando a obra *La Marine Française*, de Paul Deschanel, diz Ruy Barbosa: «D'entre cem guerras ou conflictos europeus dados no seculo passado e no actual, apenas dez foram precedidos por manifestação regular.»

uma resistencia efficaz (o que só se admitte como hypothese para argumentação ; — foram-se os tempos da fabula, em que o heroe mythologico podia fazer surgir, d'um golpe no solo, os elementos de seu poder) a que somma subiriam as despezas exigiveis? E depois, conforme o desfecho, que não poderá ser duvidoso, a quanto attingirá o total dos sacrificios?

O recente exemplo atterrador, da Hespanha, ainda n'este ponto nos está impondo suggestões a que não ha como fugir ; não é só uma licção que se nos mostra alli, é um pesadelo obsessivo que mais avulta para nós quanto mais cerramos os olhos, para não vel-o.

Não obstante as reiteraões supplices dos officiaes, dos technicos, o parlamento hespanhol jamais approvou os creditos necessarios ao aparelhamento de sua esquadra ;

ainda nas proximidades da declaração de guerra, o governo e os politicos não se animavam a encarar virilmente os sacrificios que a borrasca, proxima a estalar, lhes estava reclamando. Entretanto o instincto popular, pelos orgãos do periodismo, abria, como incitamento á acção official, uma subscripção para compra de novos vasos de guerra, mostrando assim uma intuição muito mais clara da imminencia do perigo. O embotamento da percepção governativa, porém, é o mesmo em toda parte, nada se movia, e quando, mais tarde, declarou-se a guerra, e a esquadra de Cabo Verde teve de entrar em acção faltava-lhe tudo. A correspondencia do seu almirante, Cervera, publicada ulteriormente, jorra um clarão dramatico sobre esse singular prodigio de incapacidade governamental.

Quanto ás forças estacionadas nas Philipinas, não houve diversidade de situação : a mesma desidia, a mesma imprevidencia, a mesma fatal regra de economias á custa dos

meios de defesa nacional. « N'esta data, escreveu posteriormente *La Correspondencia de España*, alludindo ao combate de Cavite, achavam-se as entradas da bahia com as mesmas defensas que encontraram os descobridores quando alli arribaram pela primeira vez, faz quatrocentos annos. As de Cavite reduziam-se a uma debil e incompleta muralha mal artilhada, e uma bateria, na ponta do arsenal, de quatro canhões Armstrong, etc. De tudo resulta claramente que o desfecho do combate não podia ser outro, senão o que foi, succumbindo nossa esquadra, pela enorme superioridade do poder inimigo, *siendo los tripolantes de aquella flota desgraciada, mas que combatientes martyres de la Patria.* »

Mais tarde, tambem o *Times*, de Londres, poude ajuntar áquella queixa este depoimento que será a condemnação da criminosa incuria hespanhola, perante a historia. E' uma correspondencia do proprio Montojo, o infeliz

almirante hespanhol, da qual destacamos este trecho :

« Minha opinião é que a responsabilidade de tudo isto deve recahir exclusivamente sobre o governo de Madrid.

Nós não tínhamos em Cavite nenhum navio em condições de combater.

Desde o dia em que tomei o commando da esquadra, em Manilha, eu não cessei de reclamar providências ao governo, pedindo-lhe navios modernos e torpedos.

Mas nada veio...

Eu não tinha nem um torpedo.

Em tempo tentei construir alguns, mas faltava-me o material conveniente.

E' verdade que o ministro da marinha me promettera munições ; ellas, porém, nunca chegaram.

Eu tinha consciencia de que minha esquadra seria destruida, pois não ignorava que os americanos possuíam vasos, contra os quaes meus navios estavam incapazes de se bater com exito.

Os americanos tinham pelo menos 150 canhões modernos, todos de um modelo excelente, de tiro rápido e calibre elevado; os nossos eram visivelmente inferiores em calibre, em numero e em tudo o mais.»

Nada, porém, documenta mais vivamente a criminosa politica de avarezas com a marinha de guerra, por parte do governo hespanhol, do que a carta do almirante Cervera (1) publicada na *Epoca*, de Madrid, e sobre a qual diz a *Revista Maritima Brasileira*, depois de mencionar o estado deploravel dos navios hespanhoes:

« Faltavam cartuchos, e havia apenas 30 tiros por peça a bordo. O almirante não podia obter nem carvão nem cartas dos mares americanos, e sómente metade da quantidade da bolacha pedida em Cadiz, no principal

(1) A *Revista Maritima Brasileira*, de Fevereiro de 1899, occupou-se, na sua *Chronica*, d'essa correspondencia, reportando-se a uma traducção da Repartição de Informações Navaes, dos Estados Unidos.

arsenal do governo. Na sua correspondencia elle avalia a esquadra hespanhola pelo melhor em 56.000 toneladas, o que comparado com as 116.000 toneladas da armada americana, e por uma fórmula de artilharia, dá para poder artilheiro dos hespanhoes 50 contra 132. N'este calculo quatro consideraveis navios hespanhoes estavam incluídos, os quaes por varias causas não foram empregados durante a guerra.

Ainda mesmo que o almirante tivesse ganho qualquer successo tactico, não tinha porto para reparar os damnos soffridos, excepto a empobrecida Havana, emquanto que os Estados Unidos tinham muito bons e bem suppridos ancoradouros.

As prophcias de Cervera, de um futuro desastre, continuaram até a data em que deixou as Canarias, para seguir para as Indias Occidentaes, sob as ordens directas do Ministerio da Marinha em Madrid. Sua ultima carta antes da culminante catastrophé

termina assim : «O resultado final não é duvidoso. Deus seja connosco. Adeus.»

O leitor sabe quanto custou, em seguida, á nação hespanhola, as estreitezas e sovina-rias dos seus governos.

E imaginará, talvez, que o systema dê resultado differente em outro paiz ?

Mas, não arrolemos detalhes, o leitor precisa de ser levado á seguinte conclusão : o que os governos recusam, como io, á defesa do paiz, pagam, como 1.000, ás imposições do inimigo.

De facto, todo o dinheiro poupado á custa do desenvolvimento de sua esquadra, subtrahido ás exigencias da conservação de seu poder naval, pagou-o a Hespanha, com os juros da avareza, á logica das grandes leis immutaveis, pela perda de seus navios, de seu decoro, de seu imperio colonial.

O *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, transcrevendo do *New York Journal*, offereceu-nos mais tarde, com os seguintes dados, o balanço das perdas hespanholas, n'esse desastre irreparavel :

O QUE A HESPANHA PERDE

Cuba.....	1.500.000.000	dollars
Philippinas.....	2.250.000.000	»
Porto Rico.....	750.000.000	»
Despezas de guerra.....	625.000.000	»
Perdas de commercio.....	100.000.000	»
Trinta navios perdidos.....	150.000.000	»
Total.....	5.375.000.000	

Isso em valores commerciaes, que quanto á perda, muito mais lamentavel, de homens, (officiaes e praças), basta repetir aqui a pergunta da citada *Correspondencia de Espana* :

« *Se registra en la historia maritima de este siglo, incluso Trafalgar, caso alguno en que las bajas alcancen al 40 por 100, ó sea*

618 entre muertos y heridos, correspondientes á 1.512 combatientes, en el supuesto de que las dotaciones estuviesen completas ? »

A desidia relapsa dos governos d'aquelle paiz propellio ao holocausto nada menos de 5.500 victimas, sendo 2.500 mortos e 3.000 feridos; seu irracional systema de parcimonias e estreitezas com o orçamento da marinha trouxe-lhe, em resultado, a perda irrecuperavel de vinte e um navios de guerra, dous exercitos vencidos ou prisioneiros, além de Cuba, Porto Rico, as Philippinas e muitas outras grandes e pequenas ilhas arrebatadas ao patrimonio hespanhol.

« Ha um anno, a Hespanha tinha debaixo de seu dominio, fóra de seu proprio territorio, 10 milhões de subditos. Restam-lhe hoje menos de 200.000, » conclue o jornal americano; e faltou entretanto addicionar: o desaire nacional e decorrente desprestigio, o descontentamento interior e ameaças que d'ahi se originam.

Entretanto, as despesas dos Estados Unidos no conflicto se limitaram a isso, mesmo incluindo a perda accidental do *Maine*, anterior ás hostilidades :

O <i>Maine</i>	12.500.000	dollars
Despezas de guerra.....	1.000.000.000	»
Indemnidade á Hespanha.....	100.000.000	»
Total.....	1.112.500.000	

Perdas em homens : cerca de 253 mortos e 1.324 feridos, fóra as victimas do *Maine*.

Esses algarismos, na sua eloquencia brutal, nos dão uma idéa graphica do que é, e do que vale, como providencia politica, o systema de delexar os reclamos da defesa publica, sob o pretexto sedição das economias ; esses algarismos deixam vêr nitidamente no que vêm dar, para nações maritimas, orçamentos elaborados sob as regras e sob o espirito de Harpagon.

Não tendo poupado despezas com a instrucção dos seus officiaes, preparo de sua

maruja no manejo da artilheria, e em viagens constantes, os yankees, declarada a guerra, apenas gastaram 222 milhões e meio de dollars, mas recolheram 900 milhões. Lucro liquido — quasi 700 milhões! Sem contar o proveito das expoliações supplementares infligidas ao adversario!

Os hespanhoes, ao envez, apertando a bolsa ás despezas de sua frota de guerra, vieram afinal a perder 5.375.000.000 de dollars. E nunca chegou a outro resultado a arithmetica dos governos incapazes.

Possibilidades de nossa reconstituição naval

Confiar em si mesmas, deve ser a divisa das nações prudentes. — Não cogitamos de abdicar nossa autonomia nacional. — No que isso obriga os governos. — Temos que recuperar nosso prestígio no continente. — As bases do poder marítimo entre nós. — A cabotagem e suas vicissitudes, consequências da lei de nacionalisação. — Os arsenaes.

CONFIAR em si mesmo, instruir-se para progredir, e aparelhar-se, aperceber-se para afirmar a sua personalidade nacional, eis, segundo pensamos, o dever primeiro de qualquer povo, consciente da sua vitalidade, e seguro dos seus destinos.

Não encaramos a questão de saber até onde levaria uma população joven e enthu-siasta, como a nossa, o predomínio de idéas da ordem das que propagamos n'este livro ; o que se nos afigura é que ellas traduzem, n'este momento, uma necessidade capital, a necessidade de mantermos nossa conserva-ção como povo livre e independente. A lei biologica, da accumulção e fixação das pequenas vantagens, applicada ás naciona-lidades em formação, não lhes permite, não nos permite a nós brasileiros, o abandono de nenhum meio conducente a assegurar-nos qualquer progresso positivo, sobre os agentes exteriores actuantes contra a evolução do organismo nacional. E estes agentes são numerosos.

Elles nos cercam e nos envolvem, com-quanto a nação os supere, graças ás suas forças moleculares, que ahi estão affirmando a vitalidade do novo organismo, na sua litte-ratura, na sua expansão commercial, no seu

sentimento nativista, nas suas manifestações de arte, no seu apreciavel desenvolvimento industrial.

Mas, seria insensato confiar, á cultura juridica das nações fortes, (cuja predominancia sobre os interesses materiaes está ainda bem longe de ser uma realidade) a guarda e a sorte das nações jovens. Mesmo na hypothese irrealisavel da mais abnegada e carinhosa tutelagem, nos repugna acquiescer a que nossas conquistas, no caminho do progresso, só nos possam advir pela intermediação de algum outro povo.

Isso não nos permitiria a consciencia da nossa personalidade nacional, que é a demonstração da nossa capacidade para o progresso, e para a missão que, como cada povo, temos a desempenhar sociologicamente.

É, pois, quando alludimos aos perigos da tendencia conquistadora, historicamente peculiar aos povos fortes, tendencia que, na actualidade, se manifesta, nas potencias

européas, pela expansão colonisadora, e no colosso norte-americano pelas suas aspirações pan-americanistas (e nós o alludimos repetidas vezes n'estas paginas) apenas tivemos em vista exprimir nossa censura aos estadistas mediocres, que, entre nós, abandonaram criminosamente a marinha; e o fizemos sob a inspiração do dever civico que, pela bocca de Cicero, aconselha — traga cada cidadão inscripta na fronte, sua opinião sobre os negocios da patria: *scriptum in fronte uniuscujusque civis, quid de Republica sentiat.*

Mas, não se infira d'ahi que entra nas nossas presumpções, quanto ao futuro, a probabilidade da perda de nossa independencia nacional; nenhum povo, por mais intensos e formidaveis que sejam os seus meios de absorpção, fará bem em metter nos seus calculos qualquer projecto d'essa ordem a nosso respeito.

Contra uma tal hypothese, e dizemol-o sem nenhum desejo de farromear coarctadas pa-

trioticas, nem proferir escusadas bravatas, é absoluta a nossa fé nos destinos do paiz, é parte do nosso ser moral a convicção da futura grandeza nacional; as sociedades vive-doiras têm a sua característica, que as distin-gue das agglomerações destinadas a desap-parecerem, e esta característica póde ser estudada em todas as demonstracções mate-riais e psychicas de nossa vitalidade.

Comtudo, semelhante convicção não dis-pensa, antes obriga, formalmente, os gover-nos, os politicos, quem quer que retenha uma parcella de responsabilidade, na direcção dos negocios publicos, a aparelharem o paiz para a affirmacção da sua personalidade nacio-nal, pela posse, em franca plenitude, de todos os deveres e direitos, onus e vantagens d'uma soberania politica.

Ora, ninguem dirá que uma nação man-tendo as suas fronteiras inermes, nos pontos em que ellas são mais vulneraveis, está aparelhada para aquellas responsabilidades.

Nenhum paiz maritimo deve se olvidar de que a primeira condição, para a effectividade de seus direitos soberanos, é o dominio de suas aguas ; si elle confia este cuidado, não ás suas proprias forças, mas, á longanimidade das potencias, tem procedido como o imbecil que ainda acreditasse em abnegações do interesse, aquelle...

«...Despota de enorme fortaleza,
Prompto sempre o rigor para a ternura,
Raio sempre na mão para a fraqueza.»

que outro não é o egoismo europeu ; mesmo quando simúla auxiliar e proteger as nações debeis, mesmo quando finge amparar a justiça ou o direito, e, no dizer de Delille :

Se couvre du manteau d'une austère vertu.

Importa, porém, confessar que aos nossos governos nada aproveita a experiencia, fastidiosamente reproduzida em mil licções, do que tem valido, a outros povos, sua boa fé

nas hypocrisias do egoismo das potencias ; senão veja-se a despreocupação com que escancarâmos, aos seus exploradores, os segredos de nossa defesa, dos nossos rios internos que elles medem, sondam, estudam, aparentemente movidos de interesse scientifico, mas, em verdade, para enriquecimento dos seus archivos militares, para fortalecimento dos seus meios de empolgação.

Recentemente, entre outros casos, não se viu uma canhoneira americana penetrar (diz-se até que sem licença official) pelos affluentes do Amazonas até ao interior do territorio nacional, máo grado os protestos do povo de Manáos? Isso no momento em que, nos orgãos mais circumspectos do jornalismo europeu, começam de surdir, como thema de debates, as hypotheses de uma proxima absorpção das republicas neo-latinas, pelo metuendo polypò anglo-saxão, a cuja audacia nenhuma empreza se afigura impraticavel.

Poucos mezes antes, tambem, andaram navios da marinha allemã em exercicio de fogo e manobras contra o porto de Santa Catharina, e visitaram, com permissão do governo, as obras de defesa da barra do Rio, o que mostra bem até que ponto vai a proverbial ingenuidade do Brasil, quanto á matreirice e á solercia das nações conquistadoras ; é bastante que a ameaça se nos apresente sob « o manto da austera virtude », para que logo lhe abramos o lar, quando o certo é que « a rapoza muda seu pello mas não perde sua astucia ».

A respeito disto enviamos, então, a conspicio orgão d'esta capital, um brado sob o titulo «Suggestões», que, precedido de referencias penhoradoras, foi publicado na parte editorial da folha (1). São d'esse artigo os

(1) Ver *A Imprensa*, de 1 de janeiro de 1899.— Rio de Janeiro. O artigo trazia nossa assignatura e obteve da redacção, excessivamente benevola connosco, uma local recommendando-o ao seu publico ; o que deixa se inferir não lhe pareceram desarrazoadas nossas apprehensões.

seguintes trechos, que reproduzimos por terem, ainda agora, inteira correlação no assumpto :

« As folhas de hontem noticiaram que o governo dera ordem para que se franqueassem as fortalezas do nosso porto á visita dos officaes do navio *Geyer*, da marinha de guerra allemã, que aqui se acha de passagem ; e mais que lhes seja concedido fazerem exercicios de fogo e torpedos no porto de Santa Catharina, que será, como se sabe, o escolhido para base de operações em qualquer guerra maritima no sul do Atlantico.

Aos governos que começam, tudo sorri ; tudo é alegria para os corações jovens, assim o diz, na sua lingua canóra, um povo cheio de observação e de experiencia :

A giovine cuor tutto è giuoco

E', pois, natural que nenhum máo pensamento tenha occorrido ao nosso governo, quando assim desvenda, ao exame nada des-

interessado das marinhas de guerra estrangeiras, os segredos da nossa defesa, e lhes ministra ensejo de calcular com que elementos se devem aperceber, essas marinhas, no dia em que os erros da nossa incapacidade e da nossa imprevidencia governamentaes nos attrahirem, a estas plagas desejadas, do Atlantico, a cobiça e arrogancia dos povos conquistadores.

Não sabemos d'onde se originou, ultimamente, esta nova illusão de que as grandes potencias estão a morrer de amores por nossa ventura, e que suas garras, animadas pelo instincto de dilatação que as impelle a dividir entre si as «nações fracas» na Africa, na Asia, na America Central e até na Europa, quando se trata de nós outros, territorio infinito, desarticulado por uma federação que tudo sorve, apodrece e decompõe, se transmudam thaumaturgicamente n'uma solicitude passional, n'um desapego amoroso e idyllico que as faz desabrochar, toda manhã,

em conselhos financeiros, em telegrammas paternaes, em artigos de imprensa tremulos de cuidado pelas nossas rendas, pelos nossos orçamentos e o mais.

As esquadras que em nosso porto se apresentaram a 15 de novembro, bem podiam ahi estar para protecção de seus respectivos compatriotas, si, por acaso, um d'esses eventos, communs na resplandescente politica sul-americana, em vez da cerimonia festiva lhes tivesse dado uma surpresa demagogica no acto da transmissão do governo. Mas, está registrado, pela gravidade conspicua das communicações diplomaticas, que estes vasos de guerra vieram aqui expressamente para render uma homenagem das grandes nações ao povo generoso e sabio que confiou a integridade do seu immenso territorio, e a sua unidade nacional, ás aventuras d'esta federação que ahi temos.

Ora, não queremos desconfiar d'estas coisas; mas nada nos impedirá de que riamos

da candidez do povo que, quando se vê envolvido de espiões, e de visitantes suspeitos, lhes vae ao encontro, abrindo-lhes, de par em par, as fortalezas do littoral.

Isso está pedindo satira, mas nos contentamos com aquelle sorriso que o poeta assevera provir da razão :

*...Smiles from reason flow,
To brutes denied.*

(MILTON).

Na verdade, que merece, senão o sorriso, um paiz que deixa o seu littoral desguarnecido e, á proporção que os seus visinhos se armam, elle vende os poucos navios bons de que dispunha, e põe-se a franquear as suas obras de defesa ao exame solerte do estrangeiro?

Que dizer, tambem, da autorisação para exercicio de artilheria e de torpedos na barra de Santa Catharina?

Ha pouco tempo, uma esquadilha argentina roteiou, igualmente, aquellas paragens,

base obrigada e estrategica para quaesquer operações navaes no Atlantico-Sul.

Foi alli que o *Aquidaban*, resumindo os derradeiros arrancos da revolta da armada, esperou o ataque d'uma flotilha de torpedeiras, licção final com que os acontecimentos d'aquelle drama enriqueceram a historia da tactica naval moderna.

E' indubitavel que a officialidade argentina estudou com proveito todas as condições de ataque e defesa locaes, e disso se aproveitará, si nossa imprevisão um dia ensaiar, contra sua forte marinha, aventuras d'essa ordem.

Agora vão os allemães.

Por certo que se não deverão trancar as portas á amisade universal ; parece-nos, todavia, que um paiz quando abandona sua marinha de guerra, á decadencia e ao depercimento, não deve ao mesmo tempo fornecer, com tal facilidade, ao estrangeiro o conhecimento pratico de suas condições e recursos de defesa.

Que nos perdõem nossa voz destoante da harmonia universal; que nos relevem este estranho pensamento — cuidar em perigos tão pouco prováveis, que nem chegam a ser perigos. Mas é tão difficil comprimir um pensamento...

E' bom, em meio ás despreoccupações do dia, deixar sempre um momento á recordação das antigas verdades, e repousar sobre a edificação duradoira dos livros sagrados: *nec fortium bellum*, — a guerra não é para os que são mais fortes.

Assim está escripto desde outros tempos».

Perdõe-nos o leitor a digressão, ainda que nunca seja demais o que se escrever sobre a defesa do littoral do paiz; mas queremos nos restringir ao assumpto do presente capitulo.

Confinar com o oceano e esquecer o oceano, é volitar sobre o abysmo, é precipitar-se n'elle.

A marinha é a salvação.

« No equilibrio social dos povos civilizados, já o escrevei M. Lachatre, uma forte marinha é, para algumas nações, não só o auxiliar indispensavel de sua existencia politica, mas, ainda uma poderosa e formidavel alavanca capaz de alteiar os fracos ao nivel da preponderancia dos fortes.»

E' por isso que apontamos, como criminosos os politicos, que, desattendendo ás instigações da experiencia universal, consentiram no depercimento do nosso incipiente poder maritimo.

O Brasil tinha as suas glorias, as suas tradições navaes.

« Era um thesoiro, que se não devia malbaratar ; e malbaratou-se. Não haveria sacrificios, que outros não fizessem, por conquistar esse prestigio.

Nós o tivemos, obtido á custa do melhor do nosso sangue, e deixamol-o perder.

E' mister rehavel-o, se é que temos empenho em conservar a nossa nacionalidade. » (1) Isso escrevia, ainda ha pouco, o illustre publicista, que primeiro deu o alarma contra a nossa decadencia naval.

Por felicidade, recuperar esse prestigio não será uma empreza sem fundamentos no character e nos recursos nacionaes ; antes, dir-se-ia que é a fórmula da sua integração existencial. E' conhecida a maxima — *quem diz Brasil diz marinha* — de um dos estadistas do imperio, que nisso synthetisou a mais genuina, a mais verdadeira concepção da natureza, moral e politica, de nossa patria.

Para «reaver o thesoiro», não precisamos mais do que nos dispor, seriamente, á reconstituição da nossa força naval, arredando da politica interna os officiaes e almirantes, restaurando as boas normas e a cohesão disciplinar em todos os serviços, ampliando

(1) Ruy Barbosa, artigo editorial d'*A Imprensa*, de 16 de novembro de 1898.

a instrucção pratica da marinhagem, e recompondo, por completo, o material de guerra.

Collocada n'este pé a nossa marinha de guerra, isto é, em condições de desempenhar-se das responsabilidades adstrictas á missão que lhe incumbe, ella subsistiria e se manteria, sem grandes sacrificios para a nação ; porquanto sua estabilidade não seria, como em alguns paizes, facticia, mas assentaria em bases historicas, ethnicas e materiaes da propria nacionalidade.

•••

Como elementos historicos, percebe-se que alludimos aos fastos da nossa antiga marinha, primeiro realizando a independencia da nação ; em seguida elaborando a nossa hegemonia continental, nas campanhas da Cisplatina ; depois erradicando os ultimos germens de desagregação territorial, pelo concurso

prestado á pacificação das provincias; e, mais tarde, affirmando, em feitos de armas gloriosos, a nossa capacidade militar, o valor da nossa marinha de guerra. (1)

Da proclamação da Republica em deante, a marinha, contaminada da mesma doença que lavrava as forças de terra, deu ao paiz um triste espectáculo, deixou abrir-se, em suas tradições aureas, um parenthesis de tremenda desagregação disciplinar, que, começando nos episodios das flotilhas, acabou na revolta de 6 de Setembro.

Este parenthesis, que derramou uma tristeza de morte no coração de todos os

(1) Tomemos emprestadas, ainda a Ruy Barbosa, estas palavras com que a isso se refere: «Acabava a guerra separatista nos Estados Unidos, que tamanha revolução produzira nas artes da luta naval. E, comtudo, guardadas as proporções, affirmam os mestres que a campanha fluvial do Paraguay não foi nem menos gloriosa, nem, a certos respeito, menos instructiva. Nos maiores movimentos estrategicos do nosso conflicto com o despota de Assumpção coube sempre á nossa armada uma parte capital, decisiva, admiravel, e a bravura dos nossos marinheiros, sua intelligencia, sua capacidade mostraram em nós ao mundo o nervo, de que se faz o caracter das nações.»

patriotas, parece estar encerrado, e o está, para sempre.

Os elementos ethnicos e sociaes são os que nos podem fornecer todas as populações de beira-mar, cujos habitos e tendencias as constitue, pelas leis de herança e de adaptação ao meio, uma reserva, um viveiro natural de homens, e de industrias adequadas á navegação, e, portanto, — um elemento do poder naval do paiz.

Quanto á concorrência do que chamamos elementos materiaes, nas condições de effectividade e estabilidade de nosso poder naval, ella se verifica no progresso geral do paiz, no desenvolvimento da sua marinha mercante, na abundancia da materia prima para construcção, de que estão cheias as florestas do paiz.

E' certo que, pelo menos quanto a embarcações de guerra, a madeira está em toda a linha substituida pelo aço, pelo ferro, e os ensinamentos das guerras recentes aconse-

lham talvez a sua supressão absoluta ; tratando-se, porém, da navegação mercante, mormente da dos nossos mil rios e portos, ainda por muitos annos a floresta será o repositorio nutriz das industrias de construcção maritima.

Todavia, quando, pelo progresso do paiz, habilitarmos-nos a dispensar o concurso estrangeiro no fornecimento de embarcações de guerra, poderemos tambem pedir á metallurgia nacional a materia prima, de que o sub-solo do paiz está, riquissimamente, provido.

O necessario é que não reincidamos nas velhas faltas, cujas consequencias tanto mal têm acarretado á marinha brasileira.

**

D'estas velhas faltas uma, felizmente, já está sanada — a da lei que declarou livre o serviço de cabotagem dos portos brasileiros, e cujo primeiro fructo foi a degrada-

ção, o anniquillamento da nossa marinha mercante, até então florescente. (1)

O visconde de Cayrú apostolou a abertura dos portos brasileiros ao commercio universal, mas não pensava em conceder, aos pavilhões estrangeiros, a estulta liberalidade de penetrar os portos interiores do paiz para d'ahi expellirem a marinha nacional nascente; (2) entretanto os estadistas de 1866 quizeram, ir adiante, sem perceber que ha fronteiras além das quaes certas concessões deixam de ser uma conquista liberal para serem uma macula crassa de imprevidencia e de ruina.

(1) Teve o numero 3.631 o fatal decreto de 27 de março de 1866, pelo qual o governo monarchico, dando ouvido ás insinuações do interesse inglez, infelizmente apoiado por innumerados brasileiros ingenuos, declarou franca a todas as nações, pelo prazo de um anno, (successivamente prorogado), a navegação de cabotagem, em nosso paiz.

Não podendo attribuir á estreiteza de vistas, nem á falta de patriotismo do ministro de então, que tantas provas deu do contrario, só podemos imputar ás preocupações absorventes da guerra com o Paraguay, a origem e a explicação de tão deploravel *cochilo*.

(2) Decreto de 28 de janeiro de 1808, que foi o primeiro acto de D. João VI ao chegar á Bahia.

È a lei de 27 de março de 1866, expoz a marinha mercante do paiz á concorrência estrangeira, exactamente quando esta lhe podia mais prejudicar, pela circumstancia actuante da superabundancia, e consequente barateza, da navegação a vela, devido á apparição dos barcos a vapor.

A marinha nacional não podia sustentar esta lucta desproporcionada, e decahiu, principalmente depois da lei de 25 de agosto de 1873, que, na opinião de um illustrado official brasileiro, «foi o maior golpe dado na marinha mercante.» (1)

O governo republicano corrigiu este terrivel desacerto, avocando, pela lei de 5 de dezembro de 1896, á bandeira brasileira, a navegação de cabotagem. (2)

(1) Alves Camara — *Relatorio da secção de construcções navaes do Instituto Polytechnico*. Typ. Leuzinger & Filhos, 1888.

(2) Não nos mostrariamos justo, deixando de registrar aqui o nome do vice-presidente Manuel Victorino Pereira, a cujo civismo deve-se a decretação desta lei, que, apesar de consagrada na Constituição, ia sendo procrastinada pela resistencia de poderosos interesses.

Como consequencia d'esta lei, vae se operando, visivel, o incremento de nossa marinha mercante, que é o seu objectivo.

De julho de 1897 a março de 1898, 111 navios foram lançados ao mar com a bandeira brasileira, dentre os quaes 23 foram construidos em Inglaterra e 8 na Allemanha. Dentre aquelle numero, 24 eram vapores com tonelagem de 11.805 e os demais eram pequenos navios a vela.

No fim d'esse anno a marinha mercante brasileira podia apresentar 388 navios a vela de 26.637 toneladas e com 1.630 homens de tripulação e de 212 vapores de 70.650 toneladas e com tripulação de 3.816 homens.

Conformemente, vai augmentando o pessoal matriculado nas capitancias, o que quer dizer vão se ampliando as reservas, em que se apoiará, mais tarde, o nosso poder naval.

Por um annexo do relatorio da marinha, de 1898, vê-se, foram matriculados, como

peçoal marítimo, nas diversas circumscripções da Republica :

CIRCUMSCRIPÇÕES	Brasileiros	Estrangeiros	TOTAL
Amazonas.....	733	178	911
Maranhão.....	2.477	6	2.483
Piauhy.....	313	—	313
Rio Grande do Norte.....	319	—	319
Ceará.....	1.076	1	1.077
Parahyba.....	327	—	327
Alagoas.....	939	—	939
Espirito Santo.....	435	20	455
Rio de Janeiro.....	5.387	1.747	7.139
Santos.....	517	77	588
Paraná.....	167	56	223
Santa Catharina.....	512	16	528
Rio Grande.....	619	233	842
Porto Alegre.....	407	42	449
Matto Grosso.....	393	307	700
15 Circumscripções...	14.621	2.683	17.293

Estes dados são defficientissimos, comquanto procedam de uma origem official, de modo que, si se lhes addicionar os relativos aos portos de Belém, Recife, Aracajú, Bahia, Caravellas, Angra dos Reis, Pelotas, ver-se-á que attingiria a população embarcadiça matriculada, em 1897, a seguramente 25.000 homens, só nos portos principaes. N' estas reservas é que os navios da marinha de guerra terão que refazer sua marinagem, quando a inscripção e o sorteio maritimos forem uma realidade; emquanto, por outro lado, as *Escolas de Aprendizizes*, instituição originariamente brasileira (1) fornecerão o seu contingente annual, convindo apenas que se a aperfeiçõe e se lhes augmente o numero.

**

Estas são as possibilidades em que, calculamos, a reconstituição e a effectividade do

(1) Foi o Brasil, segundo affirma o capitão-tenente Brazilio Silvado, no seu *Estudo de organização naval*, o paiz que ideou e primeiro instituiu as escolas de aprendizes marinheiros.

nosso futuro poder naval se operarão, desde que um governo patriótico e lucido lhe imprima o movimento inicial.

Com taes elementos, e realizando-se a aspiração, longamente afagada, da mudança do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro para local apropriado, pôde se encetar o trabalho, que não será aliás d'uma geração sómente, da criação do nosso poder marítimo, tal como devemol-o possuir.

Quando fallamos ali em mudança do Arsenal de Marinha, deixamos subentender tudo o que se liga a esta medida: a sua remodelação, ampliação para se constituir um forte estabelecimento productivo, abastecido de depositos e reservas uteis em qualquer conjunctura da esquadra, quando seja preciso recompol-a, refazel-a ou reparal-a.

Este estabelecimento central será secundado, em seus fins, pelos da industria particular, que o governo deverá incitar, e

por officinas navaes, na bahia do Aratú, (1) no Pará e em Matto Grosso, e n'outros pontos que o almirantado, nos seus planos estrategicos, o aconselhe. (2)

O do Rio de Janeiro será collocado n'um ponto da costa que satisfaça, definitivamente, todas as considerações de ordem technica e pratica, com o seu porto militar, apercebido

(1) A bahia de Aratú é uma bellissima enseiada, profunda e tranquilla, que se communica com a de Todos os Santos, de que faz parte, por um canal, facilmente defensavel; os estudos procedidos pelo commandante da *Travipe*, então 1º tenente Alves Camara, aconselhavam a escolha d'este logar para o Arsenal, hoje extincto, da Bahia.

Veja-se a obra *A Bahia de Todos os Santos com relação aos melhoramentos de seu porto*, pelo capitão-tenente A. Alves Camara. Rio de Janeiro, typ. H. Lombaerts & C., 1890.

(2) Quanto á necessidade de estabelecimentos navaes, ao longo do litoral, assim se exprime o barão de Jaceguay, no seu livro, que temos citado, á pagina 64:

«Qualquer que fosse o plano strategico d'uma esquadra inimiga contra o Brasil, a nossa defesa exigiria pelo menos quatro pontos de apoio ou bases de operações ao longo do nosso litoral, sendo: o primeiro no extremo Norte, no Pará; o segundo na parte mais oriental da nossa costa, entre o cabo de S. Roque e o de Santo Agostinho; o terceiro na região central entre a Bahia e o cabo de S. Thomé; o quarto na zona do Sul tendo por centro o Rio de Janeiro.»

a ser a base, o eixo, das operações de guerra da nossa esquadra. Isso não custará pouco, é bem claro ; mas, não ha sacrificios, não os deve haver, quando se pensa na defesa nacional ; e si o paiz continúa a tapar os ouvidos a todas as exhortações, a todos os reclamos da sua marinha de guerra, preparemo-nos para os arrependimentos tardios; preparemo-nos para aceitar, constrictos, as humilhações e as arrogantes intimativas do estrangeiro.

O governo acaba de supprimir os chamados arsenaes da Bahia, Pernambuco e Pará, os de guerra e os de marinha. E' forçoso, porém, que se não esteja decependo sem tratar do replantio ; que se não seja architecto de ruinas, a destroçar sem tenção de reerguer ; que não se empunhe sómente o camartello, mas, lhe sigam a trolha e a argamassa para nova obra. Não esquecendo nunca

o preceito de Periandro, de Corintho: *reflectir antes de obrar*.

O que nos parece é que, d'este impetuoso bota-abaixo, vai surdir alguma coisa accetavel. A marinha tem decahido muito, toda é o simile d'uma ruínia; ora, agora que trôam picaretas, e a nossa politica de palliativos se encrespa nas revessas d'um movimento inesperado, é provavel que sobrevenha a phase reparadora, e reamanheçam para os nossos interesses navaes dias menos tristes.

Disse o classico sermonista portuguez que: «A maior furia da tempestade é o mais certo signal, que os marinheiros têm, de se querer mudar o tempo». Que os nossos marinheiros possam verificar, ainda uma vez, a certeza da velha observação, e dissipada a poeira das demolições todos possamos distinguir o resurgimento da marinha gloriosa.

A frota necessaria

*A marinha de hontem e a de hoje.—
O que fazem nossos visinhos, enquanto
abandonamos a marinha.—Nossa frota
do futuro.—A' guiza de programma.
—Navios de oceano, ou navios de rio?
—Cruzadores ou couraçados? — Orça-
mento e justificativas da nova frota.—
Considerações e conclusões.*

NESTAS paginas, de cujo termo nos vamos approximando, temos accentuado que o dever fundamental é a reconstituição do nosso poder maritimo, sob bases mais amplas e mais solidas, e tendo por preliminar o preparo do pessoal, sem o que seria manco e facticio qualquer desdobramento material; todavia, não reputamos menos urgente a recomposição da esquadra, por-

quanto, si navios sem homens não são armada, officiaes sem navios tambem não constituem esquadra.

Os nossos pensamentos se concretisam nisso : é forçoso apparellhar o nucleo do futuro poder naval do paiz, visto que, e ninguem se pode furtar a esta convicção, o Brasil ha de ser uma potencia maritima, queiram-n'o ou não.

Sua immensa costa no Atlantico, e suas fronteiras fluviaes confinando com paizes irrequietos, um dos quaes dispõe de poderosa marinha de guerra, creando-lhe a necessidade de policial-as na paz, defendel-as na guerra, impõem-lhe a obrigação de manter uma solida marinha de guerra, que, além d'esta missão indispensavel, terá ainda a de fortalecer os nervos da unidade nacional, enfraquecidos pelo regimen federativo ; a de garantir os cidadãos brasileiros nas republiquetas em estado perenne de agitação ; a de transmittir, nas urgencias, a acção federal,

e manter a ordem nos extremos do paiz ; a de concorrer para o avanço das sciencias, pelas expedições scientificas, etc.

Temos demonstrado que o Brasil, hoje mais do que nunca, tem necessidade de reconstituir sua marinha de guerra, e tanto mais quanto elle já a possuiu melhor.

Objectar-nos-ão que, n'aquelle tempo o custo de uma esquadra, sua aquisição e manutenção, era bem menor do que hoje, e que nós perderemos tantas mais probabilidades, de possuir uma boa frota de guerra, quanto mais elevado fôr o seu preço.

Não concordamos. Já dissemos que o problema maritimo, para nós outros, não comporta considerações financeiras, custe o que custar, é forçoso resolvel-o ; salvo si renunciemos o pensamento de manter com decóro a soberania do paiz. Todos os escriptores que se têm occupado, com seriedade, d'esta delicada questão, assentam que, para o Bra-

sil, pretender o dominio do mar não é uma aspiração descabida, é uma condicional da sua propria existencia politica.

« A supremacia maritima do Brasil na America do Sul, diz o almirante Jaceguay, não é, pois, simplesmente uma questão de orgulho nacional; sem uma marinha poderosa somos a mais vulneravel das nações.»

Como, afinal, isso não é coisa que admitta oppugnações, poderíamos ficar por aqui quanto á questão de custo; mas, accrescentaremos que, tambem n'aquelle tempo, a nação era muito menos rica do que hoje, e suas receitas muitissimo mais exiguas.

As exportações do paiz em 1864, antes da guerra do Paraguay, foram no valor de 141.068:000\$000 e hoje sobem a cerca de 700.000:000\$000; suas rendas foram n'aquelle anno de 56.494:440\$045 e hoje ascendem a 315.444:805\$108, não computando as receitas estaduaes que, graças a uma discri-

minação insensata, andam por quasi outro tanto. E, todavia, com aquelles recursos, a marinha de então possuía 94 vasos de guerra, de todos os typos, dos quaes 16 couraçados, 6474 officiaes e praças, com 237 canhões; hoje a marinha possui apenas meia duzia de navios aproveitaveis, e uma cambalhada de miseraveis chavecos sem velocidade, sem artilleria moderna, sem munições sufficientes, e, o que é peor, sem officiaes nem marinheiros.

Quereis saber o effectivo do corpo de marinheiros? Apenas 1792 praças.

Para o leitor perceber a extensão d'esse dismantelo, basta lhe digamos, que, só para a guarnição da fortaleza Willegaignon e dos poucos navios existentes, são precisos, no minimo, o minimo de 3,780.

Entretanto nossos visinhos, os argentinos, cream, cheios de interesse e amor, a sua poderosa esquadra, com cruzadores e couraçados

dos de primeira ordem. E' que seus homens de Estado não padecem da cegueira incuravel, que atrophiou, de tal modo, a sensibilidade do nervo visual nos de cá, que estes só distinguem no mar o fomentador do commercio, por onde enviamos á Europa o nosso café, e lhe recebemos de troco o *funding-loan*; mas não os deixa reflectir tambem que, como na fabula de Arnault :

*La cause de notre grandeur
Peut l'être aussi de notre perte*

isto é, este oceano, origem de riqueza e poderio das nações que cerca, é igualmente o genitor de cataclysmos sociaes, que subvertem povos e estados.

Tambem a Hespanha nos imitou, deixando arruinar-se sua marinha de guerra, enquanto o seu inimigo natural tratava de aperceber-se, lançando ao mar couraçados como o *Yowa*, o *Indiana*, o *Oregon*, etc., e comprando ou construindo cruzadores moder-

nissimos ; tambem ella (nos empreste a phrase o poeta) deixava com :

Egual ingratiidão e egual vileza....

descer o nivel da idoneidade profissional dos seus artilheiros, torpedistas, e grumetes; porém, mais depressa do que seus politicos o suppunham, sobreveio-lhe a guerra, e após da guerra a derrota, e a vergonha. E só n'uma batalha, já o dissemos atraz, ella veio a perder mais, muito mais, do que teria gasto em zelar a sua força naval durante annos.

Ah ! si os nossos homens se subtrahissem, um pouco de tempo, á politica dos partidos, si, n'um quarto de hora ao menos, se detivessem sobre este logar emocionante da historia da Hespanha ; como elles se resolveriam a curar da marinha ! Como elles amariam esse instrumento indicador da pujança dos povos !

Como elles iniciariam as providencias para que, tambem entre nós, a marinha fosse digna d'essa definição, com que a ella se referio um grande sabio contemporaneo — « arte sublime, maravilhosa combinação de sciencia e de audacia, obra prima da concepção humana, que domando o mar e, neutralizando seus perigos, faz do oceano o dominio do homem»!

**

Acreditamos, porém, que o presente periodo presidencial não terminará sem que se tenha operado uma transformação salutar na politica, até aqui seguida pela Republica, para com a sua força naval. E, de facto, ainda nos primeiros mezes d'este quadriennio, atormentado pela situação financeira que os muitos erros lhe legaram, vemos que se annunciam reformas e se intenta realisar a velha aspiração dos competentes — a mu-

dança do arsenal do Rio de Janeiro, e a sua remodelação.

Bem: si assim é, que o verdadeiro patriotismo anime o governo ; que não lhe falte o apoio de todos os bons brasileiros.

Voltemos, porém, á substancia do presente e ultimo capitulo.

N'este ponto é chegado o ensejo de tratar particularmente da esquadra, do seu material componente ; mas o faremos succintamente, deixando aos profissionaes a tarefa, que em tempo desempenharão, de formularem o plano da reorganisação da frota.

O primeiro objecto a ventilar é o ponto de estrategia naval controvertido: si deve prevalecer uma frota apropriada á navegação dos estuarios do Prata, do Amazonas, e dos mais rios o que, nos custando muito menos, nos apparelha para levar a guerra ao interior do continente, onde, para muitos se afigura, ainda estão os nossos inimigos provaveis ; ou si adoptaremos a composição de uma

esquadra alterosa, capaz de sustentar a guerra no oceano (1).

Os politicos da monarchia, quasi sempre, pensaram com os primeiros, e assim é, que, ao romper a guerra contra Lopez, á excepção da *Nictheroy*, todos os mais navios podiam navegar no rio Paraguay, cujas aguas, logo á primeira batalha, ficaram sob o dominio de nossos vasos.

D'essa vez, pois, pelo menos, andavam bem avisados. A tactica dos pequenos barcos era a accetivel; posto que o caso só seria concludente si o inimigo dispuzesse d'uma esquadra de oceano, contra a qual nossos vasos de rio nos tivessem obtido a victoria.

(1) Já assignalámos, convenientemente, em capitulo anterior, nossa opinião sobre este particular. Achamos que é um erro visar o inimigo só no continente; quer nos parecer que o inimigo mais facilmente virá de fóra da America Meridional, e que o perigo não está nas fronteiras fluviaes tanto quanto nas do Atlantico.

Em referencia á composição da frota, repetiremos tambem que: sem preceder uma concepção basica, um plano systematisado de alta estrategia, toda tentativa de organização naval não será mais do que um esforço esteril.

Mas, hoje a situação e as circunstancias não são as mesmas.

A Republica Argentina, por exemplo, optou pelas grandes unidades de oceano; dir-se-á, talvez, que os argentinos, quando preparavam essa esquadra, collimavam o adversario do momento, que era o Chile, possuidor de grandes e possantes navios. E' de alguma sorte verdadeira a consideração; mas o que vemos, demais d'isso, é que nenhum povo, dos que pretendem se fazer respeitados no mar, dispensa a posse d'esses poderosos couraçados, cuja efficacia offensiva e defensiva ainda não parece duvidosa, apesar dos progressos da arma torpedica e da navegação sub-aquatica.

Além do que, si temos rios a defender, temos, tambem, o oceano sobre o qual numerosas cidades, desguarnecidas, estão á mercê de qualquer aggressor.

Robora nossa opinião este topico, incisivo e judicioso, de autor a quem temos citado:

« Começo por declarar que separo-me inteiramente d'aquelles que pensam que, mesmo as principaes unidades tacticas da nossa esquadra, devem ter dimensões reduzidas, afim de que possam operar desassombradamente entre os bancos do estuario do Rio da Prata.

Eu tambem pensava assim antes da Argentina possuir uma esquadra de oceano.

Hoje, porém, não posso achar plausivel que os nossos visinhos preparando-se para se fazerem ao mar com baleas, nós nos preparassemos com delfins para irmos ao Prata ; o jogo poderá parecer ardiloso, mas é simplesmente pueril.

O aferro a proporções moderadas dos navios importa em renuncia de poder offensivo e defensivo e em limitação da velocidade e do raio de acção.» (1)

(1) Arthur Jaceguay — *Organisação Naval*, pag. 162.

**

O curioso é que muitos ainda pensam assim, mesmo depois da batalha de Cavite, onde se viu de que serviram, na sua multidão, as canhoneiras que os hespanhóes mantinham em Manilla, e n'outros pontos do archipelago.

Os modernos cruzadores-couraçados argentinos *Belgrano*, *San-Martin*, *Pueyredon*, etc., são navios de cerca de 7.000 toneladas, qualquer d'elles, portanto, muitissimo maior que o nosso *Riachuelo*, velho e cheio de avarias.

Que devemos possuir um certo numero de canhoneiras, monitores de pequeno calado, etc., para operarem nos rios, é fóra de duvida; o nosso arsenal principal e o do Ladario deverão sempre prover a armada d'esta classe de navios, indispensaveis nas fronteiras fluviaes, do norte e do sul do paiz.

Mas, a nosso ver, a organização de uma forte esquadra de oceano deve constituir a preliminar de qualquer plano de recomposição do material fluctuante. Sem preceder a effectividade do dominio do Atlantico, até ao limite das nossas aguas territoriaes, pela presença de navios de grande poder offensivo e defensivo e de grande raio de acção ; por outra, sem estarem positivamente garantidas as fronteiras sobre o oceano ; é puerilidade manifesta cuidar d'essas flotilhas de rio, manter este escarabocho de marinha de guerra, esta esquadra bitolada ao micrometro.

E' essa uma lembrança propria para nos agitar os musculos do riso ; porquanto, quem não se póde sustentar nos mares, menos o poderá nos rios.

Os argentinos si tivessem de realizar o velho sonho, de trazer os seus canhões ao Brasil, não seria pela fronteira de Corrientes que nos desfechariam o primeiro golpe, mas

sim sobre os portos do Rio, Santa Catharina, Bahia, Belem, etc., onde veriamos tremolar ameaçadoramente «*el blanco y celeste de nuestro pabellon*» como la se diz, antes que as fronteiras do sul e sudoeste tivessem sido invadidas. Ou, quando muito, essas operações seriam simultaneas.

Pois ha quem ignore, que o calcanhar de Achilles das nações maritimas são os seus portos? E mormente si elles estão desprotegidos pela esquadra.

Ainda recentemente, na emergencia d'uma declaração de guerra, entre esta nossa vizinha e o Chile, o *Argentinische Tageblatt*, folha buonairensense conhecida pela exactidão de seus conceitos, mostrava que a acção das forças de terra, apesar de se acharem quasi mobilisadas na fronteira, dependeriam das operações maritimas iniciaes.

«O bom exito da guerra, accrescentava aquelle orgão, dependeria d'um combate naval, e conforme os resultados d'elle se

decidiria a invasão do Chile pela fronteira de Mendoza.»

Quanto ás forças européas ou americanas, n'um caso de guerra contra o Brasil, ellas não visariam senão as cidades maritimas desprotegidas, os portos commerciaes e a capital; mas não vemos probabilidades de que nos ameacem nas aguas interiores. Seria uma diversão inutil. Hoje fere-se no coração. E não se repita a puerilidade de que, pelo direito das gentes, os pontos inermes estão livres de serem atacados. A opinião assentada entre as grandes potencias não é nada semelhante a essa. «Logo que se ataca um ponto inimigo, doutrina-se lá, é dever lembrar logo a tactica dos prussianos : é pela destruição da cidade e do arsenal que se começará. *Mas assolaremos, principalmente, as costas indefesas, as cidades abertas.* Isto é para a civilisação uma desgraça irre-

paravel. Mas, que fazer, quando se trata da defesa nacional, da lucta pela existencia? E' possivel recuar deante da necessidade?» (1)

Actualmente, o custo da guerra e mil outras considerações fazem com que ella deva ser o mais destructiva possivel, para ser tambem mais rapida ; e, pois, não se escolhe para ferir senão o ponto mais sensivel e menos resistente. Ou sejam, para nações como a nossa, as cidades do littoral, que são os órgãos de appropriação e de nutrição do paiz.

E' impossivel que alguém duvide d'isso : que, no caso de um rompimento com qualquer potencia, esta não só não terá outro caminho para nos ferir, além das cidades e portos do Atlantico, como, ainda mesmo que o tivesse, preferiria hostilisar-nos por ahí, onde, com menores despezas e nenhum trabalho, nos infligiria, duramente, o effeito

(1) Gabriel Charmes.— *Les torpilleurs autonomes et l'avenir de la marine*, pags. 154 e 155.

do grande alcance e precisão de seus canhões.

Calcularão, por ventura, os nossos ideólogos, que as considerações de philantropia e humanitarismo poderiam deter os obuzes explosivos, e os projectis incendiarios do inimigo?

Que lhes respondam os tratadistas europeus :

« Mesmo para um fim secundario, é preciso que ella (a guerra) objective a derrota total do inimigo » e mais adiante « Em uma coisa tão grave como é a guerra, os erros provenientes da bondade do coração tornam-se os mais perigosos ». Isto adverte um dos mais apreciados escriptores da litteratura militar prussiana, o barão Kolmar von der Goltz. ⁽¹⁾

Ao que acode logo, completando, e accentuando a doutrina, do outro lado do Rheno, um estrategista naval francez: *dix ports de*

⁽¹⁾ K. v. der Goltz. *La nation armée (Das Volk in Waffen)* traducção franceza de Ernest Jaeglé pag. 3.

commerce anéantis, une côte ravagée, voilà une nation prosternée, mendiante, paralysée pour plusieurs ans. (1)

« A perda de uma batalha naval, não é tão sensível pelos homens e pelos navios que desaparecem, como pela ruína das costas, das cidades e estabelecimentos do littoral, que ficariam sem defesa.» (1) E que importa ficarem sem defesa, inquiriremos nós? Pois as cidades abertas não estão protegidas pelo Direito Internacional, pois é bastante que um littoral esteja sem defesa bellica para que seja calculada, desde logo, sua perda?

Infelizmente, é como é. «*Toda idéa de philantropia na guerra, diz Clausewitz, é um erro dos mais perigosos*», e como elle pensam todos os governos praticos. Consequentemente, si uma nação de enorme linha de

(1) *La Marine Française*, artigo de X., sob título «Marinha de Guerra e tropas coloniaes», fascículo de 12 de Abril de 1891.

(1) Z... & H. Montechant.— *Guerres navales de demain*, pag. 9.

costas desarmadas, e rica de cidades commerciaes, a beira mar, vem á guerra, com outra que póde tomar a offensiva no mar, deve reputar infallivel o ataque sobre estes pontos. Alimentar a presumpção de que os dictames liberaes ou philantropicos podem ser um obstaculo a esta tactica, é voluntariamente preparar-se as mais consternadoras decepções, é contar com o absurdo. *Introduire un principe modérateur dans la philosophie de la guerre, c'est commettre une absurdité.* (1)



Ora, visto que o perigo virá pelo Atlantico, e não pelos rios, de que nos servirá uma esquadra incapaz de operar no oceano, quando pelo oceano nos apparecer a offensiva ?

De que nos serviria, na presença d'uma esquadra de qualquer das potencias, a mais

(1) Clausewitz. *Le Droit des gens à la guerre.*

numerosa frota de navios como o *Tiradentes*, o *Republica* e semelhantes, cujo deslocamento exíguo não comporta nenhuma combinação das qualidades táticas, náuticas, offensivas ou defensivas?

Dizia, já no seu tempo, o padre Vieira, que, si o rei lh'o permittisse, sobre esta questão de pequenos barcos, elle lhe inculcaria uma esplendida festa : nada menos de trinta e nove fogueiras, que tantas eram as caravelas da marinha da colonia. E accrescentava : «As caravelas, senhor, são escolas de fugir, e de fazer cobardes homens do mar, e de entregar aos inimigos, do primeiro tiro, a substancia do Brasil. (1) Prohiba, V. M. as caravelas, e que em seu lugar naveguem os portuguezes em náos grandes e bem artilha-

(1) Que nitida intuição das coisas, que possuia o famoso jesuita luso-brasileiro? Dir-se-ia ter a concepção da tactica naval de nossos dias, quem d'aquelle modo, ha alguns seculos, desvendava as necessidades da marinha a empregar na defesa do Brasil. Uma lição do passado aos estadistas do presente. As linhas que transcrevemos vêm na *Carta ao Conde de Ericeira* ; é a CXVIIIª, do tomo II.

das, as quaes, pelo contrario, serão as escolas em que as armas de V. M. terão tão valentes soldados no mar como na terra.»

Escolas de fugir, pois, eis o que são, ainda hoje, navios de proporções reduzidas, com os quaes, nos seus éstos de patriotismo, certos estadistas nossos, e até alguns profissionaes, desejam formar o material da defesa maritima da Republica.

Taes estrategistas, dilettantes do genero «miniatura», cahiriam estatelados de pavor, si tivessem de prover a defesa do paiz de Brogdinak; em compensação, iriam mesmo a calhar organisando o material fluctuante da armada de Lilliput.

Não somos apologista dos «masthodontes» de 12, 14 e 15.000 toneladas, cidadellas fluctuantes, que um *Whitehade* bem dirigido faz voar, com os seus 600 tripulantes, e canhões e tudo.

Parece-nos que nunca o Brasil os possuirá, porquanto, para o papel defensivo de sua marinha de guerra, lhe bastam construcções muito mais modestas e menos dispendiosas.

Ha, porém, possibilidade de se obter unidades, que representem uma solução média, entre essas duas tendencias para o exaggero.

Nossa esquadra deve ser constituída por vasos que possam preencher estas funcções em tempo de guerra :

- 1.^a Assegurar a inviolabilidade de nossas fronteiras maritimas e fluviaes ;
- 2.^a Proteger o commercio nacional costeiro, contra o corso e as depredações do inimigo ;
- 3.^a Garantir as communicações entre os Estados ;

Para estar apta á desempenhar este triplice dever, do seu programma defensivo, a esquadra ha de possuir, segundo nossa humillima opinião :

- 1.^o — Couraçados de esquadra capazes de empenhar acção com o inimigo longe das

aguas territoriaes e manter-se no oceano com um maximum de acção ininterrupta ;

2.º — Cruzadores de boa marcha e grande raio de acção ;

3.º — Couraçados guarda-costas de poderosa artilheria e forte couraçamento, para a defesa dos portos ;

4.º — Canhoneiras e monitores de minimo calado, para manobrem nos rios ;

5.º — Torpedeiras e caça-torpedeiras, para as estações em todos os pontos de accesso do littoral.

Ora, d'estes elementos uns podem ser fabricados no paiz, e, n'uma emergencia, certamente a esquadra se proveria d'elles sem grande difficuldade ; outros, porém, só os adquiririamos nos estaleiros da Europa, e mediante certo espaço de tempo, que se deve calcular de dois annos, pelo menos; sendo que declarada a guerra já os não receberiamos.

E' evidente, por conseguinte, que devemos nos apparellhar agora com o que só agora,

em tempo de paz, poderemos obter ; isto é, seja formada, com antecedencia, a esquadra que não poderíamos improvisar no dia do conflicto.

Organisemos a nossa esquadra capaz de evolucionar no oceano, de guardar-nos a extensa fronteira, e proteger o commercio nacional ; que, quanto aos rios, quando fôr preciso, fabricaremos facilmente a esquadra propria d'elles.

Quando a guerra expluir, o paiz que se achar de posse de uma frota de oceano para defender-se, não terá, provavelmente, necessidade de flotilhas especiaes de rio ; mas, si o tiver, não lhe será difficil organisal-as.

A' inversa, si o paiz fôr sorprendido sem uma boa esquadra de oceano, mas apenas apoiado em elementos fluviaes, a violação de suas fronteiras maritimas logo ao começar, e por fim, o assedio e a tomada de seus portos interiores vir-lhe-ão provar que já é inutil

toda resistencia, nada mais resta que a capitulação inevitavel.

Na guerra de secessão, os Estados do Norte querendo estabelecer o bloqueio dos rios confederados construíram, em pouco tempo, 23 canhoneiras, de 10 nós de velocidade, e de 504 toneladas, cada uma.

Mas, sabeis porque o fizeram? Porque, ao declarar-se a guerra, os do norte, dispondo de uma esquadra de alto bordo, immediatamente assumiram o dominio do mar, e, então foi-lhes facil dispor dos estaleiros particulares e dos recursos disseminados pelo littoral ; (1) « recursos e estaleiros

(1) Vemos n'um trabalho de M. Donald McKay, *La marine des États-Unis avant la guerra e la marine actuelle*, que, ao romperem as hostilidades, a mariuha de guerra, com que o governo empreheudeu as operações contra os confederados, compunha-se dos seguintes vasos que, áquelle tempo, eram considerados vultuosos e propios para o oceano: fragatas á helice *Merrimac*, *Wabash*, *Minnesota*, *Roanoke* e *Colorado*, de 3.350 toneladas cada uma ; a grande corveta a helice *Niagara*, de 4.582 toneladas ; as corvetas de 1ª classe *Richmond*, *Brooklyn*, *San Jacinto*, *Hartford*, *Pensacola*, e *Leucastre*, todas de 2.000 toneladas, e mais

que, aliás, não eram consideráveis, » dil-o em apoio d'essa these M. Donald Mckay. (1)

Foi porque, desde o inicio das hostilidades, se acharam com os grandes vasos da esquadra de oceano, que os federados puderam limpar as costas da União dos chamados *cruzadores confederados*, mas, que, em realidade, não passavam de piratas inglezes, construidos na Inglaterra, armados com canhões inglezes e tripulados por pessoal inglez, para depredações contra o commercio.

Varrida do littoral esta praga de fibusteiros, foi então possível reatarem-se as commu-

14 grandes navios, de 2.400 toneladas para baixo, cada um; ou fosse um total de 26 navios, com 49.700 toneladas. Com taes elementos os do norte em breve varreram do mar os confederados e puderam construir a grande esquadra, de todos os typos, que effectuou o bloqueio e levou a guerra aos ultimos reductos confederados.

Verifica-se, portanto, que a posse de unidades de esquadra deve preceder a de embarcações de rio, da mesma sorte que a lucta no mar precede á lucta no interior.

(1) M. Donald Mckay — *La marine des États-Unis avant la guerre et la marine actuelle*. Traduit par C. de Cuverville. Pag. 9.

nicações de Estado a Estado, emquanto que, bloqueados nas aguas interiores, os confederados dispondo apenas de suas flotilhas de rios, incapazes de bater os grandes vasos, não podiam cogitar de construir navios em numero sufficiente, e se limitavam a preparar fortificações, barragens, torpilhamentos, etc., para uma resistencia cyclopica, mas, em todo caso, inutil, visto que, temol-o repetido, o dominio do mar é o caminho infallivel do triumpho.

E o que se deu alli é o que, afinal, se ha de dar sempre, até que a navegação submarina seja um problema resolvido. Sem navios dotados de amplo poder offensivo e defensivo, e de grande raio de acção, é toleima pretender sustentar-se sobre o mar. Esses são os termos que dominam toda questão de estrategia naval.

Ora, taes requisitos só podem ser conjugados nos couraçados de esquadra; só n'estas grandes machinas, prodigios da sciencia e

da arte contemporaneas, podem se combinar as qualidades de resistencia, possança artilheira, velocidade regular, e capacidade de aprovisionamentos possiveis de conservarem-n'o o maximo de tempo em acção ininterrupta.

**

E aqui tocamos nós n'um outro thema, sempre agitado quando se trata da reorganisação de nossa marinha; referimo-nos á questão da preferencia entre cruzadores e couraçados, entre a velocidade e o poder combatente.

Os successos da guerra Chino-japoneza forneceram muito material á controversia, enthusiasmando os partidarios da velocidade, cujas idéas pareceram litteralmente triumphantes, no modo porque se desempenharam os cruzadores japonezes, nas batalhas de Ya-lú e de Wei-Hai-Wei. Sobrevieram, porém, os acontecimentos hispano-americanos,

e logo vio-se a razão como que proponder aos partidarios dos mastodontes monometalicos.

De facto, si em Ya-lú os cruzadores japonezes deveram a victoria á rapidez e segurança de suas evoluções, em Santiago ficou patente a contingencia d'essas qualidades, e o perigo que ha em confiar demais nos attributos caracteristicos do cruzador. Talvez as mil circumstancias constituintes, n'aquelle episodio, da visivel inferioridade da frota hespanhola, nos aconselhem a não receber, como definitivas e concludentes, as deducções a tirar d'esse exemplo ; mas, tambem não impedem a que reconheçamos, na valia dos couraçados, o principal factor d'aquella victoria americana.

Comtudo, não temos que nos propor a elucidação d'esses problemas. Isso aos profissionaes. Depois, já ha alguns annos escrevia uma auctoridade, bem avisada, commentando o livro *Les bâtimens cuirassés et l'artillerie*

rayée, de Xavier Raymond, estas palavras que exprimem ainda o puro bom senso:

« Lembraremos que, em se tratando de engenhos de guerra, toda critica *a priori* não tem senão um valor secundario; os raciocinios mais engenhosos, as concepções melhor estabelecidas devem encontrar sua sancção definitiva na prova do campo de batalha.» (1)

E' certo que, si a frota Cervera não se compuzesse de rapidos cruzadores, não teria operado aquella admiravel travessia, de Cabo Verde a Santiago, sem se deixar presentir dos exploradores e avisos americanos; mas, afinal essa manobra adiou apenas o desfecho, mudou o campo de batalha, que foi Santiago quando poderia ter sido Havana ou alhures. Emtanto, si em lugar do *Viscaya*, *Colon*, *Oquendo* e *Maria Thereza*, Cervera tivesse sob seu commando quatro couraçados do

(1) C. de Cuverville.— *Les batiments cuirassés*, Paris, Librairie Militar Maritime et Polytechnique, pag. 3.

typo *Pelayo*, quer-nos parecer, o exito da batalha de Santiago não lhe fôra tão desafortunado.

Para nós, a organização desde já da defesa nacional, no Atlantico, não póde prescindir d'essas unidades tacticas em estado de combater :

ESQUADRA DE EVOLUÇÕES

2 couraçados de primeira ordem de 8.000 toneladas, 18 nós de marcha.....	36.000:000\$000
3 cruzadores couraçados do typo do <i>Riachuelo</i> , com maior velocidade.....	44.000:000\$000
6 cruzadores do typo do <i>Almirante Barroso</i>	30.000:000\$000
10 caça-torpedeiras de grande velocidade..	10.000:000\$000

ESQUADRA GUARDA-COSTAS

10 guarda-costas do typo do <i>Marechal Deodoro</i> , para defesa dos portos, etc.....	80.000:000\$000
40 torpedeiras de porto.....	8.000:000\$000
2 transportes.....	2.500:000\$300
1 barco-hospital.....	800:000\$000
	<hr/>
	211.300:000\$000

Temos ali cerca de duzentos e onze mil contos que, repartidos por dez exercicios, dar-nos-iam uma esquadra regular, por, apenas, 21.000:000\$ cada anno; elevados convenientemente os effectivos da officialidade e guarnições, e installadas com material moderno as officinas da Bahia e do Ladarío, cremos que não attingiria a 35.000:000\$ o orçamento annual da marinha, alguma coisa mais do que se gasta hoje, é verdade; mas, em compensação, ter-se-ia uma esquadra capaz de proteger as nossas cidades maritimas e garantir-nos contra qualquer possível surpresa.

A quem nos increpasse largueza no programma que ali está, responderiamos que: muito mais se tem gasto com os «calhambeques» existentes, e com os serviços desorganizados da marinha. «De 1870 para cá, dizia um almirante em trabalho que temos sob os olhos, e si compulso os balanços das despesas publicas, eu vejo, que para manter-se o

simulacro de uma marinha de guerra, dispenderam-se, nos vinte e cinco annos decorridos, cerca de 400 mil contos do dinheiro dos contribuintes, somma esta que computada pelo valor actual da nossa moeda, representaria pelo menos 800 mil contos.» Responderiamos ainda, que muito mais gastaram, aqui proximo, os nossos visinhos argentinos. Elles não contam ceitis quando se trata da sua esquadra; o mesmo fazem todos os paizes previdentes, zelosos de sua autonomia e dos seus direitos. No estado actual das coisas, e mau grado a impostura ou o platonismo dos «congressos de paz» a resposta a dar, contra certas objecções economicistas, é ainda aquella do ministro Portal ao parlamento de sua terra: «abandonar a marinha para reduzir a despeza, ou augmentar a despeza para melhorar a marinha.»

Demais, não se esqueçam os economicos, n'uma emergencia penosa, o paiz tendo que organizar a sua marinha, de subito, vêr-se-á

forçado a dispender duas, cinco, dez vezes mais, e não obterá coisa que preste. N'essa conjunctura (e Deus a aparte de nós longamente) todos se recriminarão da pastrana imprevidencia que nos atira, inermes, ás mãos do inimigo; mas desatar-se-ão, seja como fôr, os cordões da bolsa publica, e sangrarão todos os vasos e arterias por onde o sangue nacional golphará a flux, visto que, não ha como fugir ás necessidades da propria conservação :

*... la nécessité rompt toutes les barrières,
Tout se fait à se voix, ses lois sont les premières;*

o escreveu Voltaire, e todos nós o sabemos. Pela força da necessidade, gastaremos amanhã um milhar, si não quizermos dispender hoje uma centena.

Accresce que, aquelle total pode ser grandemente reduzido :

a) pela venda da maior parte dos navios actuaes, á proporção que se forem

incorporando á esquadra as novas aquisições ; (1)

b) pela suppressão das despesas com alguns dos arsenaes de marinha e producto da alienação de terrenos, bemfeitorias e material inservivel ;

c) pela extincção de empregos e serviços inuteis ; substituição do pessoal civil, nas repartições de marinha, por officiaes reformados, etc. ;

d) pela subida das taxas cambiaes.

**

A aquisição de couraçados de 8.000 toneladas, como a dos outros valores do nosso programma, está justificada, perfeitamente, pelo exame das unidades componentes das

(1) E' nossa opinião que, exceptuando os seis ou oito vasos mais modernos, da actual esquadra brasileira, todo o restante acervo dos chamados cruzadores, canhoneiras, *et reliqua*, precisa ser alienado, n'uma liquidação formal, ao pregão do leiloeiro, como imprestaveis e perigosas mentiras fluctuantes.

esquadras argentina e chilena. Sem sermos partidario dos couraçados monstros de doze a quinze mil toneladas, admittimos que o Brasil precisaria de algumas unidades d'essa importancia, para oppor aos que qualquer das grandes potencias poderá enviar ao Atlantico sem prejuizo dos seus interesses na Europa e colonias; como, porém, ainda por estes dez a quinze annos, nossos orçamentos não comportarão taes onus, temos que adoptar um typo approximado e de custo accessivel.

Está n'este caso o couraçado de 8.000 toneladas, minimo de deslocamento possivel de comportar as qualidades d'uma unidade tactica de primeira ordem. Além do que, si a Argentina tem feito acquisição de cruzadores couraçados de 7.000 toneladas, como o ex-*Varese*, o *Belgrano* o *Pueyredon*, etc.; si o Chile tem o seu *O'Hyggins*, o seu *Esméralda*, não comprehendemos como o Brasil ha de se conservar aqui, no continente, com os seus sedições chavecos de madeira, de 800, de

1.000, ou pouco mais toneladas, como o *Primeiro de Março*, o *Trajano*, e quejandos outros. E' tempo de se acabar com este amor ao genero minusculo, que dá aos nossos homens a apparencia de verdadeiros doentes de micropsia.

O contra-almirante Fournier, no seu excellente livro, cujo titulo é o mesmo do presente capitulo, (1) tratando das condições materiaes do successo, n'uma guerra naval, aventa a idéa da criação de uma «frota homogenea» constituida de unidades de combate de cerca de 8.000 toneladas; e diz: *é facil de demonstrar que uma frota assim composta (de couraçados de esquadra de minima tonelagem) teria para a mesma tonelagem total, e consequentemente pelo mesmo preço, o maximum de rendimento tactico e strategico.*» (2)

(1) F. E. Fournier. — *La flotte necessaire, ses avantages strategiques, tactiques et économiques.* Paris 1896.

(2) *Ibidem*, pag. 28.

Não abraçaríamos a idéa da frota homogênea, que, conforme a agudeza de observação technista do Sr. barão de Jaceguay, não passa de uma manifestação d'essa tendencia do espirito francez á symetria.

Mas, sob o ponto de vista do senso pratico, e dadas as condições especiaes do nosso paiz, achamos recommendavel o typo de couraçado de esquadra que elle idealisa, como unidade autonoma d'uma tonelagem minima.

Os tres cruzadores-couraçados do typo do *Riachuelo* são necessarios, augmentada a sua marcha a 20 nós, e substituido, por couraçamento de aço-nickel, o que elle possui, para oppor a qualquer combinação dos modernos cruzadores-couraçados dos nossos visinhos.

Os cruzadores do genero *Almirante Barroso* têm a sua missão traçada na extensão das costas sobre o Atlantico, as quaes, n'um caso de guerra, externa ou interna, elles poderiam fiscalisar, impedir ou defender, graças

á sua velocidade que lhes concede uma quasi ubiquidade ; emquanto que os couraçados de esquadra e os cruzadores-couraçados se encontrariam com o aggressor fóra das aguas territoriaes, ou á vista das cidades ameaçadas, operando então em conjuncto com a defesa e as fortificações do littoral.

Sobre os dez guarda-costas suggeridos, não temos muito que nos deter ; seu papel, na defesa das costas, é altamente recommendavel. Dotados de grande poder artilheiro, ao mesmo tempo que d'um couraçamento capaz de affrontar os projectis de grosso calibre dos grandes couraçados, elles impõem-se a todo paiz possuidor d'uma linha de costas como as do Brasil, ás quaes não se póde pensar em fortificar efficazmente em toda a sua extensão.

A França no seu *Valmy*, de que tem dois exemplares, está começando uma frota d'estes uteis, e, relativamente, pouco custosos guarda-costas ; nossa marinha parece já os ter adoptado definitivamente, man-

dando construir o *Marechal Deodoro* e o *Marechal Floriano*. Em a nossa opinião de profanos, estes navios convêm grandemente ás nações que, como a nossa, não devem manter senão uma politica defensiva.

Repartidos pelas cidades abertas, e completando, com as flotilhas de torpedeiras, a defesa mobil dos portos no Atlantico, poderíamos infundir, ao estrangeiro aggressivo, o respeito a que só têm direito os povos que se apercebem.

« Assegurada a defesa das cidades abertas, pôde-se dizer assegurada a defesa de todo o littoral. Como o inimigo não n'as poderia investir sem encontrar a resistencia dos veloces e numerosos torpedeiros, tanto menos conseguiria effectuar uma operação de desembarque e transporte de tropas. ⁽¹⁾ Tendo de se haver com estes guarda-costas, as forças do atacante « poderiam ser investidas, com toda

(1) E. Mesturini — *Le Marina Nuova*. Pag. 327.

a facilidade, pelos nossos torpedeiros, os quaes dirigiriam impunemente seus ataques contra os navios inimigos carregados de tropas.» (1)

Foi com este intuito que a Allemanha adquirio os guarda-costas dos typos *Siegfried* e *Odin*, deslocando 3.500 toneladas cada um. A Russia possue, entre os mais recentes, o *Amiral-Apraxine*, de 4.120 toneladas, e o *Krahbry*, de 4.500 toneladas.

Os Estados-Unidos têm para o mesmo effeito uns 13 monitores, typo antigo de que evoluiram os couraçados guarda-costas; a Argentina tem o *Libertad* e outros.

Os nossos *Marechal Deodoro* e *Marechal Floriano* deslocam cerca de 3.000 toneladas e são revestidos de placas de aço-nickel, de 35 centímetros, sendo seus maiores canhões de calibre 240 millímetros. Com os 10 que propomos formariam uma optima esquadra de-

(1) E. Mesturini.— Idem. Pag. 327.

fensora, que, como reductos fluctuantes, e apoiados em regulares estações torpedicas, seriam a garantia de nossas fronteiras maritimas, as mais expostas.

Os demais navios propostos são outros tantos implementos do quadro que, a nosso ver, deve constituir o programma de um plano sério de defesa da Republica, e de levantamento do nosso poder naval no continente.

Eis, em ligeiro schema, o conjuncto dos nossos pensamentos em referencia á marinha de guerra do paiz, não á marinha que ahi está desmantelada e informe — cogmentação amorpha d'uma politica sem ideaes, sem providencias, sem cogitações ; mas á marinha de que a nação precisa, que seu futuro reclama, que o Brasil ha de crear, queiram-n'o ou não os seus Micromegas passageiros, os seus estadistas de fancaria.

Acreditamos, na maior firmeza, que, com a extensa linha de costas que possui, o Brasil deve ser uma potencia naval, ou não será mais do que uma mera expressão geographica, uma preia facil, como o Egypto e a China, á rapinagem das nações expoliadoras. E expoliadores todos os povos, a seu tempo, sel-o-ão, fatalissimamente.

Subordinados ás leis physico-sociologicas, cuja extensão ainda não se assignalou nitidamente nos seus phenomenos, os povos vivazes, em chegando a certa phase de crescimento, são propellidos á absorpção dos mais debeis, e lançam-se á conquista dos territorios mal povoados, que tanto mais lhes aguçam o instincto quanto são mais ferteis, mais ricos, mais formosos. N'outros graus da vida animal, podem talvez, quem sabe? ser expressões da mesma lei, modalidades do mesmo phenomeno, essas nuvens de insectos devastadores, que abatem sobre os campos e as searas, a devoral-os edacissima-

mente ; esses bandos inesperados de cysnes, de andorinhas, voadores migrantes, nómades do ar, cuja arribação oscilla com o rhytmo das estações ; esses cardumes de peixes de regiões diversas procurando n'outras correntes, n'outras condições climatologicas, o que não encontraram na região em que nasceram.

Mas os antecedentes dos phenomenos que nos ameaçam nas raças de hoje, são as migrações historicas de homens, assignaladas, nas invasões da Europa, pelos barbaros da idade média, sobre o imperio romano em decadencia, pelos Hunos, pelos Lombardos na Italia, etc., etc.

São ainda os mesmos instinctos, é ainda a mesma força incohercivel que propulsa, para fóra do seu berço natural, estas torrentes humanas, das nações européas despejando sobre as populações pouco densas, sobre os paizes fracos, o excedente de seus habitadores. Assim a Allemanha tem arrojado longe

do continente, em pouco tempo, tres a quatro milhões de homens ; os italianos mais do que isto, para as duas Americas e para a Africa ; a Inglaterra ainda mais, disseminados por toda parte. Os processos, por que se operam hoje estas migrações, são já completamente diversos dos de seus ancestraes ; comtudo, para os povos que as recebem, os resultados ainda guardam muita analogia : si por sua cohesão nacional, pelo seu estado de cultura, pelos seus sentimentos de autonomia e nativismo o povo que as recebe é bastante forte, acaba por absorver e assimilar os adventicios ; si, porém, lhe fallece estes predicados, são os invasores que dominarão e devorarão, n'um sentido metaphorico, a sociedade invadida, que desaparecerá.

N'uma palavra, taes phenomenos, n'esta altura da evolução humana, mudaram de aspecto, mas não mudaram de extensão seus resultados : todo povo chegando a predeterminada phase de crescimento, e attingido um

certo grau de poder assimilativo, será, pela força das leis naturaes, uma nação possuida das impulsivacões migratorias, será, pois — em relação aos povos fracos — expoliadora, annexionista, absorpsora.

Ora, como se dá a absorpção das nações fracas pelas fortes, hoje, é sabido; as potencias, principiam por uma tarefa paciente de adaptação da presa ao fim que a espera, como fazem aos gansos da Alsacia os fabricantes do *pâté-foie-gras*; este é o periodo dos missionarios, dos emigrantes, dos exploradores politicos disfarçados em excursionistas scientificos, da espionagem encoberta sob o hybridismo dos diplomatas *commis-voyageurs*, ao que se segue o periodo dos banqueiros prestamistas, dos negociadores de convenios mais complicados do que sérios, e mais perfidos que complicados, etc.

Por fim, quando a victima se acha sufficientemente deglutivel, eis chegado o momento. Um pretexto qualquer resurte para

o forte, ou elle o faz surdir : ora é preciso proteger seus nacionaes, ora tem de apoiar uma reclamação diplomatica, e em breve vereis, sobre as fronteiras, os canhões e as bandeiras do invasor que, com resistencia ou sem ella, declara o regimen do protectorado, ou a annexação pura e simples.

Foi como se passaram as coisas em relação á India, á Conchinchina, á Tunisia, a Algeria, Madagascar, o Egypto, a Coréa, as ilhas Haway; é como se estão ellas desenrolando quanto á grande China, e como se prophetisa que acontecerá ás nações neo-latinas, habitadoras das mais ricas e invejaveis porções da terra emergida, e, ao mesmo tempo, as menos apparelhadas para a resistencia, graças ás suas interminaveis disenções intimas, graças aos detestaveis costumes politicos que as enfraquecem.

Não é só factivel, pois; é provavel que tenhamos tambem o nosso dia de surpresa, já que, pelo abandono systematico do poder

maritimo, a politica do Brasil não faz senão lhe imprimir, cada dia, o facies dos povos conquistaveis. « *Les peuples aussi bien que les individus n'entrevoient point leur destinées* », isto escreveu um autor, ponderando que, quando a França enviava á Algeria a expedição Dupperré, ella imaginava apenas infligir um castigo, pelo incidente de que foi victima o seu consul em Alger, e, entretanto, ella lançava alli as bases de uma «conquista para o progresso e para a civilisação», metaphora sonóra das depredações internacionaes. Eis portanto : qualquer incidente póde ser, para nós, sem que se nos afigure tal ao principio, o começar de irremediaveis acontecimentos contra a segurança e a soberania do paiz.

São estas as previsões, são estes os raciocinios que dictaram as paginas do presente trabalho.

Não nos fazemos illusões quanto á repercussão que esta ordem de idéas ha de ter no momento ; os partidos politicos empolgam

os homens no seu turbilhão ; as questiunculas e travacontas da politicagem não lhes concede nenhum repouso para a meditação de taes problemas ; e, pois, continuarão, ainda por algum tempo, a negligencia e o menospreço volitando sobre os destroços esparços da marinha de guerra. Mas, nós temos cumprido um dever indispensavel, temos nos desobrigado, para com a patria, do comprisso para com ella contrahido, em horas de meditação sobre a historia das catastrophes recentes, para cujo estudo não nos obscureceu a vista, nem nos embotou o coração, nenhuma das preocupações que hoje em dia attrahem, corrompem e esterilizam tantos dos nossos compatriotas.

Nossas fronteiras opalinas, estendidas longamente sobre o Atlantico, parecem prescru-tar-lhe, na immensidão, o mysterio das coisas que estão por vir. O oceano na flebilidade do seu estuar as beija, e lhes segreda o indecifavel dos seus mysterios, do seio eterno

de suas aguas, onde a monera primeiro evoluiu, e a cujas margens nasceram e pereceram todas as grandes obras humanas ; o que a sua voz lhes expressa, no timbre indissolvel das ondas em borrasca, ou no odor das algas, e da salsugem que as penetra, é a exhortação perenne contra os perigos invisiveis, é o aviso oracular das submersões historicas nas quaes tantos povos desapareceram. A borda do mar só se criam as naturezas resistentes, a rocha, a concha, a areia, derradeira metamorphose irreductivel das desaggregações graniticas ; o homem e suas obras ahi participarão d'essa natureza indominavel que resiste ás actuações exteriores, ou frageis desfar-se-hão, summir-se-hão, com a poeira dos destroços marinhos, espalhados, dissolvidos na marea.

E' o que nos diz o oceano pela voz d'estes 6.000 kilometros de ondas, a repetirem, dia a dia, ás populações de nossas fronteiras cujas ribas, afagadas dos intermundios movediços

do Atlantico, não n'o deixarão de entender : sêde fortes ou succumbireis ! Mas estas exhortações perdem-se no espaço, como os echos inintelligiveis da tempestade ; e os nossos directores politicos nada ouvem, nada percebem. Que ninguem lhes perturbe os descuidados dias ; ninguem lhes aponte o negror que fecha o horisonte ; nenhum alarme quebre a harmonia jubilosa de suas agonaes politicas. . .

Tambem no tempo dos prophetas todos os avisos eram desprezados, e os grandes se banqueteiavam em torno do rei Evil-Merodac, o insensato, quando cahio sobre o reino e sobre elles o inimigo, e os manietou e lhes arrancou das orbitas os olhos com que não quizeram ver quando era tempo de ver.

ERRATA

Por circumstancias alheias á sua vontade, o autor não ponde assistir, ininterruptamente, á impressão do seu trabalho, para que fizesse uma revisão cuidada e completa ; isso explica a presença, no texto, de varios lapsos que o afeiam, e que o leitor facilmente desculpará.

Deve-se notar, entretanto, os seguintes :

PAGINA	LINHA	EM LOGAR DE	LÊA-SE
42	3	<i>Richilieu</i>	Richelieu
49	6	<i>despuzer</i>	dispuzer
49	22	<i>Cartas da Inglaterra</i>	<i>Cartas de Inglaterra</i>
52	13	<i>milímetros</i>	millímetros
56	13	<i>fecha os mares</i>	fecha os mares
100	18	<i>exímio</i>	eximio
104	5	<i>à respeito</i>	a respeito
105	6	<i>vozeiar</i>	vozear
109	16	<i>Brazil Silvado</i>	Brazilio Silvado
119	74	<i>appropriam</i>	apropriam
122	13	<i>Cockrane</i>	Cochrane
126	1	<i>annular-se</i>	annullar-se
127	15	<i>tem</i>	têm
133	18	<i>advirá</i>	advirá

PAGINA	LINHA	EM LOGAR DE	LÊA-SE
141	7	<i>indentificarem</i>	identificarem
148	10	<i>os cidadãos, têm</i>	os cidadãos têm
169	15	<i>verem</i>	ver
178	9	<i>enverter</i>	inverter
181	2	<i>se contém</i>	se contém
188	20	<i>Teine</i>	Taine
204	19	<i>frotilha</i>	flotilha
214	4	<i>obrigal-os</i>	obrigal-o
216	13	<i>Mississipe</i>	Mississippi
218	1	<i>robarativo</i>	roborativo
219	17	<i>bombardeiar</i>	bombardear
226	7	<i>â impraticabilidade</i>	a impraticabilidade
226	10	<i>cupolas</i>	cupulas
226	11	<i>metálicas</i>	metálicas
232	8	<i>nos apresentava</i>	nos apresentavam
233	7	<i>perigrina</i>	peregrina
235	6	<i>metempschosc</i>	metempsychose
236	19	<i>Laybnitz</i>	Leibnitz
238	10	<i>obcessão</i>	obsessão
243	13	<i>oprobrio</i>	opprobrio
257	14	<i>circundam</i>	circumdã
287	9	<i>cerca de 253</i>	cerca de 250

INDICE

	PAGS.
Prefacio.....	VII
Preliminar do autor.....	XIII
Nações vivas e nações mortas. — Os povos debeis perante o egoismo das potencias. — O perigo americano. — O discurso de Lord Salisbury. — Elações. — Nações vivaces e nações moribundas. — A hypocrisia britannica. — Utopias e realidades tangiveis. — A guerra maritima hispano-americana. — Só os povos apercebidos conseguem ser respeitados	4
Decadencia da nossa marinha militar. — O dominio do mar assegura a victoria, nas guerras modernas. — Porque? — «Quem diz Brazil diz marinha». — Pacificos e economicos. — Necessidade de um plano systematico de defesa nacional. — A marinha de outro tempo, e a marinha da actualidade. — Parallelismos da historia naval, Aboukir e Trafalgar. — Alvorada fugace. — Só os povos vivos caminham	47
O caso sino-japonez. — O livro do Dr. Ruy Barbosa. — A guerra confirmando os conceitos do publicista. — Inefficacia da defesa terrestre quando as fronteiras do mar estão indefesas. — Não se improvisa a defesa maritima. — O exemplo da Inglaterra...	83

	PAGS.
O caso americano-hespanhol. — Echos da imprensa estrangeira applicaveis á nossa situação. — O poder naval da França e as preoccupações dos jornalistas. — Um artigo de L. Millevoye. — Estadistas divorciados da nação. — Uma reminiscencia historico-parlamentar.....	103
O poder marítimo. — O que propugnamos. — A lucta pelo dominio do mar. — Hypertrophia da producção naval. — Estamos nos ultimos degrãos, na ordem das potencias maritimas. — Tudo tem a sua manhã. — Faz-se mister um «bom movimento». — A objecção financeira. — Preparemos officaes e marinheiros.....	128
A idoneidade profissional. — O preparo da tripulação como preliminar de uma verdadeira organização naval. — Artilheiros, artilheiros! — Marinha decorativa e almirantes de enseiada. — Necessidade do conhecimento da nossa fronteira maritima. — Nada exculpa os governos negligentes. — O Japão deve ser tomado como exemplo. — A Belgica, sua marinha e seus estadistas. — Conjecturas e hypotheses.....	151
Nossos portos. — No mar se decidem as guerras modernas. — O Brazil trahido por seus homens. — Nossas cidades maritimas estão á mercê do inimigo. — Um stygma phrenológico explicando uma politica. — A defesa torpedica dos portos. — Argumentos historicos, opiniões.....	195
O preconceito das despezas militares. — O paradoxo da paz. — Wirchow e a obra de Bismarck. — O «contrôle» estrangeiro. — O espirito de Machiavel. — Venha da Europa o exemplo. — Parecidos. — Ultimo prodigio da metempschose pytagorica. — Propuguemos sempre.....	236

	PAGS.
O custeio da marinha. — Sobre o orçamento da marinha. — A ruina actual. — Que se espera? — Inefficacia dos esforços de ultima hora. — Os exemplos de casa e os de fóra. — Em que deram as economias dos governos hespanhóes com a sua marinha. — Balanço de erros e licção para nós-outros.....	262
Possibilidades de nossa reconstituição naval. — Confiar em si mesmas, deve ser a divisa das nações prudentes. — Não cogitamos de abdicar nossa autonomia nacional. — No que isso obriga os governos. — Temos que recuperar nosso prestigio no continente. — As bases do poder marítimo entre nós. — A cabotagem e suas viscissitudes, consequencias da lei de nacionalisação. — Os arsenaes.....	287
A frota necessaria. — A marinha de hontem e a de hoje. — O que fazem os nossos visinhos, emquanto abandonamos a marinha. — Nossa frota do futuro. A' guiza de programma. — Navios de oceano, ou navios de rio? — Cruzadores ou couraçados? — Orçamento e justificativas da nossa frota. — Considerações e conclusão.....	317
Errata	369

